

Franca da Rímini era um nome conhecido por todas as mulheres elegantes da Europa. Estrelas de cinema e princesas disputavam os vestidos que ela assinava. Os homens a cortejavam. Tão linda, tão jovem, tão famosa! Mas ninguém sabia que ela um dia tinha sido apenas Francesca, uma garota selvagem que crescera na miséria, conhecendo o lado mais sórdido da vida. Nem que sufocava no coração o amor impossível por um homem que a considerava apenas uma irmãzinha: lorde Lanyon, que salvou sua vida nas selvas da América do Sul, Mas, de que adiantava estar vivendo triunfante... longe dele?

Chuva de brilhantes

Anne Weale

“Rain of diamonds”

Capítulo I

Francesca estava na prancheta de desenho, mas a inspiração não vinha. Girava preguiçosamente o lápis entre os dedos longos, olhando distraída para os anéis de prata e as espirais indianas de ouro, quando o telefone tocou.

Alcançou o fone.

— Alô?

— A condessa está chegando — avisou sua assistente.

A condessa tinha sido uma das primeiras freguesas importantes de Francesca. Hoje, a loja na pequena rua de Beauchamp era frequentada por muitas das mais elegantes mulheres, não só de Londres, mas de toda a Europa, que vinham à procura de roupas e acessórios exclusivos.

— Vou descer imediatamente. Obrigada, Susie.



Deixou a prancheta e olhou rapidamente pela janela. Um Rolls Royce estava parado diante da porta principal e uma mulher envolta em peles descia dele.

O motorista, que em outros tempos teria saído para abrir a porta para a patroa, continuava atrás do volante. Já ia longe o tempo em que todo o trânsito parava para que uma condessa desembarcasse de sua carruagem. Naqueles dias distantes, as casinhas de Beauchamp, com suas varandas estreitas e degraus de pedra na entrada, eram residências e não boutiques.

Na Londres de agora, mesmo uma dama da nobreza era alvo das buzinas impacientes. Uma fila de táxis, caminhões de entrega e carros particulares começava a se formar atrás do Rolls Royce. Aquela era uma rua muito usada pelos motoristas, para fugir dos constantes congestionamentos de Knightsbridge.

Quando a condessa entrou, Francesca estava no almoxarifado do segundo andar, onde criava os maravilhosos e exclusivos modelos de noite que, em três anos, tornaram o nome Franca da Rímini quase tão conhecido como os dos maiores estilistas europeus, aparecendo com frequência em revistas especializadas até mesmo dos Estados Unidos.

Mas Francesca sabia que o amparo financeiro, tanto quanto seu talento, a ajudara na dura e árdua caminhada para o sucesso. Sem esse apoio, ela precisaria de dez anos ou mais, até poder se estabelecer em qualquer lugar de Londres que despertasse a atenção daquela clientela da qual seu sucesso dependia.

Antes de descer, olhou-se no imenso espelho perto da porta.

Havia dias, e aquele era um deles, em que se via como uma estranha e quase não podia acreditar que ainda fosse a mesma Francesca Hartley.

O que houve comigo?, pensou, examinando a imagem daquela mulher elegante e sofisticada. O que aconteceu com aquela garota simples que eu era?

Sacudiu a cabeça. Com certeza, todo mundo passava por uma experiência parecida. Não devia ser a única que escondia no íntimo uma personalidade inteiramente diferente da aparência

que os outros viam. Talvez fosse próprio da natureza humana sofrer aquele tipo de transformação. Talvez ele também tivesse mudado.

Uma das coisas que a vida lhe ensinara era a ter autodisciplina. Assim, afastou aqueles pensamentos e desceu. Ao entrar na loja, a condessa conversava com sua assistente.

— Boa tarde, *lady Cornwall*.

— Alô, Franca. Como vai, querida? Mal posso esperar para ver esse vestido novo de que Susie me falou, quando você estava na Itália.

A condessa voltara recentemente de umas férias em Fiji. Sua pele estava tão queimada como a de Francesca tinha sido, muito tempo atrás.

— Espero que goste — disse a moça, certa de que a outra adoraria. *Lady Cornwall* tirou o magnífico chapéu de pele de raposa e, com a ajuda de Susie, despiu o casaco, revelando uma bonita e elegante figura de mulher vestida em tons de cinza, com botas da mesma cor. Sentou-se no sofá atrás de um biombo de laca preto e ouro que formava uma tela de fundo para a vitrine. O resto da loja era aberto ao público. Mas era ali, naquele reservado, que as clientes especiais podiam examinar mais de perto os vestidos de cetim, veludo, tafetá e organza, cuja assinatura de Franca da Rímini fazia com que as mulheres que os usavam se sentissem uma elite privilegiada.

Sempre havia, em média, uns cinquenta modelos na loja. Mas os muito especiais não iam para a vitrine imediatamente. Eram mantidos guardados, quase como segredos de estado, para serem mostrados primeiro para as freguesas *vips*. Uma delas era uma princesa; a segunda, uma estrela do cinema italiano; e a terceira era a condessa.

Durante a viagem de Francesca à Itália, *lady Cornwall* viera à loja; à procura de um traje de noite para usar no primeiro acontecimento social importante da estação: o Baile das Rosas, em Grosvenor House.

Como sabia que a princesa estava grávida e a atriz italiana filmava nos Estados Unidos, Susie confidenciou à condessa que um novo modelo chegaria da confecção naquele dia. Agora, ela mal podia conter a impaciência para ver tal maravilha.

Para Francesca, o vestido também seria uma novidade. Apesar de tê-lo desenhado, ainda não o vira pronto. Ao chegar da Itália, na véspera, ele não estava pronto. Foi entregue na hora do almoço, mas Franca não pôde vê-lo, pois tinha coisa muito mais séria com que se preocupar.

Durante o almoço, Francesca havia sido pedida em casamento e recusara. Temia que sua resposta tivesse posto fim a uma boa amizade, da qual sabia que ia sentir muita falta.

Susie trouxe o vestido, girando-o diante do corpo. Era azul-escuro. Ou verde? A cor mudava a cada movimento, um efeito belíssimo e surpreendente, conseguido com a superposição de várias camadas de tule entre duas saias de gaze e seda selvagem. Lantejoulas prateadas, pedras verdes e canutilhos espelhados salpicados no tule ajudavam a criar a ilusão.

Aquele era de longe o modelo mais ambicioso e caro de Francesca e provocou a reação que esperava: a condessa estava literalmente em choque.

— É maravilhoso, Franca. Simplesmente de tirar o fôlego. Desta vez, você se superou.

— Fico contente que tenha gostado.

— Gostado? Adorei, estou louca por ele. Mal posso esperar para usar.

— Receio que seja um pouco mais caro do que os outros. Todo esse bordado complicado...

— Não quero nem saber quanto custa — disse a condessa, com a despreocupação de quem se casara com um dos poucos nobres realmente ricos. — Posso provar? É do meu manequim?

A moça fez que sim e a outra desapareceu na cabine de provas, acompanhada por Susie.

Francesca foi até a janela. Sentia-se tão desanimada que nem sua amada Londres na primavera conseguia melhorar seu humor. Da

loja, avistava o Museu Vitória e Alberto. Também por perto ficavam a Harrods, o Hyde Park e os jardins de Kensington, onde costumava sentar na grama, em seus poucos momentos de folga, observando os patos e as pessoas despreocupadas que passeavam de barco.

No entanto, nada disso a atraía agora. Os ingleses tinham um ditado: Quando alguém se cansa de Londres, é porque está cansado de viver, pois Londres tem tudo o que o dinheiro pode comprar.

Nem tudo, pensou, com um profundo suspiro.

— O que mais me fascina e intriga é onde você vai buscar suas idéias. Esse vestido é diferente de tudo o que já fez. De tudo o que já vi — disse a condessa, interrompendo seus devaneios. Parou diante do espelho, virando-se de um lado para outro, para ver todos os reflexos.

— Tive a idéia desse vestido quando estava num barco, numa noite estrelada, e um cardume de peixes voadores prateados surgiu de repente.

— Que beleza! Quando foi isso? Num cruzeiro?

— De certa forma... foi.

Francesca verificou que o vestido precisava de uns pequenos ajustes para ficar perfeito e, enquanto anotava as alterações, perguntou:

— Nas suas jóias de família, há algo como uma chuva de brilhantes, *lady Cornwall*?

— Não creio. Por quê?

— É a jóia perfeita para essa roupa.

— Não estou bem certa do que seja. Você disse chuva de brilhantes?

— É. Nunca vi uma assim, mas me descreveram uma vez e eu tinha em mente, quando desenhei o modelo. É uma jóia vitoriana, talvez um tanto rara hoje em dia.

— Sei que minha sogra tinha uma coleção de jóias que pertencera à avó dela. Mas mandou reformar quase toda, porque as peças vitorianas eram consideradas antiquadas e pesadonas.

Foi uma pena, porque os *clips* e pulseiras estão voltando à moda.

— Ficou pensativa por um momento. — Talvez eu encontre uma chuva de brilhantes na Sotheby ou no Harvey & Gare. Vou procurar. E os sapatos? O que você acha?

Francesca deu várias sugestões. Inclusive mandar fazer sapatos especiais, com o mesmo bordado da roupa.

Depois que a condessa saiu, colocou o vestido diante do corpo e olhou-se no espelho,

— Fica melhor em você do que nela — comentou Susie. — *Lady Cornwall* é loura demais para ele. Combina mais com o seu colorido.

O cabelo de Francesca era de um castanho-escuro maravilhoso.

— Eu o desenhei para mim. Quer dizer, pensando em mim. Nunca pretendi usá-lo, realmente. Onde iria com uma roupa dessas?

Percebeu a cara de censura da assistente. A garota não conseguia entender por que a patroa não aproveitava sua posição para ter uma vida social.

Mas Francesca tinha razões para evitar todo tipo de publicidade pessoal. Pouquíssimas pessoas, inclusive alguns de seus amigos, sabiam que usava pseudônimo e que o sobrenome Rímini não tinha nada a ver com seus antepassados italianos.

Ela o escolhera em homenagem a uma outra Francesca, que vivera há setecentos anos, em Ravena. Uma mulher cujo destino trágico sempre a impressionou: obrigada pelos pais a se casar com um homem que não amava, apaixonou-se pelo cunhado, Paolo, e foi assassinada junto com o amante, pelo marido traído.

Não que Francesca tivesse passado por nada parecido. Mas sabia que, por amor, seria capaz de enfrentar qualquer perigo.

Arriscaria tudo por uma noite nos braços do homem que amasse.

— Preciso trabalhar — disse, devolvendo o vestido a Susie.

Quando saía da loja em direção da escada dos fundos, alguém abriu a porta. Olhou por cima do ombro.

Era um homem alto, de cabelo preto e pele tão queimada como a de *lady Cornwall*. Ele se dirigiu a Susie.

— Boa tarde. Esperava encontrar uma amiga aqui.

Aquela voz... Francesca arregalou os olhos verdes. Pensou estar enganada. Não podia ser ele. Notara a semelhança, mas a voz profunda e envolvente...

— Não há mais ninguém aqui, no momento, mas fique à vontade, senhor.

— Posso? Obrigado.

— Não quer sentar?

De onde estava, Francesca não via sua assistente, mas pelo espelho tinha uma boa visão do visitante. Agora, ele se virava de frente e sentava no sofá. Seu coração começou a bater tão violentamente, que levou as mãos ao peito, como para abafar aquele som que poderia chamar a atenção.

Como ele mudara pouco, comparado com ela! As rugas na testa estavam mais marcadas, mas o corpo ainda era musculoso e flexível e a postura, elegante, quase arrogante.

Ouviu Susie perguntar:

— O senhor está certo de que é esta a loja?

— Estou. Minha amiga me deu a impressão de que é uma das clientes especiais de vocês — respondeu, com um sorriso.

Francesca observou que o tempo não havia diminuído seu magnetismo nem seu interesse por mulheres. Susie era atraente, e o sorriso que ele lhe deu provava que também achava isso.

— Oh, não sou uma das donas. Apenas trabalho aqui.

— Existe realmente uma senhora ou senhorita Rímini?

Seu tom não era de quem estava mesmo interessado. Perguntara só para puxar conversa.

Apesar de ser delicada com os amigos e maridos das clientes, Susie não costumava flertar com nenhum deles. Por ser discreta e por estar noiva de um oficial de polícia; os dois pretendiam casar no fim do ano. Havia um leve tom de reprovação em sua voz quando respondeu e, se aquele homem fosse um desconhecido, Francesca teria até achado a situação engraçada.

— Tudo o que o senhor vê aqui foi desenhado pela srta. da Rimini. Ela está lá em cima, no estúdio — disse, muito digna.

— Será que ela é tão encantadora como o nome? Ou é uma senhora gorda de meia-idade?

Com um suspiro, Francesca entrou na loja.

— Talvez o senhor prefira ver por si mesmo — falou, controlando a emoção.

Lentamente ele se levantou, com um brilho de incredulidade nos olhos escuros.

— Francesca!

— Você está certo. Não existe nenhuma Franca da Rímini. Mas meu verdadeiro nome não tem charme e eu... tinha outros motivos para não querer usá-lo.

O autocontrole dele espantou-a. Mas agora que o primeiro choque tinha passado, também ela conseguia aparentar naturalidade.

Aproximando-se, continuou:

— Que lugar impróprio para nos encontrarmos depois de tantos anos.

— Não mais impróprio do que o lugar onde nos encontramos pela primeira vez.

Seu tom agora era frio, mas os olhos brilhavam, selvagens.

Os dois se encararam, em silêncio. Susie olhava de um para outro perplexa.

Francesca teve a impressão de que o tempo voltava atrás e tomava a ser ela mesma novamente, naquele lugar longínquo que jamais esqueceu e do qual lembraria até morrer...

CAPÍTULO II

— Você aí, menino! Vem cá!

A voz autoritária fez Francesca se assustar. Àquela hora, o cais estava deserto. Entre meio-dia e as três da tarde, o calor do sol era intenso e a umidade matava. Muita gente costumava fazer a sesta.

Geralmente, ela também se deitava. Mas na véspera o pai tinha chegado bêbado. Seu ronco e a respiração azeda eram insuportáveis. Como estavam sem dinheiro, dividiam um pequeno

quarto do hotel mais barato da cidade. Não tendo mais para onde ir, resolvera dar um passeio pelo cais.

De manhã, quando estendia uma blusa, sua única muda de roupa, na janela para secar, tinha visto um novo barco chegar ao ancoradouro. Mas até aquele momento, não notara sinal de vida. Agora, havia um homem que acenava para ela.

Apesar de jovem, já conhecera muitos tipos de homem e aprendera a não confiar em nenhum deles. Nem mesmo no pai. Ou especialmente no pai. Andrew era capaz de jogar fora, em uma única noite de jogo o dinheiro de um mês de trabalho. E já tinha feito isso muitas vezes.

O homem que lhe acenava não era um tipo familiar. Tinha a altura e feições de estrangeiro. Falava um espanhol enrolado. Chegou a pensar que estivesse bêbado. Ele, por sua vez, devia imaginar que era uma mestiça. Ou melhor, um garoto mestiço. Até agora, ninguém tinha percebido que o filho do artista Andrew Hartley era na verdade uma filha.

Muita gente a tomava como filho natural de Andrew com uma índia. Apesar dos olhos verdes e do cabelo que, quando limpo, tinha reflexos avermelhados, seu temperamento selvagem sugeria que sangue índio corria em suas veias. Na verdade, a mãe, de quem não guardava nenhuma lembrança, era de uma das mais antigas famílias da Itália.

Quanto tempo mais ela e o pai poderiam continuar com aquela farsa, dependia apenas de seu corpo magro e ágil. Mesmo agora, numa idade em que uma verdadeira mestiça já teria pelo menos duas crianças agarradas às saias, Francesca continuava a parecer um rapazinho: quadris estreitos e seios quase imperceptíveis mesmo sob a camiseta fina.

Pulou do fardo onde estava sentada e dirigiu-se para o estranho.

— O que você quer? — perguntou, no tom mais áspero e grave que conseguiu.

O homem jogou uma moeda para o alto e pegou com a outra mão.

— Gostaria de ganhar isso aqui, menino?

— Fazendo o quê?

A vida nómade com o pai, sempre em lugares pobres e de fama duvidosa, lhe ensinara que seu disfarce era muito útil, mas não a protegia de um certo tipo de homem.

Várias vezes, quando exibia as telas do pai pelas mesas dos bares, tinha surpreendido mãos masculinas tentando tocá-la e sempre reagia com palavrões que muitos homens nunca tinham ouvido. Por isso, aproximou-se, desconfiada.

Não que o desconhecido parecesse homossexual, mas todo cuidado era pouco.

— Perdi minha tripulação e preciso de alguém para levar uns recados para mim. Não agora. Mais tarde, quando acabar a *siesta*. Se eu mesmo for, posso voltar e descobrir que também perdi o barco.

— É. Há muitos ladrões por aqui.

— Eu não ficaria nem um pouco espantado se você fosse um deles.

Ele falou em inglês e ficou surpreso, quando respondeu, na mesma língua:

— Não, eu não roubo. Pelo menos, ainda não. Levantou uma sobrançelha, tão escura como seu cabelo.

— Ainda não?

— Quando as pessoas que não têm nada vêem outras com mais do que precisam, é natural que fiquem tentadas a equilibrar a balança. Eu poderia roubar, se tivesse fome. Talvez o senhor também.

Arrependeu-se da explosão, pois agora ele sabia que falava sua língua e ficaria desconfiado. No mínimo curioso. Principalmente porque seu inglês era perfeito, muito diferente de seu espanhol inculto, e não combinava com a aparência descuidada.

— Pode ser que eu também roubasse — ele disse, olhando-a de alto a baixo. — Por falar nisso, você parece muito mal alimentado. Quer que lhe arranje alguma coisa para comer?

— Se tiver alguma sobra, *senor*.

— Venha a bordo. Mas não quero que desça para a cabine comigo. Francesca obedeceu. O homem era muito forte, não usava camisa

e sua pele dourada estava coberta de suor. Sentiu inveja por não poder andar também de peito nu. O pai não a deixava sequer andar de short, pois dizia que suas pernas eram inegavelmente femininas-

Aquele calor era o pior que já tinha suportado, Todas as noites, enquanto Andrew vagava pelos bares, Francesca tomava um banho demorado e ficava nua no quarto. Só não lavava a cabeça com a frequência que gostaria para que o acobreado do cabelo não estragasse seu disfarce. Então, penteava-se com cuidado e ficava um longo tempo diante do espelho.

Detestava ter aquela aparência de moleque e sentia nojo das unhas quebradiças e encardidas. Ao mesmo tempo, não gostava de ser mulher. Vira como eram tratadas em muitos lugares que havia visitado nos trópicos: ou como escravas ou como prostitutas. Francesca não tinha ilusões sobre o que lhe aconteceria, se alguém descobrisse seu verdadeiro sexo. Uma moça, num hotel mal frequentado como aquele e com um pai bêbado que não poderia protegê-la...

Mesmo sóbrio, ele não representava uma grande garantia, pois não era alto e forte como o homem que tinha acabado de descer para trazer-lhe comida. E cada vez praticava menos exercícios. Já nem sequer pintava.

O inglês voltou ao convés com um sanduíche e uma lata de cerveja. Notou que tinha unhas bem cuidadas e limpas e ficou com vergonha das suas. Se ao menos o pai ganhasse o suficiente para viverem num lugar mais decente... Deixaria crescer as unhas, como as outras meninas.

Depois da primeira mordida no sanduíche de pão fresco com carne e tomate, esqueceu todo o resto e concentrou-se em comer. Enquanto mastigava, viu que o estranho abria a lata de cerveja e guardava a tampa no bolso do short, em vez de jogá-la no mar.

Disfarçadamente, observou seu corpo musculoso e bem-feito. Não tinha pernas curtas como os nativos, nem cabeludas como os

espanhóis. Eram longas e com poucos pêlos. E a pele de seu rosto parecia macia, apesar da barba e do queixo quadrado.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou. —
Certamente, não nasceu neste lugar.

Francesca ainda estava de boca cheia e não conseguiu responder logo. Apesar de ter convivido com o pior tipo de gente e de saber se comportar como um deles, quando necessário, o pai lhe ensinara maneiras educadas e o homem tinha notado isso.

Hesitou, mas resolveu dizer a verdade ao inglês que a tratava tão bem. Parte da verdade, pelo menos.

— Não, estamos só de passagem — respondeu, com um sotaque ligeiramente espanhol.

De repente, a idéia lhe veio à cabeça: quem sabe ele não poderia levá-los como empregados a bordo? Não importava para onde pretendia ir. Qualquer lugar seria melhor do que aquele.

— Nós quem?

— Eu e meu pai.

O homem tomou um gole de cerveja.

— Como é o seu nome? Dessa vez, ela não hesitou:

— Paco, *senôr*.

Era um diminutivo carinhoso para os meninos espanhóis que se chamavam Francisco e lhe parecia o mais apropriado para reforçar a impressão de que era um mestiço.

— Meu pai é inglês... um artista... e muito bom — acrescentou, sem muita convicção.

— E sua mãe?

— Já morreu há muito tempo. Eu nem me lembro dela. *senôr*.

— Seu pai pode ter muito talento, mas não tem sido muito bem-sucedido, a julgar pela maneira como veste e alimenta você.

— As vezes, os artistas mais brilhantes não são reconhecidos e aceitos enquanto vivos. E os lugares onde meu pai pinta seus melhores quadros não são os melhores lugares para vendê-los.

Aqui, por exemplo, quem poderia comprar um?

— Talvez eu pudesse, se ele tiver mesmo o talento que você diz. Como se chama seu pai?

— Andrew Hartley. E o senhor?

— Barrington. Caspar Barrington.

— Quando eu terminar de entregar seus recados, quer que traga uma ou duas telas dele para ver?

— Por que não posso ver na sua casa? Onde você mora? Aqui na cidade?

— Fora da cidade só existe a floresta. Estamos num hotel aqui perto. Mas a luz não é boa no nosso quarto. A gente precisa de muita luz para ver um quadro.

— Muito bem. Peça ao seu pai para me encontrar no bar do hotel, às seis horas. Talvez eu o convide para jantar.

— Eu também? — não pôde evitar a pergunta. Um sorriso tocou-lhe os lábios.

— Ainda com fome, não é? Veremos. Talvez sim, talvez não. E você não é o moleque que parecia à primeira vista. — Enquanto falava, segurou sua orelha, sem muita delicadeza e inspecionou. — Limpa. Estranho! Na sua idade, a maioria dos meninos tem orelhas que parecem canteiros de cogumelos.

Quantos anos têm? Quinze?

Sabia que ele estava fazendo esse cálculo por sua aparência feminina. Aos quinze, muitos garotos ainda tem ombros estreitos, poucos pêlos e braços magros.

Ignorando a pergunta, explicou:

— Meu pai é um homem educado. O senhor não pode julgá-lo por mim. E como o senhor: um verdadeiro cavalheiro.

A reação de Caspar Barrington foi violenta e completamente inesperada.

— Você não sabe nada a meu respeito. Então, corta essa bobagem de bajulação, se não quiser levar um puxão nas duas orelhas. Você sabe ler?

Francesca fez que sim, sentindo os olhos cheios de lágrimas, indignada. Compreendeu que ele não era como os outros homens da cidade, de fala macia, ternos elegantes, anéis de ouro nos

dedos e um grande desprezo por todos que julgasse inferiores. Esses, sim, gostavam de ser bajulados. Viu que tinha que tomar cuidado para não aborrecê-lo novamente, ou arruinaria sua chance de escapar dali.

— Leia isso — ele mandou, mostrando-lhe uma lista de mantimentos que precisava comprar.

Sua letra era firme e bem-feita: a escrita de um homem instruído. Francesca leu em voz alta e ele lhe deu o dinheiro.

— E não pense que não precisa voltar, porque, se não aparecer, eu o encontrarei e lhe darei uma surra de cinto. — Falou, apontando para a fivela de prata do cinto mexicano que usava. Os olhos de Francesca brilharam de ressentimento.

— Eu disse que não sou ladrão!

— Espero que não... pelo seu bem. Vá andando. — Esvaziou a lata de cerveja e desceu para a cabine.

Antes de fazer as compras, Francesca foi até o quarto que ocupava com o pai. Encontrou-o acordado, mas com uma terrível ressaca.

— Pelo amor de Deus, menina! Precisa bater a porta desse jeito? Ainda não tinha cinquenta anos e aparentava quase sessenta.

Sabendo que não adiantaria falar com ele antes que fosse medicado, pegou aspirinas e fez com que tomasse. Quando pareceu em condições de entender, sentou-se na beira da cama.

— Pai, você precisa ouvir. Estive conversando com um inglês que acabou de chegar. Ele pode comprar um dos seus quadros e pode... se nós jogarmos limpo... nos dar uma carona rio abaixo.

Quer ver você no bar do hotel às seis horas. Então, não importa como se sinta, tente ficar sóbrio e ser simpático. Você ainda tem duas horas para se recuperar. É nossa única chance. Papai... nossa única chance.

Seu tom desesperado pareceu penetrar nos sentidos embotados de Andrew. Ele a encarou, desolado. Os olhos raiados de vermelho e inchados e o rosto abatido e magro, era a sombra do homem bonito que tinha sido um dia...

— O que quer dizer com "nossa única chance"? Podemos ir embora daqui na hora que quisermos.

— Oh, papai, você sabe que não podemos. Não, sem dinheiro. E você sempre gasta tudo que ganhamos com bebida e jogo.

— Não me aborreça. Não estamos tão mal assim. Podemos estar sem sorte no momento, mas é apenas temporário. Já tivemos bons tempos, lembra? Outros homens na minha situação teriam deixado você num orfanato. Teria gostado?

Era sempre essa a sua resposta, quando tentava lhe chamar a atenção. Em parte, tinha razão, pois a maioria dos homens não assumiria uma filha pequena, e teria dado um jeito qualquer de se livrar da responsabilidade. Por que Andrew a mantinha com ele era um mistério que não conseguia decifrar. Talvez, na época em que a esposa morrera, ele ainda fosse um homem responsável.

Também era verdade que sua vida como pai não tinha sido de todo má. Sempre bebeu, mas não se transformara ainda num alcoólatra, e as mulheres com quem andava eram bonitas, alegres e amáveis com a pequena Francesca.

Foi só durante sua adolescência que ele começou a decair cada vez mais, destruindo aos poucos a afeição da filha e tornando-se uma carga muito pesada para seus ombros jovens.

— Se quiser ficar, fique — respondeu, impaciente. — Mas eu quero partir com o sr. Barrington. Preciso sair daqui, papai. Preciso! Não posso continuar vivendo assim, sempre preocupada, sempre assustada.

— Ah, muito bem, então — Andrew falou, irritado. — Vou descer para falar com esse sujeito e pedir que nos dê carona até a costa. O que ele está fazendo por essas bandas, afinal? É um turista?

— Não sei, mas acho que não. Vou sair agora. Ele me pediu para fazer umas compras. Não demoro mais de meia hora. Depois volto e ajudo você a se arrumar.

Ajuda-lo a se arrumar começou com barbeá-lo com um antigo barbeador que suas mãos não tinham firmeza para segurar.

Francesca aprendera a usar o aparelho com a mesma habilidade de um barbeiro.

A pobreza do guarda-roupa da moça não combinava com o do pai. Tinha ternos tropicais e camisas de seda, lembranças dos velhos tempos, mas que ela cuidava em manter limpos e bem conservados. Assim, apesar de tudo, Andrew ainda podia se apresentar com uma aparência decente.

Caspar Barrington já estava sentado no bar do hotel, quando eles desceram. Tinha escolhido uma mesa perto da janela, de onde podia ficar de olho no cais, vigiando seu barco.

Ao apresentar os dois homens, Francesca rezava para que se dessem bem.

Havia trazido dois quadros. Um era o retrato de uma velha e o outro, uma vista do rio. Mas colocou-os em uma cadeira e não se referiu a eles, até o próprio Caspar pedir para ver.

Examinou as telas com uma expressão tão distante, que Francesca ficou inquieta. Será que entendia o suficiente de pintura? Será que o trabalho do pai era tão bom como sempre imaginou que fosse?

Finalmente, dirigindo-se a Andrew, ele disse:

— Quanto está pedindo por esses?

O pai deu um preço muito mais alto do que ele pedia.

— Isso aqui não é Bond Street, Hartley. Darei um terço disso. Pegue ou largue.

Andrew abriu a boca para argumentar, mas Francesca interrompeu rapidamente:

— O senhor está comprando uma pechincha, sr. Barrington, mas não podemos nos dar ao luxo de recusar,

— Se vocês os levarem até o barco, pagarei lá. Nunca carrego dinheiro comigo em lugares como este.

Eles o seguiram e desceram até a cabine. Francesca ficou encantada

com o salão confortável, forrado de madeira escura, com tapetes e cortinas cor de tabaco. Tudo parecia tão limpo e acolhedor. Tão

diferente , dos quartos por onde tinham passado, com suas paredes descascadas e varandas sombreadas por persianas quebradas.

Em pouco tempo, a mesa estava posta para uma refeição que seu anfitrião chamou de "ligeira", mas que, para Francesca, era um banquete. Fazia anos que não comia tão bem. Foi uma surpresa saber que o delicioso cozido de legumes com galinha e arroz tinha sido preparado por um homem.

Andrew parecia só gostar de beber e mal tocou no jantar. Francesca comeu por ele também, trocando seus pratos, apressada, quando Caspar foi à adega, pegar uma segunda garrafa de vinho.

Apesar de não prestar muita atenção na conversa dos dois, teria sido cega, se não percebesse o brilho cético nos olhos do inglês, enquanto o pai descrevia suas viagens de um modo que, realmente, tinha muito pouco a ver com a pobre realidade.

Quase no final do jantar, Francesca começou a cutucar o pé de Andrew por baixo da mesa, para lembrá-lo de levar a conversa para o assunto que importava: pedir a Caspar que os levasse rio abaixo, em troca de trabalho. Mas ele preferiu ignorar o assunto e deixou-a horrorizada, quando, em vez disso, propôs um jogo de cartas.

— Oh, não, papai! Não!

— Claro que aceito um joguinho — disse Caspar, olhando para seu rosto ansioso. — Se está cansado, vá para a cama. Paco.

— Não estou cansado.

Quando ele pegou um baralho novo dentro de uma gaveta, Francesca teve a estranha sensação de que, em breve, as notas que o pai tinha recebido pela venda dos quadros seriam rapidamente devolvidas àquele estranho e misterioso inglês.

Apesar de, durante o jantar, Andrew ter feito algumas perguntas sobre o que o trouxera ali e em que trabalhava, ainda não sabiam quase nada sobre ele. Talvez fosse um jogador profissional.

Nesse caso, seu pai não teria uma única chance: parecia estar sempre com azar.

Para sua surpresa, e imenso alívio, quando Andrew perguntou de quanto seria o cacife, o outro respondeu que não costumava jogar a dinheiro.

— Fico surpreso que você o faça... com estranhos. Esse lugar está cheio de malandros, e tenho visto muito crime acontecer por causa de brigas de jogo,

Embaralhou as cartas com a mesma precisão e rapidez com que havia tirado a mesa. A firmeza de suas mãos tomou o tremor de seu pai ainda mais visível. Francesca imaginou qual seria sua idade, mas achou difícil calcular. Tinha os movimentos ágeis de um rapaz, mas a expressão e as marcas profundas em volta dos olhos eram de um homem que tinha visto muito do mundo.

Não podia ser considerado bonito como seu pai um dia havia sido, mas era forte, bem apessoado e viril. Quando estavam a caminho do barco, Francesca vira uma bonita moça mestiça lhe lançar um olhar convidativo. O modo como ele olhou para ela em resposta fez com que Francesca desconfiasse de que era tão sem piedade com as mulheres como a maioria dos homens.

— Quer que eu ensine o jogo. Paco?

— Não gosto de jogar. Posso dar uma olhada nos seus livros?

— Claro, mas não posso emprestar nenhum. Vou partir daqui amanhã. Então, Andrew disse:

— Paco me contou que perdeu sua tripulação. Nós também estamos pensando em partir, mas os barcos desse rio deixam muito a desejar em matéria de acomodações. Tudo que oferecem é um lugar no convés, no meio do gado.

Caspar Barrington pegou as cartas e as examinou por um instante, antes de responder:

— Sinto muito, mas não posso dar carona. Nunca levo passageiros e não preciso realmente de tripulação. Posso manejar o *Chuva* com uma única mão. A não ser em péssimas condições de tempo.

— Ora, vamos, meu velho. Não vai recusar ajuda a um compatriota em dificuldades. Não daremos problemas, garanto.

— Você já está me dando problemas agora. — Inclinou-se para a frente, tirou o charuto da mão de Andrew e jogou-o pela janela, dentro do rio. — Não suporto cheiro de fumo — explicou, ríspido. — Sinto muito... por que não falou antes? — Andrew estava inteiramente desconcertado.

— Por que você não perguntou antes de acender? E assim que fazem os verdadeiros cavalheiros, que seu filho me disse que era. A inflexão sarcástica foi acompanhada por um olhar de indisfarçável desprezo para os dedos manchados de nicotina de Andrew, o cabelo cheio de brilhantina e penteado de forma a esconder a calvície, o lenço de seda que saía do bolso do paletó e a mão trémula que esticou para pegar o copo.

Seu escárnio fez com que Francesca corasse de ódio e tivesse vontade de levantar e arrastar o pai para fora dali. Preferia viajar entre cabras e galinhas. Mas engoliu em seco e se conteve. Como podia ter certeza de que, quando o barco chegasse, ainda teriam dinheiro para a passagem?

Além disso, o pagamento do hotel estava atrasado e o gerente ficara com sua mala como garantia. E o que deviam era quase tanto quanto Caspar havia pago pelos quadros. Claro que podiam partir sem pagar. Mas sua mala dourada era a única recordação que tinha da mãe e dentro dela estava seu tesouro: uma delicada miniatura de marfim com o retrato a óleo de sua avó italiana, quando mocinha.

Não. Já que não havia outro jeito de recuperar o que lhe pertencia e partir para sempre dali, estava disposta a suportar todas as humilhações daquele homem.

Andrew não percebeu, ou fingiu não perceber, o sarcasmo de Caspar.

— Você tem que me perdoar, meu caro. Vivendo entre tudo isso — apontou para o cais —, a gente chega até a esquecer as boas maneiras. Ser rude, por aqui, é uma espécie de proteção que se tem que usar. É perigoso deixar transparecer que estamos acostumados a coisas melhores. Faz com que fiquem

desconfiados e hostis. Como pintor, acho essa gente fascinante. Mas, como homem, não confio em uma palavra do que dizem.

— Mas não acha necessário se vestir como seu filho, não é? Seu olhar foi das roupas surradas e remendadas de Francesca para o terno velho mas bem cortado de Andrew. A moça apressou-se em explicar:

— Estou crescendo e perco todas as minhas roupas. Meu pai só usou seu melhor terno por consideração ao seu convite, *senhor*.

— Entendo. — Voltou a olhar para a camiseta que ela usava. — Vocês, pelo menos, parecem ter uma ótima cerzideira.

Francesca curvou a cabeça sobre o livro que tinha apanhado na estante, para evitar aquele assunto.

Se ele soubesse que era uma moça, talvez concordasse em levá-los. Mas até que ponto podia confiar? De repente, lembrou de uma conversa de seu pai com um velho padre francês, há muito tempo.

O padre passara grande parte da vida morando em povoados da América do Sul, da Colômbia e da Argentina. Trabalhara entre gente pobre, vira mais de uma revolução e contara que, em certas regiões, era comum mocinhas e meninas serem raptadas e vendidas como escravas.

Na época, Francesca não entendeu exatamente o que significava aquilo, mas ficou apavorada. Um terror reforçado por seu pai que, no dia seguinte à conversa, jogou fora sua boneca de porcelana, a querida Jemina e comunicou que, a partir de então, ela seria um menino.

A partir daí, sua desconfiança por todos os homens só tinha aumentado. Não só porque ficava cada vez mais difícil manter o disfarce, como também por sentir que o pai não era mais capaz de protegê-la dos perigos.

Até a chegada de Caspar Barrington, nunca sentira outra coisa por um homem, além de uma profunda apreensão.

Sua reação a ele tinha sido mais complicada e não conseguia entender seus sentimentos. Apesar de reconhecer nele coisas que lhe agradavam, seu instinto de autopreservação dizia que não

era o simples fato de ser inglês, limpo e educado que o tornava digno de confiança.

Caspar podia muito bem ser um dos muitos criminosos que procuravam refúgio na América do Sul; um homem cruel, que, se soubesse seu segredo, não teria escrúpulos de assassinar seu pai e raptá-la, deixando-a com duas opções: jogar-se no rio e morrer afogada ou se aviltar no submundo.

Seus pensamentos a fizeram estremecer e ansiar por um mundo onde as meninas crescessem salvas e protegidas, em casas confortáveis, com pais normais e respeitáveis.

Era um mundo sonhado e visto de longe, mas nunca experimentado. Mesmo nos melhores dias com o pai no México e na América Central, não tinham ficado muito tempo num lugar só, nem o relacionamento de Andrew com as mulheres durara mais do que seis meses.

Agora, inconsciente de que as moças de sua idade lutavam por liberdade, Francesca ansiava desesperadamente por segurança e proteção.

Os homens já jogavam cartas há uma hora, e era ótimo não haver dinheiro envolvido, porque, como de costume, seu pai não estava com sorte.

Normalmente, Andrew conseguia enxugar várias garrafas, antes de cair. Naquela noite, no entanto, quando Caspar foi até a cozinha fazer mais café, ele caiu no sono. Francesca tentou acordá-lo, mas não conseguiu.

Caspar voltou e ela disse, sem jeito:

— Meu pai teve um dia muito pesado. Ele... não tem estado muito bem ultimamente e sempre vai para a cama cedo. Gostaria que fosse ao médico, mas não há nenhum por aqui. Por favor... por favor, sr. Barrington, o senhor pode nos dar uma carona só até a costa?

— Levo você, se quiser. Ele, não.

— O que... o que quer dizer?

— Sinto muito por você Paco. A vida lhe deu uma cruz pesada para carregar. Estou disposto a levá-lo até o consulado inglês

mais próximo. Mas seu pai... não! Não vou me responsabilizar por um bêbado.

— Mas eu não poderia deixá-lo.

— Por que não? Ele não fez nada por você, a não ser dar-lhe essa vida miserável. E isso, qualquer tolo pode fazer. Fique com ele, e você vai se destruir. Venha comigo, e pode começar a viver de verdade.

Ela o observava servir o café.

— O senhor é um homem duro. Muito duro.

— Sou realista — ele disse, dando de ombros. — Deixe-o seguir o caminho dele. Você deve seguir o seu.

— Não. Eu nunca poderia deixá-lo. Ele precisa de mim.

— Essa é uma atitude de mulher, Paco. Uma mulher precisa se sentir necessária, mas um homem tem que fazer o próprio destino. Você já vagou por aí durante muito tempo com ele. Se ficar mais, será tarde para tentar recuperar os anos que perdeu. Anos que devia ter passado na escola, exercitando seu cérebro e competindo com pessoas jovens.

— Mas como eu poderia viver sem o meu pai? Não temos parentes na Inglaterra... ninguém me receberia, mesmo que eu tivesse dinheiro para chegar lá.

— O cônsul trataria disso. E, quando chegasse à Inglaterra, o serviço social se encarregaria do resto. Acho que não haveria a menor dificuldade para conseguir ajuda para alguém nas suas condições.

— Eu não me adaptaria mais na Inglaterra. Já não pertença...

— Você não pertence a isso aqui. Mesmo que demore a se adaptar no começo, não ficaria entregue à própria sorte... que é o que vai acontecer aqui, quando seu pai tiver se arrastado para a sepultura.

— Oh, não fale assim!

— Não falar não muda os fatos. Nesse clima, muito álcool é fatal. Eu diria que seu pai tem, no máximo, mais um ano de vida. Depois, você terá que enfrentar a vida sozinho. Então, por que não agora? É bem provável que o choque de ser

abandonado faça com que ele se recomponha e pare de beber. Apesar de que não aposto nisso — acrescentou, seus lábios se torcendo de desdém, ao olhar para o homem adormecido.

— O senhor deve ser muito frio, para sugerir que eu deixe meu pai aqui para morrer sozinho. O senhor deixaria... deixaria seus pais em circunstâncias parecidas?

Seu rosto endureceu e os olhos ficaram mais frios do que nunca.

— Eu nunca permitiria que ninguém, fosse quem fosse, se tornasse uma carga para mim. A primeira obrigação de um homem é com ele mesmo. Temos o direito e o dever de tentar tirar o máximo da vida, em vez de nos sacrificarmos pelos outros. Principalmente, quando essas pessoas não merecem o sacrifício. Francesca sentiu um arrepio. Percebeu que estava diante de alguém tão forte e decidido; como seu pai era fraco! E que não sentia a menor piedade de quem não tinha sua força.

— Mas, certamente, se uma pessoa gosta de alguém...

— ela começou.

— Isso é um assunto que não conheço. Nem você. Pare de se enganar, dizendo que sente afeto por ele. Não é verdade. Está fazendo a mesma coisa que um homem e uma mulher que se sentem atraídos sexualmente e chamam isso de amor. Pense no que eu lhe disse. Agora, se não quiser mais café, vou ajudá-lo a levá-lo de volta para o hotel.

Andrew levantou-se, quando Caspar o sacudiu, mas estava tão bêbado que não conseguiu andar sozinho. Francesca nunca poderia levá-lo, sem ajuda.

Os dois o arrastaram pela praia e pelo cais, até chegarem à entrada do hotel. Então, Caspar levantou-o com facilidade e o deitou sobre o ombro, como um fardo. Os protestos incompreensíveis e inúteis do pai fizeram com que Francesca se sentisse ainda mais envergonhada por ele. Quando alcançaram o primeiro andar, ela correu na frente para abrir a porta do quarto.

Depois de ter visto o conforto e a limpeza do barco, detestou que Caspar fosse testemunha da sujeira e da desordem do cubículo onde viviam, com dois catres em vez de cama, paredes manchadas e descascadas, pia rachada.

— Qual é a cama dele? — perguntou, ao chegar à porta, ainda ofegante e sem fôlego pelo exercício de carregar o outro homem.

— Essa aqui.

Enquanto o observava deitar o pai sobre o colchão sem lençol, murmurou:

— Obrigado. Sinto muito por isso.

— Você não tem que se desculpar. Quer que eu tire a roupa dele? Negou, mais humilhada do que jamais se sentira em toda a vida. Indo até a porta, Caspar insistiu:

— Pense a respeito. Da minha oferta de levá-lo até a costa, quero dizer.

Ela fez um último e desesperado apelo, sabendo de antemão que era inútil.

— Há muitos outros quadros aqui. O senhor pode ficar com todos eles,

de graça, se mudar de idéia. Por favor, sr. Barrington, por favor... Não tem piedade de nós?

— Tenho alguma de você... e nenhuma dele. Se eu tivesse pena de cada desajustado que encontrei nos últimos dois anos, o *Chuva* teria afundado com o peso de tanta gente. Boa noite.

Ele foi embora e fechou a porta e ela o ouviu descer a escada, seus passos surpreendentemente leves para um homem tão alto e forte.

CAPITULO III

Para Francesca foi uma noite de pouco sono.

Apesar de saber que tudo que Caspar lhe dissera era verdade e de ansiar por escapar não apenas dali, mas também do homem que matara todo o seu amor e o seu respeito, não conseguia se decidir. O pai era um peso e um sacrifício. Estava, sem dúvida,

acabado: destruía a si próprio. Mesmo assim, a idéia de abandoná-lo lhe parecia desumana.

Ao mesmo tempo morria de medo de ficar com ele. Caspar podia estar certo, ao dizer que o excesso de bebida barata seria fatal dentro de muito pouco tempo, Se isso acontecesse, o que seria dela?

Pensando naquele homem e em sua recusa obstinada de levar Andrew Hartley como passageiro, imaginou o que haveria por trás de sua estranha observação de que o amor filial era uma emoção que não conhecia.

Ao que parecia, o amor entre um homem e uma mulher também era desconhecido para ele. Amor... como sonhava em encontrar o amor de que os livros falavam!

Às vezes, quando o pai estava lúcido e nostálgico, falava do amor que sentira pela mãe dela como se fosse a coisa mais importante de sua vida. E a morte da esposa, como de um golpe do qual jamais conseguira se recuperar. Mas, de alguma forma, Francesca não podia acreditar que ficar viuvo tivesse sido o verdadeiro motivo para procurar refúgio na bebida. Quanto a ela, estava sempre preocupada demais em sobreviver, para desperdiçar tempo e pensamento com homens. Apesar de algumas vezes ter visto homens que a atraíram, seu disfarce como menino não lhe permitia nem olhar muito.

Quando finalmente a noite escura deu lugar ao crepúsculo, ela afastou o mosquiteiro e saltou da cama. Na época em que tinha um quarto só para ela, costumava dormir nua. Agora que era obrigada a dividir aquela ratoeira imunda com o pai, usava um lençol amarrado em volta do corpo, feito um sarongue. .

De todas as coisas que Caspar falara na véspera, uma das que mais a machucou foi a referência a suas roupas velhas e remendadas. Desde pequena, sentia uma atração enorme por roupas. Não para comprar, mas para fazer. Criar modelos, principalmente. E era muito habilidosa com agulhas.

Mas, além do fato de não ter dinheiro para comprar material para costura, seu disfarce a impedia sequer de sonhar em fazer

qualquer trabalho desse tipo. E de que adiantaria fazer coisas que não pudessem ser usadas? Então, era só na imaginação que Francesca criava blusas delicadas e saias rodadas que gostaria de vestir, se tivesse escolha.

Colocou uma camiseta e uma calça comprida e foi até a varanda, respirar o ar fresco da manhã. Aquela era a única hora do dia em que soprava uma brisa suave. Depois que o sol aparecia, o clima se tornava abafado e úmido.

O cais estava deserto. Ninguém por ali era madrugador. Todos iam para a cama tarde e acordavam tarde, apesar de que, com aquele clima insuportável, as primeiras horas do dia eram muito mais amenas para se trabalhar.

Havia, porém, uma pessoa acordada e ativa: o comandante do *Chuva*, que limpava o convés com um esfregão, assobiando enquanto trabalhava.

Francesca o observou. Apesar de já ter tomado sua decisão e saber que era a única coisa certa a fazer, não pôde reprimir um suspiro de mágoa e frustração. Seria maravilhoso também estar se preparando para partir logo mais e dizer adeus àquele lugar de que jamais tinha gostado e que agora se transformava em sua prisão.

Antes que o pai acordasse, pegou no bolso de seu paletó o dinheiro que Caspar lhe dera pelos quadros. Contou: era o suficiente para a passagem deles no primeiro barco que descesse o rio. Enrolou-o e escondeu num lugar onde nem ele nem a mulher da limpeza pudessem encontrar. Guardou o resto no bolso da calça e desceu para falar com o proprietário.

— Seu pai vendeu muitos quadros para o inglês? — ele perguntou, quando lhe pagou o aluguel atrasado.

— Só dois... e por um preço baixo. Mas o suficiente para pagar pelo nosso quarto, até o próximo barco chegar.

— Isso não vai ser tão cedo. Quem sabe não é melhor eu continuar guardando isso, só por garantia. — Apontou para a mala de Francesca, que acabara de tirar do cofre. — Com um homem de hábitos iguais aos do seu pai, é preciso ficar prevenido.

— Nós não vamos ficar lhe devendo nada. Por favor, me dê a mala.

— Minha mulher gosta muito dela. Eu compro.

— Sinto muito, não está à venda.

— Isso nós vamos ver, na hora de acertar todas as contas, rapazinho. Ia guardá-la novamente no cofre, mas uma voz atrás dos dois ordenou:

— Dê ao menino o que ele está pedindo.

O gerente do hotel gostava de atormentar e espezinhar quem não tinha como se defender. Não passava de um aproveitador. E covarde também, pois, ao perceber a ameaça na voz do recém-chegado, tornou-se imediatamente submisso. A mala foi passada por cima do balcão, sem mais discussão.

— Café para dois, por favor — foi a segunda ordem de Caspar, enquanto Francesca se virava, com um sorriso agradecido.

— Sim, senhor. Imediatamente. Sente-se, por favor. Vou providenciar agora mesmo.

— Posso ver? — Caspar perguntou, pegando a mala de cima do balcão.

Francesca fez que sim. Ele puxou uma cadeira para ela, que sentou-se também e, depois de examinar as iniciais gravadas no couro, abriu a mala. Pegou a miniatura e, depois de examiná-la por algum tempo, perguntou:

— Quem é? Sua mãe?

Não havia como mentir que aquele delicado rosto feminino pintado no marfim não tinha nenhuma relação com ela. Mesmo vestida de menino e maltratada, a semelhança entre as duas era inegável.

— Minha avó.

— De que nacionalidade? Espanhola?

— Não, italiana.

— Você disse que não tinha parentes na Inglaterra. E quanto a seus parentes na Itália?

— Não sei. A família de minha mãe não aprovou o casamento. Ela fugiu e eles a renegaram.

- Não devem ser tão severos com um neto que está passando necessidades.
 - Talvez não. Se estiverem vivos... e se eu soubesse para onde escrever.
 - Com certeza, seu pai sabe. Devem ser pessoas de posse. Não era qualquer família que podia mandar fazer esse tipo de pintura.
 - Meu pai ainda se sente amargurado em relação a eles, porque se recusaram a aceitá-lo.
 - Mesmo assim, deve perguntar a ele onde moram e se ainda estão vivos. O sobrenome é fácil de localizar, na certidão de casamento, se é que ele a guardou. Mas você tem passaporte, não tem? Ou ainda está incluído no de seu pai?
 - É, estou no dele.
 - Droga! Mas não há problema. Se você me der o número do passaporte, posso tentar conseguir papéis provisórios no consulado.
 - A questão não é essa. Eu não vou com o senhor. Não, sem meu pai.
 - Está sendo tolo e obstinado.
 - Eu nunca me sentiria bem, sem saber o que tinha acontecido com ele.
 - Você acha que, quando chegar a hora, vou mudar de idéia e levar os dois, não é? Pois está errado, não levarei. Tenho certas regras muito rígidas e não abro exceções. Você tem meia hora para se decidir.
 - Minha decisão já está tomada. Como o senhor, também tenho meu próprio código que não posso quebrar. Senão, não serei capaz de viver em paz.
- Caspar levantou-se e olhou-a de cima, com indisfarçável impaciência.
- Muito bem, a escolha é sua. Só espero que não se arrependa.
 - Jogou sobre a mesa uma nota para pagar o café e acenou. — Adeus...e boa sorte.
 - Boa viagem, *senor*. E, mais uma vez, obrigado por ontem à noite. Deram-se as mãos. Apesar de ser mais forte do que a

maioria das meninas de sua idade, Francesca sentiu os ossos estalarem com a força daqueles dedos.

Enquanto ela o observava atravessar a praça, com os passos firmes de um homem em plena forma física, o proprietário apareceu com o café.

— O inglês já foi?

— Sim. Meu pai vai tomar o outro café.

Francesca pegou as xícaras e, com o coração pesado, virou-se e subiu a escada.

Tentou seguir o *Chuva* rio abaixo, mas sem esperança de alcançá-lo. Tinha apenas uma canoa, comprada de um mestiço que era mais índio do que espanhol. Sabia que era uma loucura partir daquela maneira e que provavelmente a pequena embarcação não resistiria até o fim. Mas, depois da morte do pai, dois dias após a partida de Caspar, Francesca não se importava mais com o que pudesse lhe acontecer.

Seu primeiro dia no rio foi sem problemas mas muito cansativo. Não estava acostumada a remar e ficou com os ombros e as costas doloridos.

Passou a noite junto a um grande tronco de árvore caído na água, escondida entre os galhos, onde esperava estar a salvo dos animais selvagens. Mesmo assim, estava tão assustada que mal conseguiu pregar os olhos e seus cochilos eram perturbados pelos estranhos sons da noite, do rio e da floresta à sua volta.

Quando o sol surgiu, tomou uma xícara de café frio e intragável, com um pedaço de bolo de milho. Seguiu em frente, sentindo o corpo todo doer e a roupa colar no corpo por causa do suor, mas contente por estar em movimento novamente.

Durante o dia, assustou-se, ao ver uma sucuri_ deslizar para dentro do rio, não muito longe de onde estava.

Sabia que aquelas cobras não eram venenosas e conviviam com pássaros e outros animais. No entanto, era alarmante ver, a todo momento, metros e metros de caudas ondulantes dentro da água. Lembrava de ter ouvido dizer que as sucurs eram capazes de engolir uma cabra inteira e até mesmo uma vaca.

Esperava chegar a algum povoado ribeirinho, onde descansar e pedir informações, mas não viu sinal de casas ou mesmo de acampamentos em lugar algum. Com a noite chegando, foi obrigada a amarrar o barco num galho de árvore que pendia sobre o rio e se preparar para mais algumas horas de agonia na escuridão.

Novamente, adormeceu com dificuldade e teve pesadelos. Acordou de repente, assustada com um ruído diferente e que se aproximava. Ficou deitada no fundo da canoa, os olhos arregalados de medo, toda trémula. Aquilo... aquilo parecia um motor.

Por algum tempo, não pôde acreditar nos próprios ouvidos. Quem estaria se aproximando? Sentou-se, tentando ouvir melhor. Minutos depois, viu uma pequena embarcação que subia o rio. Se ficasse bem quieta, poderia passar despercebida, pois o tronco escondia quase completamente a canoa.

Mas não ficou quieta. Em vez disso, levantou-se de um pulo, fazendo a canoa sacudir perigosamente, juntou as mãos em concha e gritou com todas as forças:

— Caspar! Caspar Barrington! Estou aqui!

Seus gritos desesperados ecoaram estranhamente ao longo do rio escuro. Depois, viu o fecho de uma lanterna iluminar a densa vegetação da margem, até parar sobre ela, cegando-a. Seus músculos ardiam, os olhos doíam, estava trémula e molhada até os ossos. Mas, nos últimos anos, era a primeira vez que se sentia tão feliz.

Quando Francesca acordou de um sono profundo que durou horas, estava deitada num barco confortável, entre lençóis limpos e macios. O reflexo da água brilhava no teto acima dela. Por algum tempo, ficou imóvel e calada, tentando lembrar como tinha ido parar ali, em vez de estar naquela canoa precária e úmida.

Aos poucos, recordou de ter desamarrado a embarcação e remado com todas as forças que lhe restaram em direção ao barco. Tinha sido um esforço tremendo e, apesar de a distância

não ser grande, várias vezes pensou que nunca chegaria. Caspar a erguera para bordo como se fosse uma criança: estava mais magra e leve do que quando se despediram, no hotel, achando que nunca mais se veriam outra vez.

Lembrou-se também de ter tremido incontavelmente, numa crise nervosa. Deram-lhe algo para beber e uns comprimidos que engoliu, sem perguntar para o que eram. Pouco depois, o cansaço físico e mental a deixaram e foi mergulhando numa espécie de torpor. Sua última recordação, muito vaga, era a voz dele, dizendo, como se viesse de muito longe:

— Tudo bem agora. Você vai dormir, criança.

Enquanto dormia, ele devia tê-la carregado da sala até a cabine onde acordou. Então, uma idéia terrível atravessou sua mente: será que ele a despira?

Não. Sob a coberta que colocara sobre ela, continuava completamente vestida. Aliviada, relaxou. Até lembrar que estava cheia de lama. Caspar não devia ter permitido que dormisse daquele jeito numa cama tão limpa. Levantou-se rapidamente. Há pelo menos quarenta e oito horas não tomava um banho. Apesar de ter lavado as mãos e o rosto no rio, o exercício e o calor a deixaram pegajosa de suor.

Mas, se pedisse para tomar um banho, Caspar provavelmente a mandaria lavar-se no convés, com um balde e ao sol, como os homens faziam.

Francesca pretendia perguntar o que o tinha feito voltar, mas, enquanto tomava banho de porta trancada e se ensaboando com um delicioso sabonete inglês, resolveu ficar calada.

Estranho e frio como parecia, ele talvez preferisse não confessar que tinha quebrado as normas e regulamentos de vida que se impunha. Ela se perguntava que outros regulamentos teria. Há anos não se sentia tão limpa como quando saiu daquele chuveiro. Secou-se e vestiu uma camisa e uma calça que tinham sido do pai. As roupas dele estavam em melhores condições. A mulher do dono do hotel ficara escandalizada ao vê-la usar roupas que pertenciam a um homem morto. Mas Francesca

desconfiava de que, no fundo, tinha feito tanto barulho porque esperava ficar com os ternos e calças boas para o próprio marido. Talvez uma pessoa mais sensível do que ela se sentisse mal em usá-las. Mas a vida nunca lhe permitira o luxo de tais pudores e sensibilidade. O pai tinha sido um homem magro, não muito alto, e suas roupas só ficavam pouca coisa maiores para ela, ajudando-a no disfarce.

Apesar dos maus pressentimentos, nada aconteceu nos dias seguintes que a denunciasse. Dormia boa parte do tempo; não só à noite, mas algumas horas durante o dia. Nunca tinha se sentido tão cansada antes e pensou que devia ser uma reação pelos anos de tensão e incerteza.

Na véspera de chegarem à cidade onde Caspar pretendia levá-la ao consulado, ele a surpreendeu, dizendo:

— Acho que você precisa de um período de aclimação psicológica, mais do que física, antes de ser levado para a Europa. Gostaria de ficar a bordo do *Chuva* até Antigua?

Ela não podia acreditar no que ouvia.

— Posso? Oh, por favor!

— Mas vai ter que dar duro e dormir menos, quando estivermos no mar.

— Não se preocupe. Vou ser útil. O senhor não vai se arrepender.

Obrigado... obrigado.

— Não precisa me chamar de senhor. Só quero que faça o que mando, quando mandar.

Ele desceu, deixando-a deliciada com o adiamento da separação. Não tinha a menor pressa de se ver novamente entre pessoas estranhas.

Fazia muito tempo que Francesca tinha visto o oceano. Durante algumas horas depois de saírem para o delta, a água que cercava o barco era escura e suja de detritos trazidos pelo rio, mas tinha o cheiro do mar. Aos poucos, o aroma salgado da brisa afastou o cheiro pesado da floresta.

— Por que seu barco se chama *Chuva*? — perguntou a Caspar, naquela primeira noite no mar, enquanto navegavam para o norte..

A princípio, pensou que ele não tinha ouvido ou fingira não ouvir. Era a primeira pergunta mais pessoal que lhe fazia, e talvez não estivesse disposto a falar de si mesmo. Mas, depois de um longo silêncio, ele respondeu:

— Foi comprado com uma chuva de brilhantes.

— Uma... chuva de brilhantes? — Francesca não fazia a menor idéia do que significava aquilo.

— Você já ouviu falar na rainha Vitória?

— Claro. Ela governou a Inglaterra por sessenta e quatro anos, de 1837 até 1901, e tinha seis primeiros-ministros.

— Onde você aprendeu tudo isso? — Casper riu.

— Não sou totalmente ignorante. Nós tínhamos um volume da Enciclopédia. Não tendo nada mais para ler, eu acabei decorando uma porção de coisas.

— Compreendo. Bem, nos primeiros vinte anos de reinado de Vitória, as pedras preciosas, principalmente os brilhantes, eram montadas em forma de cascatas... isto é, fileiras de pedras lado a lado. Às vezes, havia um pequeno espaço entre uma e outra, como gotas soltas, e nesse caso eram conhecidas como "chuva". Quando eu tinha vinte e um anos, uma velha senhora me deu uma chuva de brilhantes que tinha pertencido à sua bisavó. Eu a vendi para comprar este barco e o batizei com esse nome, porque foi a jóia que me tomou possível a compra.

— Uma chuva de brilhantes... deve ser uma coisa lindíssima!

— Não mais linda do que o luar no mar calmo. E os brilhantes são extraídos em condições que as pessoas que os usam nunca param para pensar — disse, áspero. — Sempre leio, divertido, que algumas mulheres se recusam a usar certas peles ou cosméticos porque animais sofrem ou são mortos para isso. Mas usam ouro e pedras preciosas, apesar de serem extraídos por seres humanos, em condições terríveis.

Seu tom de voz a fez pensar se, quando disse "mulheres", teria pensado em alguma em particular.

— No dia seguinte, à tarde, partiram para um baía onde a água era azul e límpida como a água-marinha que Francesca tinha visto na coroa de uma madona numa catedral.

Quis nadar, mas Caspar não deixou, explicando que havia tubarões naquela área.

— Mas nós podemos pegar baldes de água do mar para tomarmos um banho de chuveiro no convés, ao sol — ele sugeriu, depois de ancorar o barco.

O momento que Francesca tanto temia tinha chegado.

Um menino em seu lugar teria se divertido loucamente jogando baldes de água salgada no peito nu. O que ela faria agora?

O próprio Caspar andara o dia inteiro sem camisa e ela passara o tempo todo esperando que perguntasse por que não ficava só de calção também. Mas ele não tinha dito nada... até então. Ela o observou tirar o short e ficar apenas de cueca. Era verde, de um tom bem forte. Ou seria um desses calções de banho modernos? Com certeza, não parecia nem um pouco com as cuecas de popeline superlargas que seu pai usava. A roupa que Caspar usava grudava no corpo como uma segunda pele.

Ele dobrou o short e falou;

— Ande, rapaz. Qual é o problema?

— Eu... eu... — Sua garganta estava seca e sentia o rosto pegar fogo. Os olhos cinzentos de Caspar fecharam-se num sorriso irónico.

— Você realmente ainda acredita que não sei o seu segredo? Eu adivinhei quase imediatamente. Foi apenas porque sabia a verdade que virei o barco e voltei pelo rio.

— Como é que o senhor soube?

— Minha querida menina, quase tudo em você é muito revelador. Não para esta gente, talvez... — falou, com um gesto em direção da terra. — Mas certamente que é para qualquer pessoa mais inteligente e observadora. Qual é seu verdadeiro nome?

— Francesca.

— Eu imaginei que fosse esse mesmo. Um nome bonito, que combina mais com cabelo comprido e saia do que com esse monte de trapos que você usa. De agora em diante, pode voltar a ser menina. — Esticou a mão para segurar seu queixo e olhou-a bem dentro dos olhos. — Talvez, você se transforme numa bela mulher, quando tiver aprendido todos os truques femininos. Ele a largou, passou por ela e desceu. Minutos mais tarde, ela o ouviu chamar:

— Venha cá, Francesca.

Com passos rápidos, desceu também, lembrando-se de que tinha dito para fazer o que mandasse, quando mandasse. Caspar não estava na sala.

— Onde é... que o senhor está? — perguntou, tímida.

— Aqui, na outra cabine.

Francesca começou a tremer, A cabine onde ela dormia era de beliches, mas na dele havia uma cama dupla, onde duas pessoas podiam dormir juntas com bastante liberdade.

Aproximou-se da porta, agitada e atemorizada. Durante anos, desde que ouvira a conversa do pai com o padre, tinha sido perseguida pelo temor de ser agarrada à força. De ser transformada de menina a mulher sem amor e gentileza, por um ato violento que a deixaria degradada.

— P... por favor... eu imploro... não me machuque -- implorou, de pé na porta, com o rosto quente, mas pálido.

— Machucar você? — Ele estava sentado na beira da cama, aparentemente pegando uma mala embaixo do estrado.

O pânico de Francesca era muito violento para que percebesse qualquer coisa, a não ser a proximidade daquele corpo seminu e queimado de sol. Ela se colocara nas mãos dele.

Quando Caspar se levantou, a moça recuou, com um grito, pedindo piedade.

— O que está havendo com você, menina? Aqui está... achei um biquini para você. Foi deixado por uma das mulheres que viviam no barco comigo, há muito tempo.

Enquanto ele lhe estendia a roupa, percebeu finalmente o que a assustava e ficou zangado.

— Meu Deus! Que espécie de animal você pensa que sou? Ainda é uma criança. Uma criancinha!

— Há... homens que... — ela começou a chorar.

Por muitos anos, não havia derramado uma única lágrima. Mas agora tinha dificuldade para parar de chorar.

Respirando com dificuldade entre os soluços, mal percebeu que ele a levava para a sala e a sentara no sofá. Depois, deu-lhe um lenço e esperou que se controlasse.

— Ouça aqui menina — tentou falar, quando os soluços dela diminuíram, apesar de continuar escondendo o rosto no lenço. — Existem homens como esses de que você tem medo, mas eu não sou um deles. Você está tão segura comigo como com seu pai... até mais, já que posso protegê-la de perigos que ele, por motivos óbvios, não podia.

Quando finalmente olhou para ele, Francesca teve a surpresa de ver em seu rosto um largo sorriso.

— Agora, não tire conclusões apressadas dessa história, minha criança. Gosto de mulheres tanto quanto qualquer outro homem. Gosto de mulheres crescidas, com seios e quadris. Não franguinhas como você é agora, *chiquita*. Quando tiver uns dezenove anos e um corpo arredondado, aí terá com que se preocupar. Mas ainda temos alguns anos pela frente. No momento, pode se considerar como minha irmãzinha. Ele fez uma pausa, antes de acrescentar:

— De fato, seria uma boa idéia, se cruzarmos com outros europeus, passarmos por irmão e irmã, Não gostaria que ninguém me julgasse... esquisito, como você fez agora.

— Sinto muito.

Seu tom de voz estava bem diferente, cheio de gentileza e compreensão -Francesca não imaginava que fosse homem capaz de tanta suavidade. Revelava um lado de sua personalidade que não sabia existir.

— Vou voltar ao convés. Quando estiver melhor, experimente esse biquini. Deve caber muito bem. A mulher que o usava também era magrinha.

Agora. Francesca achou que o biquini não era má idéia.

Havia uma etiqueta marcando manequim trinta e oito. Francesca pensou quanto tempo levaria, até ter o corpo que Caspar considerava o ideal.

Ele falara como se os dezenove anos fossem um dia muito distante -Com certeza, julgava-a bem mais moça do que era. Quando foi juntar-se a ele no convés e reparou como sua pele estava branca, Caspar brincou:

— Você parece um daqueles bichinhos que vivem embaixo das pedras, menina. Tem que tomar cuidado para não se queimar demais.

Mas, dentro de poucos dias, sua pele começou a adquirir um tom dourado de mel e tudo nela mudou.

No final de dez dias, seus olhos verdes tinham adquirido um novo brilho e já comia quase com tanto apetite como Caspar. Só não engordou muito, porque seus dias agora eram muito ativos.

Trabalhava bastante, aprendendo a ser uma boa marinheira. À noite, depois do jantar, costumavam ler. Caspar estava lendo uma obra maciça, em quatro volumes, *O Declínio e a Queda do Império Romano*, de Edward Gibbon, que considerava um dos livros mais importantes do mundo. Mas Francesca, no momento, tinha mais interesse pelos manuais de navegação e de receitas do capitão.

As vezes, mal conseguia acreditar que a vida pudesse ser tão boa e feliz. Tinha sua cama confortável, três refeições por dia, seus banhos frequentes e demorados, com sabonetes cheirosos e até xampus. Principalmente, tinha uma sensação inteiramente nova de estar protegida e segura.

O fato de a morte do pai significar tão pouco para ela a incomodava um pouco. Mas, quando confidenciou isso a Caspar, ele respondeu com a objetividade e o realismo de hábito:

— Se fosse você, eu não deixaria que isso me incomodasse. Lamentar o passado é uma grande inutilidade. Olhar para o futuro e melhorar o presente são a nossa meta. Era um conselho que ele mesmo seguia, e ela fez o possível para seguir também: não queria nem pensar em todos os problemas que teria de enfrentar, quando aquela viagem dourada chegasse ao fim.

Não tinha idéia de quanto tempo levariam até Antigua e preferia não perguntar. Caspar lhe mostrara um mapa de todo o arquipélago que se acreditava ter, um dia, formado um istmo entre a Flórida e a Venezuela. O mapa só indicava as ilhas maiores, mas ele também tinha muitas cartas de navegação que detalhavam cada formação rochosa e até algumas pedras maiores. Incluindo tudo, o número de ilhas que formavam um desenho em forma de lua crescente na parte leste do Caribe chegava a mais de setecentas.

Pelos cálculos de Francesca, a distância de Trinidad, que ficava perto da costa da Venezuela, até Antigua, no centro do grupo das ilhas Leeward, era mais ou menos a mesma da foz do rio até Trínidad.

Caspar levou-a para fazer compras nas ruas apinhadas de Port of Prince. Comprou-lhe um par de sandálias vermelhas, dois shorts, uma camisa e várias camisetas coloridas.

Nenhuma daquelas roupas era o que ela teria escolhido, mas é claro que não podia fazer exigências e se preocupou em ficar apenas com as coisas mais baratas. Quando a vendedora mostrou um vestido de verão, que Francesca achou medonho, ela imediatamente disse a Caspar que poderia fazer um ela mesma.

— Se acha que pode...

— Sei que posso.

— Será que a mocinha também não precisa de roupa de baixo? — A vendedora dirigiu-se a ele.

Sua atitude fazia com que Francesca se sentisse como uma menina de doze anos não muito inteligente. Estava deixando o cabelo crescer, desde o dia em que começara a viver como menina

novamente, mas ainda não era nenhum progresso, pois não conseguia penteá-lo direito. Caía na testa e parecia desgrenhado, além de esquentar muito sua nuca.

— Sim, ela precisa de alguma coisa — Caspar concordou.

Foram levados para outro departamento e a vendedora explicou à colega que "a mocinha" tinha perdido toda a roupa no mar e precisava de um enxoval completo.

Talvez pensassem que ela havia sido raptada por Caspar, Francesca pensou, olhando para a linda moça de olhos maquilados e cujas unhas compridas combinavam com a cor do batom.

A vendedora trouxe calcinhas e depois perguntou:

— Ela já está usando sutiã?

Caspar olhou para o peito de Francesca, que parecia completamente liso, comparado com as curvas da garota do balcão.

— Você quer sutiã?

Sacudiu a cabeça, sentindo-se desajeitada e só ossos. Até seu rosto era anguloso e as faces continuavam encovadas, apesar de estar se alimentando muito bem. Será que algum dia seria bonita e cheia de curvas?

Depois, Caspar deixou-a na seção de tecidos, enquanto ia fazer compras pessoais. Francesca escolheu a fazenda e depois ficou folheando revistas, à procura de um modelo.

Ele lhe deixara dinheiro para o que fosse necessário. Já tinha terminado e estava pronta, esperando, quando Caspar apareceu. Francesca sentia-se feliz como nunca, abraçando aquele pacote com três metros de algodão verde-mar.

Mais tarde, quando estudava o melhor modelo a fazer, achou no fundo do envelope uma tabela com as medidas e manequins padrão. Para chegar ao corpo ideal de Caspar, que era o manequim quarenta e dois, teria que aumentar seis centímetros no busto e nos quadris.

Não demoraram em Trinidad. Foram para o norte, para Tobago, uma ilha menor e mais bonita, uns trinta quilômetros a noroeste. Uma centena de anos atrás, quando os grandes proprietários

foram obrigados a sair da ilha, os antigos escravos compraram as terras e seus descendentes ainda cultivavam o rico vale.

Foi lá que conheceram uma divorciada de Nova York chamada Beverley Vogt.

Beverley estava hospedenada com uma amiga, Rosemary. As duas não eram como a maioria das mulheres que Francesca tinha conhecido. Ficou fascinada com sua aparência bem cuidada. As unhas compridas, o cuidado como aplicavam creme protetor em cada centímetro do corpo antes de se bronzear. Tomavam sol sem a parte de cima do biquini e a incentivavam a fazer o mesmo. Mas Francesca recusava. Mesmo que tivesse curvas como as outras, nunca se exporia igual a elas. As duas, no entanto, não tiravam as jóias nem para nadar. Mas o banho delas era diferente. Não pulavam do convés nem mergulhavam, pois estragaria o cabelo e a maquilagem, que estavam sempre impecáveis.

Só falavam em roupas, enfeites e tratamento de beleza. As vezes, depois de ouvir aquela conversa, Francesca perguntava a Caspar:

— Será que as mulheres na Inglaterra costumam tingir o cabelo e esticar o rosto, assim que começam a ter os primeiros cabelos brancos e as primeiras rugas em volta dos olhos?

— Faz muito tempo que saí da Inglaterra, mas acho que a maioria das mulheres mais velhas costumava tingir, sim. Quanto a esticar o rosto, não sei. Poucas devem poder fazer isso, porque é muito caro.

— Beverley e Rosemary falam como se todo mundo na América fizesse. Não só mulheres, mas homens também.

— Malucos! Posso entender uma mulher querendo manter a aparência tanto quanto possível, mas nenhum homem se preocuparia tanto assim. — Depois de uma pausa, ele perguntou, com ironia: — Alguma dessas duas já esticou a cara?

— Não. Mas Rosemary está pensando no assunto.

— Ver você deve ser doloroso para elas — comentou, com um brilho cruel nos olhos.

— Doloroso? Não entendo.

Ele não explicou imediatamente, mas depois disse:

— A visão de um botão orvalhado não deve ser muito agradável para uma rosa completamente desabrochada e por outra que começa a murchar.

Foi só depois, quando acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos, que Francesca entendeu a analogia: que ela era o botão orvalhado.

Seu toque, apesar de rápido, despertou-lhe um estremecimento de prazer. Então, ele virou-se e foi até o convés, deixando-a surpresa e feliz. Até então, pensava que ele estava se deixando envolver pelo charme que Beverley fazia. Agora, parecia que não estava interessado por ela, apesar de tudo.

Durante o resto daquele dia quente e dourado, lembrou com carinho de seu toque e do tom afetuoso que havia em sua voz. Ela até se permitiu sonhar, embora não percebesse muito nitidamente o significado: sonhou que ele esperava que o botão desabrochasse.

Mas naquela noite, durante um churrasco na praia, sua ilusão desapareceu, ao perceber os olhares que Beverley e Caspar trocavam. Ela os conhecia; eram sinais que já tinha visto antes, em sua vida errante com o pai, em bares onde as únicas mulheres eram prostitutas.

Os sorrisos daquelas mulheres eram tão falsos como seus rostos pintados. Mas no caso de Beverley, o olhar provocante devia ser verdadeiro. E Francesca já tinha visto também muitos homens dominados pela luxúria para não reconhecer a reação de Caspar. E aquilo fez seu sangue gelar.

Seu único pensamento reconfortante, ao se deitar à noite, sem conseguir dormir, foi que, apesar dos dois se desejarem, não havia nenhum lugar conveniente onde pudessem estar juntos e sozinhos para fazer amor.

No dia seguinte, as duas americanas resolveram ir até o salão de beleza do Hotel Mount Irvine, enquanto o marido e o irmão de Rosemary tentavam a sorte num campo de golfe próximo.

— Por que não vem conosco, Francesca? — Rosemary sugeriu. — Mesmo que não queira fazer nada com seu cabelo, precisa cuidar dele, querida. Tem um átimo cabelo, grosso e saudável, mas tem que ser tratado por um profissional. Nós gostaríamos muito que viesse com a gente, não é, Beverley?

— Claro, e Rosemary tem razão.

Francesca não precisava que lhe dissessem que seu cabelo devia ser bem cuidado, para cair leve e gracioso, como nos anúncios de xampu que vira nas revistas americanas. Tinha tentado sozinha, cortando as pontas com a tesourinha de unhas, mas só conseguira piorar tudo.

Sua ansiedade em aceitar o convite das duas só foi refreada por achar que custaria muito caro. Depois que as mulheres garantiram que não era tanto assim, foi falar com Caspar. Não queria lhe dar despesas, mas estava ansiosa para parecer mais apresentável.

Em Port of Prince, não houve tempo de tentar vender os quadros de seu pai. Mas, cedo ou tarde, seriam postos à venda em algum porto, e então teria como pagar tudo que lhe devia.

— Lógico, menina. Corte seu cabelo como quiser — ele disse, dando-lhe dinheiro.

As três se preparavam para sair, quando Beverley deu um gemido e se apoiou no braço da amiga.

— Estou vendo tudo girando na minha frente. Você já sabe o que isso significa, não é Rosemary? Daqui a uma hora, estarei morrendo de enxaqueca. Tenho que ficar e me deitar um pouco.

— Podemos ir ao cabeleireiro amanhã.

— Não, não quero estragar o prazer de vocês. Não há nada que possam fazer por mim. Vou apenas tomar uns comprimidos e ir para a cama. Com sorte, estarei melhor esta noite.

— O que é enxaqueca? — Francesca perguntou a Rosemary, quando o barco já as levava para a praia.

— É uma dor de cabeça muito forte. Às vezes, até com náuseas. Beverley sofre disso há muitos anos. Vem sem qualquer motivo aparente. Ela estava muito bem esta manhã.

— Ah, já sei o que é. Na Espanha, é chamada de *Ia jaqueca*. Conheci pessoas que sofriam disso.

Sua referência à Espanha fez com que Rosemary lhe fizesse uma porção de perguntas sobre sua origem e família, que foram bastante difíceis de responder sem hesitação.

Só voltaram para o *Chuva* lá pelas quatro da tarde.

— Que bom! Beverley deve estar se sentindo melhor — disse a amiga, ao avistar duas pessoas na água, entre o ancoradouro e a praia.

O marido virou o barco naquela direção, desligando o motor para poderem se aproximar dos banhistas.

— Estou melhor, obrigada. Afinal, não foi uma enxaqueca; só uma dor de cabeça que passou, assim que tomei meus comprimidos — Beverley respondeu, toda sorridente. — Mas, meu Deus, como está bonita com esse cabelo, Francesca! Você também não acha, Caspar?

— Claro. Muito mais bonita.

Apesar de ele falar como um irmão que fingia ser, a moça sentiu-se cheia de felicidade. Que não durou muito, pois logo depois interceptou uma troca de olhares entre as duas mulheres e entendeu claramente que a enxaqueca não passara de um pretexto para Beverley ficar sozinha com Caspar. E Rosemary tinha participado do plano para afastar Francesca. Mesmo tendo sido tola de não entender o estratagema desde o começo, agora não havia dúvidas. Aqueles olhares significavam uma pergunta muda: Então, como é que foi?, e uma resposta exultante: Perfeito.

A certeza de que, durante sua ausência, Caspar e Beverley haviam se tornado amantes, não conhecia outra palavra para pessoas que se envolviam sem afeto e sem amor, foi uma desilusão completa.

Até aquele momento, chegara a esquecer o tipo de homem frio que ele era e do duro golpe que sofrera, quando se recusou a levar seu pai no barco. Bastaram, mais tarde, umas palavras suaves para que seu tolo coração se deixasse enganar.

Claro que não acreditava mais que ele fosse algum sinistro criminoso foragido da polícia. Mas havia algo em seu passado que queria esquecer e o tornava cínico e desapiedado. Senão, por que nunca se referia a nenhum fato de sua vida. antes de se conhecerem?

Naquela noite, mal pegara no sono, quando algo a acordou.

Ofegante, sentou-se na cama, alerta. mas o barulho, fosse o que fosse, não se repetiu. Tinha certeza, no entanto, de ter ouvido alguma coisa. Saiu da cama e foi até a porta.

A princípio não viu nada, mas o instinto lhe dizia para continuar procurando. Na ponta dos pés, saiu para o convés. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, percebeu um bote de borracha do *Chuva* afastando-se. Caspar remava com tanto cuidado, que o barulho dos remos na água era quase imperceptível, abafado pelo mar batendo nos recifes.

Francesca viu quando foi até o outro iate e ajudou Beverley a ir a bordo do bote.

Queria acreditar que aquilo era indiferente para ela, mas sabia que não era. Com o coração apertado, observou os dois se afastarem na direção da praia. Tinha certeza de que não voltariam antes da madrugada. Por isso, tornou a se deitar, mas ficou rolando na cama, angustiada.

Na manhã seguinte, nenhum dos dois deu o menor sinal de que alguma coisa de mais íntima acontecera. Almoçaram juntos no barco de Rosemary e o marido. Depois da sobremesa, Caspar anunciou, de repente, que partiriam à tarde.

Só então, Beverley se traiu. Primeiro, ficou pálida; depois, confusa e abatida, pois a notícia inesperada foi um choque tão grande que não conseguiu esconder. Francesca chegou a ter pena dela... e de qualquer mulher que se apaixonasse por Caspar Barrington.

Foi Rosemary quem falou:

— Tão cedo? Vocês têm mesmo que ir embora? Por quê?

— Temos um encontro em Antigua — ele respondeu, gelado.

Francesca ficou preocupada com aquela repentina pressa, mas

não disse nada, até estarem se afastando do porto, acenando para os amigos. Então, encheu-se de coragem e perguntou:

- Quando temos que chegar a Antigua?
- Quando nos convier.
- Mas você disse...
- Uma mentirinha branca, *chiquita*. A gente pode se cansar da companhia das pessoas, mesmo quando são agradáveis. Não pôde deixar de dizer:
- Você já deve estar cansado da minha companhia também, não é?
- É muito diferente. Você é útil e não conversa tanto quanto aquelas duas mulheres.

Não havia nele nenhum vestígio de qualquer sentimento pela pobre Beverley. No fundo, Francesca ficou contente. Afinal, Caspar não a seduzira para abandoná-la no dia seguinte. Tinha sido bem ao contrário: a outra é que fizera de tudo para ficar com ele.

Talvez começasse a se tomar possessiva, e Francesca sabia que aquele homem não suportava ser tratado assim por ninguém.

Muito menos por uma mulher. Se Beverley se atrevera a tomar alguma atitude de dona, o romance não tinha mesmo a menor chance de durar.

CAPITULO IV

Muito tempo depois, recordando aquelas semanas tranquilas navegando para o norte, através das ilhas Windward, Francesca compreendeu a sorte que tiveram de ancorar ao lado do iate *Kestrel*. Na época, não poderia imaginar a importância que um fato aparentemente tão banal teria em sua vida.

Não sabia se o futuro era forjado pelo acaso ou pelo destino.

Mas o que quer que fosse, tinha certeza de que as pessoas nunca reconheciam imediatamente as forças irresistíveis que comandavam suas vidas.

Quando, meio adormecida no calor abafado do rio, ouvira a voz de Caspar ordenando que fosse até ele, não tinha idéia de que, durante algum tempo, seus destinos estariam ligados.

Quando ancoraram na baía de Marigot, na costa oeste de St. Lúcia, e o dono das docas os dirigiu até perto do *Kestrel*, nada fazia supor que a amizade de poucos dias que teriam com os donos do iate teria uma influência tão grande e fundamental em sua vida.

A baía havia sido, anos antes, o local escolhido pela equipe de Walt Disney para as filmagens de *Doutor Dolittle* e o ponto de encontro era o bar e restaurante Dolittle, construído num cenário romântico, à beira d'água, no sopé de um morro íngreme. Havia também uma butique e um armazém, assim como um estaleiro. Esses serviços, combinados com a beleza natural, faziam de Marigot um excelente porto, apesar de serem frequentes os roubos de barco.

No entanto, na parte mais afastada da baía ficavam terras cheias de palmeiras onde o almirante lorde Rodney tinha escondido sua frota durante a bem-sucedida campanha para salvar a ilha dos franceses. Pela vitória na batalha, foi recompensado com um título de nobreza e uma grande fortuna. O interesse de Caspar pela história naval levou-o a escolher Marigot como sua próxima parada.

Os proprietários do *Kestrel* não estavam a bordo, quando ele e Francesca ancoraram. Chegaram pouco depois e se apresentaram como Bill e Emmy Tate. Eram canadenses, de meia-idade, mas muito calorosos e cheios de energia.

Navegavam há dois anos, desde que Bill se aposentara. Tinham vendido a casa no Canadá e agora estavam procurando uma outra, num lugar cheio de sol, como garantia para o dia em que não pudessem mais viver no iate.

— Vou lhe contar uma coisa que deve lhe interessar, Caspar — disse Bill, depois de convidar os recém-chegados para um drinque a bordo —, temos procurado um lar nessas ilhas e descobrimos que a maior parte da costa aqui, até uma certa distância da praia

é considerada *cinquanie pas de reine*. Isso, na língua de vocês, quer dizer que é território da rainha e, se alguém quiser construir, só terá que pedir autorização à família real. A informação levou os dois homens a uma interminável discussão sobre os prós e os contras do lugar para se viver permanentemente.

Vendo que o assunto não parecia interessar muito a Francesca, Emmy levou-a para conhecer o barco e as duas logo descobriram que tinham muita coisa em comum.

A sra. Tate era uma mulher do lar, que fazia seu próprio pão mesmo a bordo, colocando massa em um recipiente plástico ao sol para que subisse rapidamente. Conversaram sobre culinária durante algum tempo e depois descobriram que tinham outro interesse em comum: os bordados do México e dos países da América Central, lugares que ambas tinham conhecido quando percorriam a costa do Caribe.

Mais tarde, de volta ao *Chuva*, Francesca comentou com Caspar.

— Gosto dos nossos vizinhos, mas fico muito sem graça de fingir que sou sua irmã.

— Tente ver a coisa do ponto de vista deles. São de uma outra geração, que não admite que gente mais jovem viva junto, sem ser casada. Se soubessem que nem sequer somos parentes, ficariam muito chocados.

— Hoje em dia, ninguém mais se casa, antes de ter experiências com vários parceiros?

Alguns padrões de comportamento moral ainda eram um mistério para ela. Não conseguia relacionar o amor romântico dos poemas com o que via nos jornais e revistas que lia ultimamente.

Qual era a relação que existia entre os poemas de Browning ou Shakespeare e o sexo puro e simples, como a relação que existira entre Caspar e Beverley?

— Não sei se a maioria tem experiências antes — respondeu ele.

— Mas acho que todos deveriam ter, Às vezes, casar muito cedo pode ser um verdadeiro desastre.

— Você nunca se casou, não é?

Era a primeira pergunta pessoal! que lhe fazia. Saiu sem pensar, e imediatamente se arrependeu, temendo que ele se zangasse. Mas apenas respondeu, com veemência:

— Não. Eu sempre soube que nunca deveria cometer essa loucura.

Sua resposta a aliviou de um peso que oprimia seu coração. A suspeita de que houvesse uma esposa no passado de Caspar a incomodava quase tanto quanto a certeza de que, durante algum tempo, ele tinha sido amante de Beverley. Na verdade, incomodava até um pouco mais, porque um casamento significaria que havia amado alguém de corpo e alma, mesmo que esse amor não durasse.

— Se contássemos a verdade aos Tate, você não acha que eles acreditariam?

— Talvez sim. talvez não. Prefiro não arriscar.

— Ainda pareço muito jovem?

O olhar de Caspar percorreu seu corpo todo.

— Não tanto quanto antes, mas ainda jovem demais para estar envolvida com alguém da minha idade.

— E que idade você tem?

— Bem velho para você, na opinião dos Tate. Portanto, apesar de isso não ser muito agradável para você, vamos continuar fingindo por enquanto.

Naquela noite foram de bote até o ancoradouro particular do Dolittle e jantaram a luz de velas, em uma das mesinhas ao ar livre.

Enquanto Francesca provava uma batida de coco e Caspar tomava seu martini, o restaurante foi praticamente invadido por dezenas de turistas que haviam chegado no *Marigot Rose*, um navio de cruzeiro ancorado entre a praia ao sul e o lugar onde estava o *Chuva*.

Era um grupo de ingleses, a maioria jovens, e todos muito bem vestidos, apesar de o Dolittle ser um lugar informal, que não exigia paletó e gravata. Francesca olhou para eles, fascinada por

suas roupas, cabelos e maquilagens, embora seus modos deixassem muito a desejar.

Notou que os homens não puxavam a cadeira para as mulheres se sentarem como Caspar fazia com ela. Pediam aperitivos, sem nem sequer perguntar o que elas gostariam.

Caspar notou seu interesse pelos recém-chegados e comentou:

— Você gostaria de estar vestida igual a elas? — perguntou, enganando-se pela primeira vez com seus pensamentos.

— Não, não é isso. Apesar de que gostei muito das roupas. Principalmente, do vestido vermelho...

— Então, por que a testa franzida?

- Porque aqueles rapazes parecem tão rudes! Você trata bem melhor a sua irmãzinha.

Ele lançou um olhar para o grupo mais próximo.

— Talvez eles fossem mais gentis, se as moças se comportassem de maneira mais feminina.

— Mas elas não poderiam ser mais femininas do que são — Francesca respondeu, intrigada.

— Feminilidade é mais do que uma questão de roupas bonitas, saltos altos, unhas compridas e maquiagem, *chica*.

As vezes, ele a chamava assim, e ela gostava. Depois de uma pausa, Caspar continuou:

— Está vendo aquela loura? A que deu uma gargalhada escandalosa? Pois bem, moças que se comportam daquela maneira não merecem ser tratadas com deferência. — Virou-se para Francesca. — Do seu sorriso, sim, eu gosto. E muitos outros homens também vão gostar.

Ela não pôde evitar de corar violentamente, depois daquele elogio inesperado. Então, para sua maior surpresa, Caspar acrescentou:

— É preciso muito mais do que apenas uma bela plumagem para fazer um pássaro. Uma pele clara, olhos brilhantes e uma bonita boca são mais atraentes para um homem do que todos os modismos e artifícios do mundo. E você tem todos esses atributos.

— T... tenho?

A luz das velas destacava o tom bronzeado da pele dele, assim como o queixo quadrado e orgulhoso. Nada em Caspar era parecido com aquele bando de rapazes ruidosos.

— Já resolveu o que vai pedir?

Confusa pelo que acabara de ouvir, falou:

— Você escolhe para mim, está bem?

Ele ordenou uma sopa típica, feita com abóboras, seguida de galinha com berinjela. De sobremesa, sorvete com calda caramelada.

Terminava de tomar o sorvete, quando notou que a olhava novamente como se fosse uma garotinha.

— Está bom?

— Delicioso, obrigada. Ainda estou tentando engordar.

— Já não é tão magra como antes.

Seu tom e palavras não podiam ser mais impessoais. Como um médico, falando com um cliente que queria ganhar peso. Era quase impossível acreditar que, antes do jantar, tinha elogiado sua pele, olhos e boca.

Naquela noite, passou muito tempo se examinando no espelho.

Apesar das críticas de Caspar aos artifícios, não podia deixar de achar que seu rosto ganharia muito com uma pintura discreta.

Mas não tinha dinheiro para comprar e não queria pedir a ele: já tinha feito demais por ela até agora.

Se houvesse algum jeito de ganhar um dinheirinho!

Na noite seguinte, jantaram com os Tate no *Kestrel*. Depois da refeição os dois homens se ofereceram para lavar os pratos e Emmy trouxe uma caixa de bordados de que tinha falado na véspera. O que mais achou interessante foi o que a sra. Tate explicou ser um trabalho dos índios cuna, das ilhas de San Blas, no Panamá.

— Imagino que foram os missionários que insistiram para que os índios usassem roupas e lhes ensinaram a técnica.

Francesca examinou como o bordado era feito. Não parecia complicado e o efeito ficava fantástico, com a linha tramada pelo avesso, uma camada sobre a outra. Depois, o tecido era recortado.

No terceiro dia em Marigot, depois de fazer compras para um prato que os Tate tinham sugerido, ela foi dar um giro pelas butikues, para ver as roupas de verão.

Depois, quando remava de volta para o barco, pensou que seria uma ótima idéia se tentasse fazer bordados daquela técnica com retalhos que Emmy lhe dera. Quem sabe, não conseguiria vendê-los a algumas butikues?

A idéia a excitou tanto, que passou metade da noite acordada, cortando e pespontando, numa atividade criativa e febril. Não fazia nada tão absorvente e gostoso desde que costurava roupinhas para sua boneca... e já tinha sido há tantos anos!

Acordou no dia seguinte já pensando que tinha um projeto à sua espera. O trabalho da véspera estava no armário, não tão bom como esperava conseguir, mas também não tão ruim como primeira tentativa. Mais tarde, mostrou-o a Emmy, que a incentivou e a encheu de entusiasmo para continuar. Mas Francesca não contou, nada a Caspar. Queria ter certeza de que seu artesanato era vendável, antes de falar com ele.

De Marigot, foram até Castries, onde ficaram alguns dias e onde teve a frustrante informação de que seu trabalho era muito bom, mas era difícil vender em pequena quantidade.

— Traga uma dúzia de bolsas de praia em desenhos e cores diferentes para podermos fazer negócios — disse a dona da primeira loja de presentes que tentou.

Desencorajada, pensou em vender os quadros do pai, mas ficou decepcionada e chocada, quando o negociante os chamou de "borrões".

Em cada lugar em que tentou, diziam a mesma coisa: o trabalho de seu pai não era melhor do que o de milhares de amadores, e o mundo estava cheio de "pintores de domingo".

O golpe foi pior do que se lhe dissessem que seus bordados não eram bons. Contava vender os quadros para pagar algumas de suas dívidas com Caspar. Dívidas maiores, agora que sabia que ele comprara as duas telas por pura caridade.

Quando tocou no assunto, ele confessou que nunca tinha ficado impressionado com o talento de Andrew.

— Mas como é que vou poder lhe devolver esse dinheiro algum dia?

— Trabalhando para mim, sem receber salário, quando eu começar a fazer fretes novamente.

— Quando é que vai ser isso?

— Quando eu voltar para Antigua.

— Quer dizer que posso ficar com você — O rosto de Francesca se iluminou. — Você não vai mais me mandar para a Inglaterra?

— Não, enquanto for útil para mim e não esperar que eu lhe pague.

— Oh, não, vou ficar contente em poder trabalhar para você. Será um prazer.

— Nem sempre, minha menina. Há piores maneiras de se ganhar a vida, mas esse não é dos mais agradáveis. Não será nenhum piquenique. você verá!

Mas nada do que dissesse diminuiria sua alegria por saber que Antigua não seria mais o último porto onde ficariam juntos. De St. Lúcia seguiram para Martinica, onde descobriu que Caspar falava um ótimo francês. Ficaram lá durante algumas semanas, para que pudesse terminar seus bordados e ter o suficiente para vender.

Quando tentou dar a ele o dinheiro que recebera, Caspar recusou, dizendo que o guardasse para "comprinhas". Sabendo que era um homem inflexível, gastou tudo comprando mais tecido e linha para bordar.

Foi em Dominica que Francesca conheceu Harriet Scott-Leigh. Francesca estava no mercado, junto da barraca de frutas,

quando sentiu que puxavam as contas de seu vestido. Virou-se e sorriu para a garotinha que agarrava, fascinada, a ponta de sua roupa.

— Oi, queridinha. Gostou das minhas contas, foi?

Só então, a mãe, Harriet, percebeu o que estava acontecendo.

— Não, Lucinda. Solte! Oh, meu bem, sinto muito. Será que você dá um jeito de tirar a mão dela daí?

Com jeitinho, Francesca soltou-se.

— É uma bonequinha. Quantos anos tem? — perguntou para a mãe, que continuava a se desculpar.

Em pouco tempo, as duas conversavam animadamente e Harriet contou que tinha mais dois filhos, que estavam em casa com o pai. Moravam no porto.

— Graças a Deus, é só uma casa para as férias. Eu não aguentaria ficar aqui para sempre. O sonho de meu marido é viver num barco, mas não podemos por causa de seu trabalho. Então, costumamos tirar um mês por ano para fazer esse cruzeiro e vir para cá. Você também está de férias?

— Não. Moro num barco com... meu irmão. Estamos de passagem, a caminho do porto inglês.

— Porto inglês? Antigua? Viemos de lá agora. É onde deixamos o *Sea Spray* ancorado, quando não o usamos. Temos um agente por lá que arranja fretes para o barco, enquanto ficamos hospedados aqui. Com esse dinheiro, pagamos nossas férias. Vocês também fazem fretes?

— Às vezes. Não no momento.

Depois, Francesca viu-se ajudando Harriet a levar as compras e foi convidada a entrar para conhecer Sam Scott-Leigh e os gêmeos de cinco anos, William e Anne.

Achou a família muito simpática e agradável. Quando Harriet os convidou para jantar naquela noite, sua vontade foi aceitar imediatamente,

— Gostaria muito, mas sei que Caspar tem algum compromisso. — Na verdade, temia que ele não apreciasse passar a noite em

companhia de três crianças, num ambiente tão doméstico. —

Posso perguntar a ele e depois telefonar?

— É claro. Diga a ele que será um jantar com comidinha caseira, nada muito sofisticado.

— Caspar é um nome incomum — Sam comentou. — Tive um colega de escola com esse nome, mas ele não tinha irmã. A propósito, Harriet não nos apresentou devidamente. Como é o seu sobrenome?

— Desculpe querido, é Hartley — respondeu a esposa, para quem Francesca, distraidamente, tinha dado seu sobrenome verdadeiro.

De repente, a moça teve o estranho pressentimento de que o tal colega de escola poderia ser mesmo Caspar, que não tinha nenhuma irmã. Sam parecia estar com a mesma idéia dele e ambos tinham a mesma entonação de voz e maneira de falar. Talvez, por nascerem e se educarem na mesma região da Inglaterra. Sim, era bastante possível.

— Qual o sobrenome do seu amigo? — Francesca perguntou, tentando não mostrar nenhuma perturbação, caso a resposta fosse a que temia. E foi.

— Barrington... Caspar Barrington. Apesar de que nós o chamávamos de Cub, que eram as iniciais de sua mala.

— E o que significava esse U? — perguntou a esposa. — Ulric, Uriah? Conheço poucos nomes de homem começados com U.

— Acho que era Upton. Faz muito tempo, esqueci. Mas ele era um ótimo sujeito, um bom amigo. Sempre me pergunto o que foi feito dele.

— Você vai descobrir qualquer dia desses, querido, quando o velho maluco morrer e os advogados começarem a procurar por ele.

— Acho que Cub vai antes. Ele sempre gostou de levar uma vida perigosa, se arriscando- A chance de envelhecer é de uma em um milhão.

Francesca queria agora descobrir por que Harriet tinha chamado o pai de Caspar de "maluco" e por que achava que os advogados começariam a procurar por ele, quando o velho morresse.

Em vez disso, levantou Lucinda, que estava sentada em seu colo, e disse:

— Preciso ir andando. Obrigada pelo café. Aviso vocês sobre o jantar, assim que puder.

Voltando para o *Chuva* com sua cesta de compras, pensava se Caspar gostaria de encontrar um velho amigo dos tempos de escola, ou se preferiria evitar todos os contatos com o passado da mesma maneira como evitava se referir a ele.

CAPÍTULO V

Caspar não estava a bordo, quando ela voltou. Aproveitou para preparar o almoço, todo tempo preocupada que ele se zangasse por ela ter feito amizade com pessoas que talvez preferisse evitar.

Ouviu seus passos no convés e a expectativa de contar-lhe as novidades só aumentou seu nervosismo. Quando ele entrou na cabine, Francesca foi logo dizendo:

— Sinto muito, mas aconteceu uma coisa de que você talvez, não vá gostar.

— O que você andou fazendo Estourou o orçamento, comprando algum vestido irresistível?

— E claro que não. Eu nunca faria isso.

— Então, conte logo. vamos. O que foi que fez de errado? — perguntou, abrindo uma lata de cerveja.

— Eu não fiz nada, realmente... a não ser conversar com uma moça cujo marido conhece você.

— Me conhece? De onde?

— Da escola. Foi o que ele falou, mas não sabe que o meu irmão Caspar é o mesmo Cub Barrington de quem foi amigo. Me escapou que o meu sobrenome era Hartley. Então, ele pensa que você é Caspar Hartley.

E a mulher dele nos convidou para jantar. Eu disse que perguntaria primeiro-a você. Posso arranjar uma desculpa e sairemos daqui, antes que eles o vejam. Eu não mencionei o nome do nosso barco.

Ele a olhou por um momento, pensativo. Depois, perguntou, com a maior tranquilidade:

— Por que eu faria isso, Francesca? Sair às pressas, sem ser visto por essas pessoas?

— Não sei bem. Pensei que... Bem, você às vezes me dá a impressão de que não gosta que as pessoas saibam muito a seu respeito. Faz quase mistério sobre seu passado.

— Não exagere, querida. Sou apenas um homem fechado, num mundo onde todo mundo parece ávido para conhecer e explorar os males físicos e morais dos outros,

— É só isso? — ela perguntou, com evidente perplexidade no olhar.

--- O que mais seria? Você tem se preocupado, pensando que está ligada a algum marginal?

— Há casos de pessoas que fazem coisas de que se arrependem e depois se isolam do mundo.

— Não muitos casos assim, acredito. De qualquer forma, não foi o que aconteceu comigo. Não sou nem vilão nem herói. Foi o Sam Scott-Leigh que você encontrou?

— Foi, sim. Como soube? Ele não foi seu único colega de escola, se bem que possa ter sido o mais íntimo.

— O pai de Sam me ensinou a navegar, quando fiquei com eles, certa vez. A família inteira era louca por barcos. Não me surpreende encontrá-lo num lugar como este. Como é a mulher dele? Vocês se deram bem, pelo que parece.

— Harriet? Oh sim, nos demos muito bem mesmo. E eles têm três crianças adoráveis.

— Meu Deus. Sam, um chefe de família? Que diferença!

— Então, podemos aceitar o convite?

— E claro. Não posso imaginar programa melhor. Onde é que eles estão? Vou até lá, dizer alô.

— *E como e que vai explicar quem eu sou?*
— Muito simples: contando a verdade. Não me espere para o almoço, *chica*. Pode ser que nós dois resolvamos ir até um bar, já que a casa deles está abarrotada de crianças — Caspar falou, já desaparecendo no convés.

Aqueles fatos deviam deixar Francesca feliz, No entanto, enquanto almoçava, sentiu-se sozinha e abandonada.

De repente, ouviu que a chamavam. Subiu e encontrou Harriet no cais.

— Posso entrar para conversar

— Claro. Onde estão as crianças?

— Com os homens.

— Caspar disse que eles iam sair.

— Não. Vão tomar conta dos meninos e recordar a juventude como um par de velhos — falou a outra, subindo a bordo.

— Luanda está dormindo e os gémeos estão quietinhos com seus livros de pintura... apesar de que essa tranquilidade não demora muito tempo. Mas Sam sabe controlar as ferinhas.

Comigo, eles às vezes saem da linha, mas são sempre dóceis com o pai. — instalou-se num sofá da cabine. — Você vai ficar horrorizada, se eu começar a fazer tricô'.'

— Por que ficaria horrorizada?

— Hum minha curta carreira de solteira, costumava pensar que tricotar era o primeiro indício de que a meia-idade estava chegando. Agora, até que gosto muito, embora não possa me concentrar para fazer pontos complicados, a não ser quando as crianças estão na cama.

Harriet fazia algo com lã vermelha de *mohair*.

— Se você vai tricotar, vou costurar, espere um pouquinho, enquanto pego minha cesta.

Por algum tempo, as duas falaram sobre roupas e trabalhos manuais. Depois de uma pausa, Harriét disse:

— Sam sempre falou muito de Cub... isto é, Caspar. *E a mãe de Sam também*. Ela tinha uma quedinha por ele. Preciso escrever para minha sogra e contar como ele está: nem um pouco

melancólico ou lacônico, agora que não é mais um rapazinho. E muito charmoso. Ela sempre temeu que tomasse um rumo errado na vida. Vai ficar feliz em saber que está bem e aliviada, porque não seguiu o mal caminho,

— Por que ela pensava que isso iria acontecer?

— Parece que tudo foi por causa de um péssimo começo: um pai que bebia. Minha sogra foi visitá-los uma vez. Não por curiosidade, pois ela não sabia da situação. Foi até lá apenas para devolver um suéter que Cub tinha esquecido em sua casa. Quando chegou, o pai estava bêbado e a mãe....bem, afinal de contas não se pode culpá-la... tinha se tornado uma devassa. Se não fosse pela avó dele, que tinha dinheiro e podia pagar seus estudos, não sei o que teria sido dele. Cresceu revoltado e sem nenhum respeito pelos pais

— Entendo. Eu não sabia disso. .

Então, aquele era o motivo por que ele se recusara a levar Andrew no barco e se interessara tanto por afastá-la do pai, Sua infância tinha sido com um homem que sofria da mesma fraqueza pela bebida.

— E ele ainda está vivo? — perguntou, imaginando que seria o tal "velho maluco".

— O pai de Caspar? Não. Sua morte foi noticiada nos jornais, um ano depois do meu casamento. Nós estávamos com a família de Sam e me lembro que meu sogro leu a notícia em voz alta na mesa do café, E claro que para ser noticiado, é porque não foi morte natural. Um carro o atropelou, houve inquérito e só então ficamos sabendo que o sr. Barington era, na realidade, o lorde Newark, herdeiro de Lanyon... o que Caspar se tornou, automaticamente, desde então. Francesca piscou, surpresa.

— Lorde Newark? Lanyon?

— Você não sabia? Oh por que saberia? Não acho sequer que ele pense no assunto. Nem tenho certeza de que tenha ficado sabendo da morte do pai, já que tem estado todos esses anos longe da Inglaterra e também não se dá bem com o avô.

Francesca levou algum tempo para se acostumar com a idéia de que Caspar era filho de um aristocrata, mesmo sendo esse aristocrata um bêbado, casado com uma mulher de moral duvidosa.

— Mas como é que o pai de Caspar podia ser o lorde Newark se o pai dele ainda está vivo?

— Porque o velho é um marquês: lorde Lanyon. Newark é o título de seu herdeiro e dos herdeiros deste. Está muito velho agora, quase noventa anos. Teve dois filhos, mas os dois mais velhos foram mortos na Segunda Guerra Mundial. No período eduardino, Lanyon era extremamente luxuoso. Parece que o rei e sua corte costumavam se hospedar lá frequentemente. Mas depois que a esposa do marquês morreu, há mais ou menos uns dez anos, a propriedade foi praticamente abandonada. Hoje ele vive sozinho, com uma governanta decrépita, numa casa antiquíssima. Se viver mais algum tempo, a casa só servirá para demolição. As grandes mansões decaem muito mais depressa do que as casas comuns.

— Quando o avô morrer. Caspar terá que voltar?

— E claro que não será obrigado a isso. Por que voltaria? Imagino que tudo vai depender de quanto dinheiro o velho lhe deixar.

— O que quer dizer?

— As fortunas de algumas famílias antigas só podem ser deixadas para os herdeiros. É uma forma de proteger a sucessão. Quando o dinheiro não está vinculado, pode ser deixado para parentes distantes ou qualquer outra pessoa. Nesse caso, é isso que o velho pode fazer, só para castigar o neto por tê-lo abandonado. Mas, mesmo que não o faça, o Estado vai exigir um colosso de dinheiro de impostos e essas coisas todas. Não acredito que Caspar herde muito, de qualquer maneira.

Viu a pena surdir nos olhos de Francesca e acrescentou, animada:

— Ele explicou como é que você veio parar aqui e se tomou uma espécie de sua protegida. Tenho certeza de que não precisa se preocupar: não vai deixá-la novamente em apuros, na Inglaterra. Agora, conte-me sobre você.

Durante algum tempo. Francesca falou sobre sua vida errante. Quando acabou. Harriet disse:

— Você e Caspar têm muito em comum, e devem se entender muito melhor do que pessoas que foram felizes na infância.

— Talvez... mas a grande diferença entre nós é que ele foi bem educado e eu não. A única coisa que me contou sobre o passado foi que uma "velha senhora" lhe deixou uma chuva de brilhantes, que mais tarde vendeu para comprar o barco. Acho que deve ter sido *Jacly* Lanyon sua avó mas não quis me dizer, para que não ficasse sabendo de sua origem rica e nobre

— É provável. Não sei nada sobre isso.

Naquele momento. Caspar chegou e pouco depois Harriet se despedia:

— Vejo você mais tarde

O encontro com o amigo parecia tê-lo deixado diferente: distraído e mais distante do que de costume. Francesca não o perturbou com perguntas, pois também tinha seus pensamentos para se ocupar

Durante o jantar naquela noite, ela não conseguia deixar de pensar que apesar de terem muito em comum, não sabia quase nada a respeito dele. Mas uma coisa era evidente: os anos de exílio voluntário não haviam destruído os laços que o prendiam a Sam. Os dois eram como irmãos que mesmo estando separados há muito tempo, ainda se mantinham ligados.

Se não fosse pela presença dela, eles teriam falado mais daqueles dias de companheirismo. Harriet também fazia parte daquelas recordações. Seu irmão mais velho havia sido colega de escola de Sam.

Talvez Caspar soubesse como Francesca se sentia, pois no caminho de volta para o *Chuva*, foi o tempo todo com a mão no ombro dela. Era um gesto de amizade que a reconfortou bastante. Os Scott-Leigh acabavam de chegar de férias e nos dias seguintes passaram bastante tempo juntos.

Uma semana depois. Francesca acordou e encontrou uma surpresa em sua cabine. Em cima da mesinha, havia uma grande caixa, com um envelope. Não estava lá na véspera, e só podia ter sido Caspar quem a colocara, depois dela ter dormido. Pulou da cama e abriu o envelope. Era um cartão de aniversário. Ele descobrira a data de seu nascimento em seus documentos e lhe comprara um presente. Ficou com os olhos cheios de lágrimas. Desde pequenina, jamais tivera um dia de aniversário diferente dos outros dias *do* ano.

Seus dedos tremiam de excitação, enquanto abria o pacote e deu um gritinho de surpresa e alegria, ao descobrir que o presente era uma máquina de costura portátil.

— Caspar! Caspar!

Correu para procurá-lo. A porta que dava para o convés ainda estava fechada. Ele devia estar na cozinha ou na cabine. De repente, colocou a cabeça para fora do lavatório, com um lado do rosto cheio de sabão de barbear e o outro lado recém-barbeado.

— Ah, você está aí. Obrigada, muito obrigada.

Ia abraçá-lo, mas só então percebeu que Caspar tinha acabado de sair do banho e não usava nada sobre o corpo bronzeado e musculoso. Parou, envergonhada. Ele riu, entrou no banheiro e voltou pouco depois, com uma toalha enrolada na cintura.

— Parabéns para você... maninha.

Alguns minutos antes, estava tão alegre e excitada, que seu impulso tinha sido jogar-se em seu pescoço. Mas a visão daquele corpo de homem a inibira. Ficou onde estava, incapaz de expressar a felicidade que sentia, porque, de repente, lágrimas escorriam de seus olhos.

— Minha querida menina, o que houve?

Ela não conseguia explicar que era apenas alegria que a deixava tão perturbada. Como não estava habituada a mostrar seus sentimentos e temia que ele não gostasse de demonstrações de afeto. Voltou para a cabine.

Secava as lágrimas com um lenço, irritada por ter se descontrolado tanto, quando percebeu que ele a seguia.

— Sinto muito. Você deve estar pensando que estou louca. Chorar feito uma tola, porque ganhei o presente mais maravilhoso que jamais sonhei receber em toda a minha vida.

Caspar virou-a para que o encarasse, segurando-a pelos ombros nus. Francesca ainda usava aquela espécie de sarongue feito com um lençol para dormir.

— Isso me parece uma reação muito curiosa.

Seu tom era divertido, mas seus olhos estavam ternos e gentis.

Não parecia um homem desconcertado com a explosão emocional de uma mulher, o que a surpreendeu muito.

Aproximando-se puxou-a para o peito e acariciou-lhe os cabelos ainda despenteados.

Desde que Francesca tinha parado de usar seu disfarce de menino, parara também de evitar contatos físicos. Morando no espaço tão pequeno de um barco, eles já tinham esbarrado muitas vezes um no outro, e não era a primeira vez que ele a abraçava, num gesto protetor. Mas nada se comparava com o que estava sentindo agora, tão junto do corpo dele..com o rosto apoiado naquele peito moreno que cheirava a sabonete.

Pensou na sorte que Harriet tinha por poder procurar apoio nos braços de Sam quando estava perturbada ou deprimida. Ser abraçada assim era a coisa mais gostosa do mundo.

Não houve tempo para analisar melhor seus sentimentos, porque Caspar afastou-se logo em seguida.

— Nada de trabalhar hoje marinheiro. Logo que eu acabar de fazer a barba, vou preparar o café. O que você quer? Ovos e bacon?

— Sim. por favor.

Depois que ele saiu, ela voltou a examinar seu presente e leu o livrinho de instruções. Mas não prestava muita atenção. Sentia que alguma coisa tinha mudado. O mundo hoje lhe parecia diferente do mundo de ontem. E não podia ser apenas porque tinha ido dormir com dezessete anos e acordara com dezoito. Na véspera de os Scott-Leigh voltarem para Antigua, foram todos fazer um piquenique no *Sea Spray*,

Foi o dia mais feliz da vida de Francesca, e terminou com os quatro adultos saindo para jantar num hotel, deixando as crianças aos cuidados de uma viúva que morava na ilha e de quem Harriet tinha recebido recomendações de uma amiga de sua mãe em Londres.

Para comemorar a ocasião festiva, Francesca usou um vestido novo. O tecido tinha sido presente de Harriet que lhe disse, quando tentou protestar:

— Fui bastante mimada durante toda a minha vida. Primeiro, por meus pais: agora, por Sam. Deixe-me dividir com você um pouco da minha sorte. No momento em que vi esse tecido, soube que ficaria ótimo em você. Verde e ouro... como os seus olhos

O material era indiano, perfeito para uma espécie de sari. Seu primeiro vestido de noite... Antes do presente de Caspar teria levado muito tempo para fazê-lo. Mas com a máquina e Harriet ajudando nas provas, ficou pronto em apenas dois dias.

Quando voltaram do piquenique. Francesca lavou a cabeça imediatamente, para dar tempo de secar ao sol

Caspar tinha ido até a praia e não voltara ainda, quando ela se sentou no convés para secar o cabelo, com uma escova na mão.

Só uma coisa perturbava aquele dia perfeito: a única sandália que tinha não combinava com o vestido. Mas sentia-se até alegre por ter aquele tipo de preocupação tão fútil e feminina. Há muito pouco tempo atrás, não imaginava que um dia estaria pensando em outra coisa, a não ser em tentar sobreviver. Resolveu que, já que não ia dançar e seus pés ficariam quase todo o tempo escondidos debaixo da mesa, ninguém perceberia que devia estar usando sandálias douradas, em vez de vermelhas.

Caspar demorou a voltar. Estranhou isso, pois achava que tinha ido apenas comprar outra garrafa de rum para o daiquiri, que era o drinque favorito de seus amigos. Finalmente, ele apareceu, sorridente.

— Cabelo quase seco?

— Quase.

— Experimente isso, Cinderela. Ajoelhou-se, abrindo uma caixa de sapatos.

— Caspar!

Para sua surpresa, viu que ele lhe trouxera um par de sandálias douradas de modelo clássico, enfeitada com pedras verdes do mesmo tom do vestido e saltos tão altos, que ela imaginou que não conseguiria se equilibrar sobre eles.

— Oh... mas são uma beleza! Devem ter custado muito caro.

Adorei, mas acho que você não devia gastar tanto dinheiro comigo. Já me deu a maquina e...

— Pernas bonitas merecem sapatos bonitos — ele interrompeu, enquanto experimentava o pé esquerdo.

Francesca teve que controlar o impulso de se inclinar e beijar aquele cabelo escuro. Ele estava de joelhos diante dela a cabeça baixa, tentando prender a tira dourada.

— Obrigada, Caspar. São perfeitas para o meu vestido. Como você soube quanto calço ficaram ótimas.

— Conferi o tamanho com as outras sandálias, as vermelhas. Na loja, disseram que trocavam, se não dessem em você. Mas parece que acertei o número. Tente ficar em pé.

Ela se levantou, perdeu o equilíbrio por um momento, mas depois conseguiu andar de um lado para o outro com facilidade.

— Eu devia ter pintado as unhas. Meus pés parecem tão estranhos assim.

— Eles parecem exatamente como devem parecer os pés das meninas.

São delicados e não precisam de mais enfeites. Ainda não foram estragados pelo uso de sapatos malfeitos

Francesca deu mais alguns passos e virou-se. mas tropeçou e ele a segurou.

— Você tem um bom equilíbrio, *chica*. Vai togo se acostumar aos saltos — disse, apoiando-a pelo cotovelo.

— É surpreendente como me sinto alta. Se cinco centímetros fazem tanta diferença, como será o mundo visto da sua altura.

Caspar olhou para ela, sorrindo de sua alegria. Algo em sua expressão fez com que ela se sentisse muito jovem e ingênua, e de repente quis que compreendesse que não era mais nenhuma criança. Sentiu novamente aquele desejo reprimido de se atirar em seus braços. O mesmo impulso do dia em que lhe dera a máquina de costura. Só que agora mais forte e mais difícil de controlar.

Sem se importar com quem pudesse estar olhando e esquecendo completamente que, para todos os efeitos, eram irmão e irmã passou os braços em volta do pescoço dele e beijou-o no rosto:

— Querido Caspar.., você é tão bom para mim— murmurou, apertando-se contra o corpo do rapaz e depois oferecendo, o rosto, à espera de ser beijada também.

Por alguns instantes, os braços de Caspar ficaram segurando-a firmemente, com uma força que era ao mesmo tempo assustadora e excitante, Durante anos ela aprendera a temer a força superior dos homens. Agora, no entanto, o que sentia era como um sonho e não um pesadelo. Mas nem por isso menos perigoso. Apesar de ter sido sua iniciativa daquele gesto carinhoso, o instinto lhe dizia que devia afastá-lo. Foi o que fez, agradecendo outra vez pelo presente.

— De nada — Caspar disse, também empurrando-a para longe, com uma certa brutalidade que a surpreendeu. Depois, passando por ela, disse: — Está na hora do meu banho.

Quando ele se foi, Francesca ficou olhando para as lindas sandálias e imaginando por que não a teria beijado

Sabia que não tinha ficado inteiramente indiferente ao abraço. Acreditava que qualquer outro homem em seu lugar teria reagido de forma bem diferente, deixando-se levar pelo calor da intimidade e correspondido ao beijo. Não sabia se estava alegre ou se entristecia por ele ser diferente. Involuntariamente, pensou em Beverley Vogt. Já fazia algum tempo do caso de Caspar com a americana. Tinha certeza de que não encontrara outra mulher, desde então. Talvez, agora, qualquer abraço feminino o excitasse.

Ele tinha escrúpulos e não se aproveitaria de sua inexperiência. Podia ser até que não se tratasse apenas de escrúpulos. Quem sabe não estava apenas querendo evitar complicações e as custas de algum esforço, preferia sufocar seus desejos e instintos de homem, até que aparecesse outra mulher faminta de sexo. Mas eu poderia lhe dar muito mais do que isso, pensou. Poderia lhe dar todo o meu amor.

Ele não era apenas seu salvador e protetor mas também o homem que amava desesperada mente e com quem queria ficar para sempre. Pela primeira vez, admitia isso para si mesma, e sentiu-se assustada.

Francesca não saiu da cabine, até que Caspar bateu na porta chamando-a;

— Você está pronta? Já é hora de irmos.

— Não demoro mais de um minuto

Ouviu-o afastar-se e foi até o espelho se examinar. Gostou do que viu. O vestido realçava a cor de seus olhos e os cabelos, que agora lhe caíam nos ombros, estavam bem penteados e brilhantes. Pela primeira vez., usava batom.

Quando subiu para o convés. Caspar olhou-a de alto a baixo e disse:

— Gostei do vestido.

— Obrigada.

Lembrando-se de sua ousadia de pouco antes, Francesca corou e evitou seu olhar. Enquanto ele trancava a porta, observou que estava muito elegante naquela calça de linho bem cortada e que usava uma bonita camisa esporte que nunca tinha visto.

De repente, lembrou-se de sua origem. Não era de espantar que tivesse uma aparência e um porte tão distintos. Afinal, era um nobre.

Foram até a casa dos amigos e os encontraram bebericando champanhe com a sra. Clive, que ia ficar tomando conta das crianças.

— Você está surpreendente, Francesca — disse Harriet. também muito atraente numa frente-única branca com saia de algodão longa preta. Usava brincos e várias pulseiras de prata.

— Um presentinho meu mocinha. — Sam entregou-lhe um pacote quadrado. — Imagino que seja seu debut, uma ocasião mudo especial.

— Que amável da sua parte. Obrigada. — Abriu o pacote e deu um suspiro de prazer — Perfume francês! Oh Sam...

— Vale um beijo? — ele perguntou, oferecendo o rosto.

— Vale uma dúzia. — Beijou-o, afetuosamente e depois virou-se para Harriet. — Obrigada pelo vestido, querida. Vocês têm sido tão amáveis comigo. Mas ainda não viram. Olhem só as sandálias lindas que Caspar me deu.

No fim da noite, já tinha se acostumado a andar de saltos e chegou até a dançar. Foi Caspar que a convidou e insistiu, quando recusou, dizendo que não sabia.

— Tolice. É claro que você sabe dançar. Basta me acompanhar. Ele tinha razão. Depois de alguns minutos de hesitação, ela já copiava razoavelmente bem os passos dos outros dançarinos e sentia-se nas nuvens.

Dançaram sempre juntos, exceto uma vez que Sam a convidou. Caspar preferia as músicas mais alegres. Quando dançaram uma mais lenta e romântica, ele não a abraçou muito junto, como a maioria dos outros casais. Interpretou isso como uma precaução: ele não queria que o relacionamento dos dois se tornasse muito pessoal.

Por consideração à sra. Clive, não ficaram até muito tarde. Voltaram para casa por volta da meia-noite e, enquanto as duas mulheres faziam o café, Sam convidou Caspar para uma volta pela praia.

Assim que saíram, Harriet comentou:

— Sam não quer realmente esticar as pernas. Quer apenas falar com Cub. Algo que não mencionou antes, para não estragar a noite.

— Não entendo... — Francesca ficou apreensiva.

À amiga saiu da cozinha e voltou com um pacote que tinha selo da Inglaterra e um recorte de jornal.

— Escrevi para a mãe de Sam, contando que tínhamos encontrado Caspar. Não esperava uma resposta dela, mas veio hoje. Queria nos alcançar, antes que saíssemos daqui. O avô dele morreu, o que o torna o novo lorde Lanyon. Minha sogra mandou a notícia que saiu no *The Times*, Entregou a Francesca o recorte de jornal.

A notícia era longa, mencionando todos os principais acontecimentos da vida do marquês, desde seu nascimento em 1895.

Dava também as datas dos nascimentos, e mortes de seus filhos, mas eram as informações sobre o caçula que interessavam à moça. Dizia que casara com Doreen Potts Islington com quem tivera um filho, o único herdeiro e sucessor do marquês. A notícia terminava com uma chamadinha: "Ver na página 3".

— O que será que havia na página 3? Harriet deu-lhe outro recorte.

Aquele era mais interessante. Mostrava uma foto de Caspar muito mais jovem, ao lado de outro rapaz. Ambos estavam com óculos de esquiador pendurados no pescoço e o amigo usava um gorro de lã

O texto informava que, após a morte do avô os advogados da família estavam tentando localizar o novo marques. Ele tinha sido visto pela última vez nos funerais da avó. junto do jazigo da família, mas assistira à cerimônia afastado dos parentes, porque não se dava bem com o velho marquês.

Francesca lia que Caspar havia se destacado como atleta, no tempo de universidade, quando Harriet arrancou o recorte de suas mãos. dizendo:

— Estou ouvindo os homens voltando. Talvez seja melhor ele não perceber que você sabe de tudo

Não havia nada em Caspar que revelasse que acabara de receber aquele tipo de notícias. Mas no dia seguinte, quando se

despediram dos amigos a bordo do *Seu Spray*, de partida para Antigua ele pareceu extremamente preocupado.

Várias vezes, Francesca ficou tentada a falar que sabia o que lhe passava pela cabeça. Mas sempre que ensaiava dizer alguma coisa, desistia, imaginando se ele não acharia que estava se intrometendo em problemas que não lhe diziam respeito, era impossível descobrir como o rapaz se sentia por ser o dono de um velho título de nobreza e uma grande mansão na Inglaterra.

No dia seguinte à partida dos Scott-Leigh eles também seguiram viagem, rumo a Montserrat uma ilha que tinha esse nome por causa de um convento construído ali pelos espanhóis e que havia sido recomendada pelos amigos, que a visitaram nas férias do ano anterior. Para Francesca, a decisão de Caspar de continuar o cruzeiro significava que, pelo menos por enquanto, não queria tomar nenhuma providência para reclamar a herança.

Os dias foram passando e ele não tocou no assunto. A moça ficava cada vez mais curiosa e nervosa, até que um dia, quando estavam ancorados em Montserrat, não aguentou mais.

— Harriet me contou sobre o seu avô. Imagino que você não vai mais fazer fretes, não é?

— Ela não devia ter contado. Tenho certeza de que agora, você está preocupada com o que vai lhe acontecer, se eu voltar para a Inglaterra, não é?

— Preocupada Não... estou mais preparada para seguir meu caminho do que estava, quando você me salvou Caspar. Graças a Emmy Tate e à máquina de costura que você me deu sei agora que posso ganhar meu sustento. Pode voltar para a Inglaterra sem nenhum receio estarei bem.

— Vou levá-la comigo. Sou coração deu um salto.

— Não, não daria certo. No negócio de fretes, eu seria útil. Mas, na Inglaterra... Além disso, não acho que me acostumaria com o clima de lá. Prefiro aqui, no sol.

— Eu também, mas tenho que voltar. E onde eu vou você vai. *chiquita*. Pode já ter idade legal para ficar por sua própria

conta, mas isso não a faz uma mulher. Pode levar sua máquina de costura e fazer jogos de chá e coisas assim, em vez de bolsas de praia. Não, não discuta comigo — -acrescentou, vendo que ela ia protestar. — Já tenho bastante problemas, para ainda ficar me preocupando com o que acontecer com você.

— Mas não sou sua responsabilidade, Caspar. É absurdo achar que tem que me levar, como se eu fizesse parte da sua bagagem.

— Tomar conta de você será o menor dos pesos. Já me acostumei a tê-la por perto. Você não é nenhum problema... quando faz o que lhe pedem. Agora, vá e prepare o meu jantar, feito uma boa menina.

Empurrou-a para a cozinha, dando-lhe uma palmadinha amistosa no ombro.

Naquela noite, Francesea não conseguiu dormir muito bem, ansiosa que estava para ir com ele e ao mesmo tempo temendo que só quisesse levá-la por um problema de consciência.

Teve um sono agitado e acordou de madrugada, descobrindo que já estavam a caminho. Levantou-se e vestiu uma camiseta e um jeans.

Caspar estava no leme.

— É a nossa última noite no mar? — ela perguntou, depois de um momento.

— Acho que sim. Pelo menos, por algum tempo. Não quero deixar as ilhas, tanto quanto você mas o lema da minha família é *Semper*. Significa sempre, em latim. Acho, agora, que a minha vez chegou e não é tão fácil virar as costas para tudo, como tinha pensado. Apesar de que Deus sabe que nunca quis nada disso. O que foi que Harriet lhe contou?

— Apenas que seus dois tios morreram jovens e que seu pai e seu avô não se davam bem. Sua mãe ainda está viva?

— Não,

Mesmo que ela não soubesse nada a respeito de seus pais, a falta de expressão no rosto dele revelaria que sua relação com a mãe não tinha sido das melhores. Talvez ela tivesse matado algo dentro dele tornando-o insensível às mulheres. Exceto pelo

desejo sexual, como o que Beverley lhe despertara, e pelo carinho fraternal, que ela lhe inspirava.

CAPÍTULO V

Três dias depois, Franceses andou de avião pela primeira vez. Caspar dormiu praticamente durante todo o vôo, mas ela estava excitada demais para conseguir sequer cochilar.

Uma agência de viagem lhes indicou o Selfridge para passarem a noite em Londres. Caspar explicou a ela que o hotel ficava perto da loja do mesmo nome e da Marks & Speneer onde ela poderia comprar boas roupas de inverno por preços razoáveis. Enquanto fazia suas compras, ele iria ver seu advogado.

O vôo levou quase nove horas, mas pareceu interminável, apesar de ter passado um filme. Por causa do fuso horário, a diferença de Antigua para Heathrow, onde aterizaram, era de doze horas. Levaram quase mais uma para se desembarçarem na alfândega. Se estivesse sozinha, Francesca se atrapalharia e ficaria perdida naquela multidão de gente de várias nacionalidades que lotava o aeroporto. Tudo a espantava e fascinava. Ficou admirada feito criança, ao ver a bagagem ser transportada numa esteira rolante. Logo depois, estavam a caminho do terminal da estação Victoria onde pegaram um táxi. Nessa última parte da viagem, Francesca sentou-se na beira do banco, com os olhos brilhando de interesse, enquanto Caspar lhe mostrava os monumentos históricos. Ficou encantada com uma velha mansão na esquina de Hyde Parke, que ele lhe disse ser Apsley House, pertencente ao primeiro duque de Wellington.

— Lanyon é parecida? — perguntou, saltando do táxi, diante daquela fachada imponente.

— Maior.

— Maior?

Para ela, Apsley House parecia enorme. Lanyon devia ser então um verdadeiro palácio.

Atravessaram Park Lane, com árvores de um lado e hotéis do outro, e ela deu uma rápida olhada nas lojas de Oxford Street, chegando finalmente ao Selfridge.

O interior do hotel era muito diferente de tudo que tinha visto no Caribe. Todo o lugar estava acarpetado e revestido com madeira polida. Era também bastante aconchegante, apesar de todo o luxo.

Na recepção, Caspar preencheu as fichas e ela notou que ele escreveu C. Brown e srta. Brown.

Os quartos que lhes deram eram pegados. Acostumada a hotéis miseráveis e, depois, ao espaço limitado do barco, Francesca achou tudo imenso.

— Depois de tomar banho, venha ao meu quarto, que vamos pedir sanduíches e café para nós — Caspar disse, antes de sair.

Ela desfez a mala e tirou a camisola, colocando-a sob o travesseiro. Depois, pegou suas coisas de uso pessoal e foi até o banheiro, que era tão grande como sua cabine no *Chuva*.

Ainda não conseguia se acostumar com a idéia de que atravessara o Atlântico e agora estava num mundo inteiramente diferente, onde quase tudo lhe era desconhecido.

Mas, protegida por Caspar, nada a amedrontava. Não queria nem pensar em como teria sido, se tivesse ido para lá sem ele.

Quando foi até o quarto do rapaz, encontrou-o em mangas de camisa e com a janela escancarada.

— Acho difícil de me adaptar novamente com o aquecimento central. Mas se você estiver com frio, posso fechar a janela.

— Não. Não está tão frio assim. — Depois de uma ligeira hesitação, perguntou: — Caspar, por que deu nomes falsos, quando assinou o registro?

— Está preocupada com isso?

— Não. Nada que você fizesse me preocuparia. Só fiquei intrigada, é tudo.

— Não quero que a imprensa fique sabendo da minha chegada, o que fatalmente aconteceria, se me registrasse com meu verdadeiro nome. Não é ilegal usar um nome fictício para

proteger a privacidade, desde que você não seja um criminoso procurado pela polícia.

— Qual é seu verdadeiro nome agora? O que teria escrito, se não quisesse ficar incógnito"

— Apenas Lanyon. O endereço que dei existe mesmo, para o caso de esquecermos alguma coisa aqui. Amanhã iremos para Lanyon e não poderemos mais continuar posando como irmãos. Teremos que descobrir outro jeito de explicar nossa relação. O garçom chegou com sanduíches, café e também uma garrafa de champanhe num balde de prata cheio de gelo. Quando ficaram sozinhos novamente, Caspar disse, entregando-lhe uma taça de champanhe:

— Isso vai fazê-la dormir feito um anjo, em sua primeira noite em terra, depois de tanto tempo.

Francesca deu um suspiro.

— A última noite que passei em terra foi naquele hotel pavoroso onde papai e eu morávamos, quando conhecemos você. Parece que isso aconteceu há uma eternidade.

— E, você mudou muito, desde então. — Ficou olhando para ela, pensativo. — Mas não tanto como vai mudar de agora em diante, aposto.

— Por que acha isso?

Mas Caspar preferiu não responder. Em vez disso, deu-lhe um sanduíche e disse que precisava telefonar para os Scott-Leígh. Francesca já tinha aprendido que era melhor não insistir, quando ele não queria falar de um assunto.

Ouviu a conversa que teve com Sam e depois falou com Harriet, que tinha um compromisso e lamentou muito não poder vê-la naquela noite.

Na manhã seguinte, antes de cuidar de seus negócios, Caspar levou Francesca até uma loja de sapatos e fez questão de ajudá-la a escolher.

— Conheço as mulheres. Se eu deixar a escolha com você, com certeza vai comprar algo que está na moda, mas não é nada

prático. Vamos andar bastante por aí nos próximos dias e, se não estiver calçada com conforto, vai ser um problema.

Depois de os sapatos embrulhados e pagos, foram comprar seu guarda-roupa básico para o clima inglês.

— Agora, vou deixá-la escolher o que quiser. Mas lembre-se de que, a menos que tenha mudado muito nos últimos tempos, Lanyon é tão fria e ventilada como qualquer outra velha casa de campo inglesa,

A idéia dele sobre um guarda-roupa apropriado consistia de capa de chuva, uma saia de *tweed*, calça de veludo e dois suéteres de lã grossa.

— Tenho que ir ao meu encontro — ele disse, olhando para o relógio. — Estou pensando em viajarmos para Lanyon logo depois do almoço. Seja boazinha e não demore muito fazendo compras. Vejo você mais tarde.

Francesca não gostou de ficar sozinha, pois nunca fazia idéia de quanto podia gastar. Por via das dúvidas tinha pedido a Harriet endereços de lojas de roupas, acessórios e cosméticos de preços mais em conta.

Naquela primeira manhã em Londres, descobriu que comprar era mais fascinante do que apenas olhar vitrines. Sentiu que podia passar horas e horas escolhendo mercadorias, sem ter a sensação de estar sozinha ou abandonada naquela cidade desconhecida. No entanto, tinha que ficar atenta, porque Caspar marcara encontro para almoçarem no restaurante do hotel à uma em ponto.

Quando Francesca entrou na recepção, recebeu o recado de que ele se atrasaria por causa de um compromisso e só poderia ir buscá-la às duas e meia. Pedia que almoçasse por lá.

Preferia tomar um café e comer um sanduíche, mas achou que Caspar talvez se zangasse, pensando que passava fome só para fazer economia. Então, foi até o restaurante e escolheu uma mesa de dois lugares, que ficava em um canto, mas de onde tinha uma boa visão da sala.

Esperando pela salada de queijo e o suco de laranja, observou como os europeus pareciam pálidos, comparados com as pessoas das ilhas e os turistas que estava acostumada a ver. Notou, com interesse, os detalhes das roupas das mulheres.

Caspar voltou num carro alugado.

— Antigamente, Lanyon tinha sua própria estrada de ferro, que percorria todos os condados — ele lhe contou, enquanto percorriam o Tamisa —, mas essas linhas particulares eram muito dispendiosas e acabaram sendo fechadas.

O grande rio brilhava ao sol, mas não era azul como o Caribe. E não havia saveiros nem barcos; apenas lanchas e dragas.

Imaginava se Caspar também sentia pena da vida livre que tinham deixado para trás.

Saindo de Londres, a estrada atravessava vários subúrbios. Não estava preparada para encontrar a beleza do campo aberto, além dos limites da cidade. Enquanto percorriam estradas secundárias, algumas simples alamedas estreitas que cortavam fazendas, Francesca começou a perceber que talvez não tivessem feito uma troca tão ruim assim.

Às vezes, Caspar parava para olhar um mapa. Por todo o caminho, passavam por velhas igrejas com portais em arco, onde os narcisos se misturavam com a grama, entre as sepulturas.

Finalmente, chegaram a um cruzamento e Caspar pegou a estrada da direita.

— Não estamos muito longe, agora. Lá está o limite norte de Lanyon. Mas foi só depois de quase dois quilômetros que cruzaram a esplêndida entrada da propriedade. Era formada por um frontão triangular, sustentado por duas pilastras de ferro, com enormes portões. Estavam fechados por um pesado cadeado. Assim que se aproximaram, um homem apareceu e dirigiu-se a Caspar. Devia morar na cabana de aparência abandonada e decadente, junto da entrada.

De dentro do carro, Francesca não pôde ouvir o que os dois falavam. Depois de alguns momentos, abriram os portões e Caspar entrou, dirigindo até um pátio.

— Esse é Piper, o criado pessoal de meu avô, Francesca. Conheci a srta. Hartley na América do Sul, onde, infelizmente, o pai dela faleceu, deixando-a aos meus cuidados — explicou ele, abrindo a porta para que o velho entrasse no carro.

— Boa tarde, senhorita. Ela devolveu-lhe o sorriso.

— Boa tarde.

Caspar deu partida e seguiram por um caminho arborizado, mas tão mal conservado que estava cheio de sulcos e buracos.

— Todas as estradas estão tão ruins como esta, Piper?

— A do portão oeste é a única bem conservada, meu senhor.

Devia ter sido avisado de que esta não estava sendo mais usada. Mas a sra. Bray ficou tão agitada, ao ouvir sua voz no telefone esta manhã, que esqueceu de dizer. Se eu estivesse em casa na hora, teria pedido para que viesse pelo portão oeste.

— Não faz diferença para nós, Piper, mas teria lhe poupado o trabalho de vir todo esse caminho para abrir os portões principais. Quanto tempo ficaram trancados?

— Desde que o velho sr. Piggott o antigo caseiro, foi levado para a clínica, há seis anos. Ele ainda vive, mas está inteiramente senil. A sra. Bray foi vê-lo, quando ele fez noventa e quatro anos, mas não a reconheceu.

— É um empregado que começou como jardineiro, no tempo de meu avô. Morava com a esposa na cabana, e a sra. Piggott abria e fechava os portões, que, como estavam em boas condições, eram fáceis de manusear. Ela era criada de minha avó.

O caminho parecia não terminar, seguindo por quilômetros e quilômetros de bosque, até que finalmente chegaram ao alto de uma colina e viram uma casa enorme, diante de um lago que brilhava ao sol de primavera.

Caspar já tinha contado a Francesca que Lanyon tinha sido projetada em 1721 e construída durante vinte anos, considerada um exemplo de arquitetura palaciana. Mas não estava preparada para a grandiosidade daquele castelo de pedra.

Não pôde reprimir um grito sufocado de espanto e encantamento. Aquela visão fez também com que sentisse mais nitidamente o enorme abismo que havia entre eles.

Se ela tivesse crescido na Inglaterra, certamente saberia tudo sobre ele. Mas vivendo na América do Sul e acompanhando o lento declínio e a ruína do pai, sua chegada a Lanyon teve o efeito de uma bomba sobre ela.

Ao entrarem na casa, notou a grossa camada de poeira na abóbada de pedra do hall; no lastimável estado do carpete da escada que levava ao primeiro andar. Pilastras de alabastro subiam até o teto, que retratava uma deusa e suas ninfas; pedestais sustentavam bustos de mármore branco representando grandes personagens da História; e o chão de mosaico multicolorido deixou-a encantada. Tudo isso também estava negligenciado, mas ela era selvagem demais e sem sofisticação para perceber.

Sua chegada foi observada atentamente por um grupo de velhos empregados, alinhados no hall para dar as boas-vindas ao novo marquês.

Francesca ficou de lado, sentindo-se uma estranha, enquanto Piper apresentava os criados a Caspar. O rapaz dirigiu-se a uma das mulheres e pediu:

— Sra. Bray por favor, leve a srta. Hartley para o quarto que foi preparado para ela. Fez uma viagem longa e cansativa. Tenho certeza de que posso deixar a seu critério fazer com que ela fique à vontade e o mais confortável possível.

— Com prazer, meu senhor. Quer me seguir, senhorita?

A governanta era um pouco mais moça do que os outros. Não devia ter mais de sessenta anos. O cabelo era inteiramente grisalho, e usava um vestido cinza-escuro, com um camafeu fechando a gola alta.

No topo da escada, virou-se para um corredor onde havia uma imensa tapeçaria em uma das paredes e quadros a óleo na outra.

— Esta é a pequena galeria — explicou a sra. Bray. — Preparamos para a senhorita o antigo quarto de vestir da senhora marquesa.

É menor e mais fácil de ser aquecido, considerando que a senhorita veio de um clima quente. Se achar pequeno demais, podemos mudá-la. Os quartos usados antigamente pelos hóspedes são muito umidos, agora. Receio que o estimado lorde terá dificuldade para colocar as coisas nos devidos lugares.

— Esteve muito tempo com a avó de lorde Lanyon? — Francesca perguntou, hesitante.

— Toda a minha vida, exceto alguns meses. *Lady Lanyon* teve uma criada francesa antes de mim, mas não gostava dela. Saí por pouco tempo, em 1939, quando me casei. Mas meu marido e o jovem lorde Newark foram mortos na guerra, um ano depois. Então, voltei para cá, e nunca mais saí.

A pequena galeria levava até uma outra escada, onde ficava a saleta da marquesa. Das janelas, via-se um jardim de rosas e, à distância, um templo, no limite de um bosque.

Ao lado estava o quarto de vestir, muito maior do que Francesca tinha imaginado, com uma cama de solteiro entre dois guarda-roupas de mogno e um papel de parede de fundo azul-claro, com bambus. Havia também um banheiro enorme, com uma banheira de mogno e bronze. Em uma das torneiras estava escrito: Chuva.

— Aqui há água quente. Esta parte da casa tem luz elétrica. A marquesa gostava de conforto, mas depois que ela morreu o senhor perdeu o interesse por tudo. Mas isso é o passado.

Esperemos que as coisas melhorem agora.

Enquanto conversavam, a bagagem de Francesca foi trazida e pouco depois Amy - a cozinheira, entrou com uma bandeja de chá.

Era uma garota viva e deixou bem claro que morria de curiosidade sobre a recém-chegada. Com tato, a sra. Bray mandou-a de volta para seus domínios, comentando com Francesca:

— É uma ótima pessoa e não podemos perdê-la, mas não pertence à velha escola. Ela não conhece seu lugar, srta. Hartley.

Francesca pensou, com amargura, que nem ela própria sabia exatamente qual era seu lugar. Será que naquele castelo magnífico havia algum para ela?

Enquanto tomava chá com torradas e bolinhos, a governanta desfazia suas malas. Depois, disse;

— Parece muito cansada, senhorita. Por que não descansa um pouco?

— Estou meio sonolenta, mesmo. Não é do meu feitio dormir durante o dia, mas acho que preciso. Acho que foi o vôo e as compras da manhã.

— Fazer compras em Londres é exaustivo, quando não se está acostumada.

A sra. Bray providenciou almofadas para que ela se deitasse no sofá. uma manta e uma bolsa de água quente para os pés e saiu. Quando Francesca acordou, um abajur estava aceso e as cortinas do quarto, fechadas. Percebeu que tinha dormido mais do que pretendia e não fazia idéia de que horas seriam. Olhou em volta e viu um relógio em cima da cómoda: marcava nove horas. Talvez não estivesse funcionando. Levantou-se, para verificar, mas a porta foi aberta e a sra. Bray entrou.

— Ah, a senhorita acordou. Olhei várias vezes, mas estava dormindo tão profundamente, que o senhor disse que não a incomodasse. Pensamos que ia dormir a noite toda. Senão, ele me deu ordens para que lhe servíssemos o jantar na cama. Virá vê-la no café da manhã.

— Ah, entendo. Ele já jantou?

— Sim, às oito. Acho que também pretende se recolher cedo. E Amy voltou para a cidade, pois ela não mora aqui. Tem um pai inválido que precisa dela durante a noite. Lorde Lanyon comeu rosbife e salada no jantar, mas acho que uma omelete seria mais digestiva a essa hora. Posso preparar, se a senhorita quiser.

— Obrigada, sra. Bray. É muito gentil da sua parte, mas tenho um estômago de ferro. O rosbife frio será ótimo.

Depois de seu jantar solitário, Francesca tomou um banho demorado. A governanta preparou-o para ela e depois quis ficar para ajudá-la a preparar a cama. Mas a moça recusou. Mesmo que estivesse acostumada a ser servida, não se sentiria à vontade de

ter uma senhora daquela idade fazendo para ela trabalhos que podia muito bem fazer sozinha.

Quando acabou de limpar e secar a banheira, já eram quase onze horas. Agora, precisava de algo para ler, mas não encontrou nada no quarto. Achou que talvez houvesse livros no quarto da marquesa, que ficava ao lado. Vestiu um robe de veludo por cima da camisola e foi até lá.

Não demorou a localizar o interruptor, onde havia quatro botões. Apertou todos de uma vez, acendendo duas lâmpadas de paredes e dois abajures. O quarto era enorme, com um cortina de seda cor de pêssego combinando com o revestimento das paredes. A cama era dourada e tinha quatro pilastras, coberta com uma colcha branca, enfeitada de fitas azuis.

Mas o que mais chamou sua atenção naquele quarto foram os objetos pessoais da antiga ocupante. Sobre uma mesinha, havia uma coleção de miniaturas de animais, esculpidos em pedras coloridas. A única que reconheceu foi o jade. Francesca examinou as peças uma por uma. Um coelho com olhos vermelhos. Seriam rubis? Um leão-marinho preto sobre gelo, um ratinho azul, um caracol esverdeado.

— Minha avó colecionava pequenos objetos de Fabergé. Gosta deles?

Francesca virou-se assustada. Não tinha visto Caspar entrar pela porta lateral. Talvez achasse que ela não devia estar naquele quarto.

— Gosto. São maravilhosamente bem-feitos. Eu... eu não estava querendo me intrometer. Vim procurar um livro. Como dormi muito, não tenho sono agora.

Ele foi até ela, com as mãos nos bolsos do robe de seda grená que usava por cima do pijama cinza. Francesca não conhecia aquela roupa. No barco, Caspar ficava o tempo todo de short. Começava a sentir saudades daquele tempo.

— Minha querida menina, explore o que quiser. Eu também nunca estive aqui. Tudo para mim é novidade, tanto quanto para você. Só reconheci esses objetos porque minha avó falava muito neles

e vi alguns do mesmo estilo em museus. Você está bem instalada? Gostou do quarto? Não se sente muito sozinha?

— Oh, não, o quarto é bastante aconchegante. Venha dar uma olhada. Ele foi até a porta e inspecionou o interior.

— Bem melhor do que o meu. Eles me puseram no quarto que era do velho, que é tão frio como um túmulo e bastante sombrio também.

— Não pode mudar? Precisa ficar lá?

— Vou ficar por esta noite, já que a cama está pronta. Amanhã, escolho outro. Deve haver no mínimo uns vinte nessa casa. De manhã, vou lhe mostrar a biblioteca, mas hoje está frio demais para descermos. Há alguns livros na sala em que fiquei depois do jantar. Venha, vou levá-la até tá.

Havia na lareira um fogo quase apagando, mas que ainda aquecia o ambiente. Francesca escolheu dois livros de uma estante e esperou que ele ficasse com ela, conversando sobre os problemas que o afligiam. Mas, apesar de a sala ainda estar aquecida, Caspar não mostrou interesse em ficar.

Subindo novamente a escada, ela tropeçou num pedaço puído de tapete e quase caiu. Rapidamente, ele a amparou.

— Isso aqui é uma armadilha mortal — falou, olhando para o péssimo estado do tapete e notando depois que a moça estava descalça. — Você não comprou chinelos hoje de manhã?

— Não. Esqueci completamente. Não estou acostumada a usar. Não importa, meus pés não estão frios.

— Talvez não, mas pode haver lascas no chão nos lugares onde não há carpete.

Antes que ela percebesse o que acontecia, pegou-a no colo feito uma criança.

— Passe o braço em volta do meu pescoço.

O caminho de volta pareceu bem menor do que a ida. Francesca ficou pensando como seria bom se, em vez do quarto frio e sombrio do avô, ele dormisse com ela, no quarto de vestir. A cama era de solteiro, mas com bastante espaço para ficarem abraçados. Que maravilha acordar nos braços de Caspar, ser

beijada por ele e aprender tudo sobre o amor... "Estremeceu, ao pensar naquilo. Percebendo sua agitação, ele disse;

— Acho que um robe de lã seria mais adequado para o frio daqui do que esse de veludo, *chica*.

Chegaram ao quarto dela. Caspar esperou que abrisse a porta e, sem largá-la, entrou. Ainda com Francesca nos braços, levou-a até a cama, onde a colocou, delicadamente. Ela segurou com força a gola de seu robe.

— Caspar, não vá por enquanto. Quero lhe dizer como estou grata por ter me trazido para cá. Ainda não sei como me tomar útil, mas deve haver um meio de pagar por todas as suas gentilezas. Suas palavras e o fato de não soltá-lo conseguiram o efeito desejado. Ele se sentou na beira da cama e examinou seu rosto ligeiramente corado.

— E uma pena que você não seja cinco anos mais moça... ou cinco anos mais velha... — Ficou encarando-a por um longo momento.

Depois, sacudiu a cabeça, como para afastar pensamentos que o perturbavam e voltou a se comportar como um irmão mais velho.

~ Vou tomar café da manhã às sete e depois sair para uma caminhada pelo bosque. Você pode ir comigo, se quiser. Boa noite, Francesca. Durma bem.

Levantou-se e saiu, deixando-a imaginando que, se fosse cinco anos mais velha, talvez ele não tivesse voltado para a cama do avó.

CAPÍTULO VII

A grama estava orvalhada e o ar fresco, quando se dirigiram para o velho templo na orla do bosque conhecido como Home Wood.

Andar entre as árvores, sem temer animais ferozes ou cobras venenosas era uma nova experiência para Francesca. Esperava que Caspar pudesse ter sempre algum tempo para dedicar a ela. Ficar a seu lado era muito importante.

Enquanto colhia junquinhos, ouviu galope de cavalo. Olhou em volta e viu que alguém se aproximava por entre as árvores. O cavalo era negro e o cavaleiro, uma moça loira. Quando percebeu Caspar

caminhando em sua direção, puxou as rédeas e, depois de alguns segundos de hesitação, desmontou.

Era alta, elegante e muito bem vestida com uma calça de montaria e um pulôver de lã grossa e gola alta.

Enquanto conduzia o cavalo até Caspar, Francesca pensou que aquela garota devia intimidar a maioria dos homens com sua altura. Mas combinava perfeitamente com Caspar. Juntos, pareciam membros de uma casta superior.

— Bom dia. Deve ser lorde Lanyon e eu sou, confesso, uma invasora.

— Bom dia. Está certa. Sou Lanyon, mas não precisa se preocupar. Não me importo com intrusos, desde que sejam moças como você, jovens e bonitas.

O coração de Francesca disparou, alarmado. Ele tinha começado o romance com Beverley exatamente naquele tom.

— Ora, é bom saber disso — a moça disse, sorrindo e mostrando covinhas encantadoras nas faces. — Sou Alethea Spencer.

Morávamos em Mallíngton, mas agora os Cárter estão lá.

Desculpe... talvez os nomes não signifiquem nada para você, já que acaba de chegar.

Passou as rédeas de uma mão para a outra para cumprimentar Caspar. Ele parecia ter esquecido da existência de Francesca. Só tinha olhos para a outra. Sacudiu a cabeça e disse:

— Pelo contrário. Acho que minha avó e a sua eram muito amigas, srta. Spencer. Acho até que me lembro de sua avó tomando chá lá em casa, em Londres, quando eu era menino. — Não parecia ter a menor intenção de largar a mão da moça. Nem ela a retirou.

— Mas não conheço esses Cárter de que falou. São os novos donos de Mallíngton Hall?

Alethea era uma garota desinibida. Não estava nem um pouco envergonhada por ter sua mão tanto tempo na dele.

— É. Tivemos que vender a propriedade e mudar para Dower House com a vovó. Ela morreu há pouco tempo, e lá há lugar de sobra para mim e meus pais. A única desvantagem é que não

tenho onde montar- Então, costumo vir para cá... ou vinha, no tempo do seu avô.

— E vai continuar a vir no meu tempo, espero.

— É muito amável da sua parte. Mas acho que também deve querer montar aqui.

— Eu não monto. E, mesmo que o fizesse, há bastante espaço para mais de uma pessoa, não acha?

— Oh, sim... espaço para uma dúzia. Mesmo assim, talvez prefira ficar sozinho. Eu gostaria, caso você não se importe. Confesso que imaginava que fosse rude e fechadão feito o seu avô.

— Talvez me torne assim, com a idade. Agora, espero não ser. — Caspar soltou a mão dela e dirigiu-se para Francesca. — *Chica*, venha conhecer uma de nossas vizinhas.

Quando se virou para a loira, com os braços cheios de junquinhos, percebeu, pelos olhos azuis de Alethea, que não gostava nem um pouco de não estar sozinha com o amável sucessor do marquês de Lanyon.

— Francesca Hartley... Alethea Spencer — foi a lacônica apresentação de Caspar.

As duas apertaram as mãos. com frieza, e ele voltou a atenção para o cavalo, acariciando o pescoço musculoso do animal. A loira perguntou:

— Você falou que não monta. Mas é porque os estábulos de Lanyon estão vazios agora, ou porque não monta, mesmo?

— Sou um marinheiro, não um cavaleiro.

— Barcos? Que divertido! Mas acho que vai achar monótono não montar, agora que está aqui. Tenho um cavalo baio, e ficaria feliz em emprestar, se quiser.

— Obrigado. Talvez eu aceite, mas não no momento. Não devia estar usando uma proteção na cabeça, enquanto cavalga por esses bosques?

— Para falar a verdade, devia. Mas não uso. A não ser quando caço, é claro. Monta, srta. Hartley?

— Não. Deve andar a cavalo desde criança, imagino.

— É verdade. Meu pai me colocou em cima de um pônei, antes mesmo de eu andar. Mas não é impossível aprender a montar muito bem, depois de adulto.

Continuaram a conversar mais um pouco. Depois, ela se despediu e foi embora a galope.

— Tenho a impressão de que essa moça acha não saber montar uma falha de caráter — Caspar criticou.

Mas, apesar do tom que usou, Francesca não ficou muito aliviada. Tinha visto o olhar furtivo que ele dera para a loira, enquanto ela subia no cavalo. Mais tarde, durante o almoço, o rapaz perguntou a Piper sobre os Cárter.

— Acho que o sr. Cárter não é um homem muito popular e de prestígio, senhor. Falam também da srta. Cárter. Dizem que é muito antipática. Ele queria fazer uma oferta por Lanyon, caso o senhor não fosse localizado.

— Ah, foi mesmo? Deve ser um homem rico.

— Um bilionário, pelo que dizem.

— Talvez eu é que devesse fazer uma oferta pela srta. Cárter

— Caspar falou, brincando. — Ela é jovem e bonita?

— Acho que não é nada disso, senhor. A sra. Bray é quem pode descrevê-la bem, se está mesmo interessado.

— Lanyon não seria a primeira propriedade da aristocracia salva por um casamento de interesse. No entanto, não quero considerar essa hipótese... por enquanto. Confesso que até preferia transformar Lanyon em uma outra Woburn Abbey.

— O que é Woburn Abbey? — Francesca perguntou, quando ficaram sozinhos para jantar.

— A propriedade do duque de Bedford. Para pagar os impostos e poder conservá-la, ele instalou um parque de diversões nos jardins e abriu a casa ao público. Pagando, os turistas podem até contar aos amigos que jantaram com um duque e uma duquesa. Muitos nobres em dificuldades estão fazendo a mesma coisa.

— E você pensa em fazer algo parecido por aqui?

— Ainda não sei. Talvez, nem isso seja possível e Lanyon tenha o mesmo destino de Mentmore, uma casa enorme,

construída por Rothschild, que foi abaixo em 1977, Agora... o mais importante é regularizar sua situação em minha casa.

— O que quer dizer?

— Não podemos continuar com essa história de que seu pai e eu éramos amigos e que ele a deixou sob minha proteção. Vamos ter que enfrentar muitos comentários maldosos, se morarmos juntos aqui, sem termos uma senhora mais velha para tomar a coisa mais aceitável e respeitável.

— A sra. Bray é uma senhora mais velha:

— Sim, mas ela não conta. Precisamos de uma parenta de confiança, Alguém que ninguém conteste. Quando Píper voltar, vou perguntar a ele se pode nos arranjar alguém adequado. Enquanto servia o pudim, Piper pensava a respeito do pedido do patrão. Finalmente, disse:

— Mas, claro! Há *lady* Alice. Sua tia-avó, senhor.

— Quer dizer que meu avô tinha uma irmã? Como é que nunca ouvi falar nela?

— Ela estava brigada com o falecido marquês. Só soubemos quem eram quando veio ao funeral.

— Que idade ela tem? Ainda é lúcida?

— Muito lúcida, eu diria. Deve estar com, no mínimo, oitenta anos. Mas não aparenta de jeito nenhum. Ela assistiu ao funeral com respeito, mas veio principalmente porque queria visitar mais uma vez o lugar onde tinha passado a infância. Ela se prontificou a ajudar a procurar pelo senhor. Foi muita gentileza ter se oferecido.

— Então, você sabe onde ela mora? Longe daqui?

— Mais ou menos uma hora de carro, meu senhor.

— Certo. Vamos fazer uma visita à minha tia. Se ela gostar da gente, e nós dela, veremos se concorda em vir morar nesta velha casa.

Terminada a sobremesa, Caspar dobrou o guardanapo de linho e colocou-o na argola de prata que tinha gravado o brasão de armas da família.

— Sem café por hoje, Piper. Vamos, Francesca, pegue sua capa: parece que vai chover.

Enquanto ela subia correndo ao quarto, Caspar mandou preparar o carro e tomou nota do endereço de *lady Alice*.

Ainda era cedo, quando chegaram aos portões de End Cottage.

Bateram e esperaram tanto tempo, que pensaram que ela tivesse saído ou estivesse dormindo. Então, a porta se abriu de repente, e ficaram frente a frente com *lady Alice* Barrington.

Usava uma manta grossa e rústica, do tipo usado pelos pescadores, e, por baixo, um suéter de lã e calça de veludo. O rosto e as mãos muito enrugados revelavam sua idade, mas os olhos muito azuis ainda eram vivos e muito alegres.

— Boa tarde — disse Caspar.

— Entre, Lanyon. — Ela sorriu. Olhou para Francesca. — Quem é? A esposinha?

— Essa é Francesca Hartley. Sou tutor dela.

— Hum... que maravilha! Um homem da sua idade, responsável por uma linda mocinha! Muito adequado, eu acho. É um prazer, srta. Hartley. Entre.

Originalmente, a casa devia ter dois quartos e uma copa. Agora, havia um quarto com uma cozinha nos fundos e o resto, arrumado como sala de estar-estúdio repleta de livros e quadros. Um bando de gatos pulou das poltronas, quando os visitantes entraram.

— Como soube quem eu era? — Caspar perguntou, seguindo a velha senhora até a sala.

— Você se parece com meu pai. E também com Alex, meu sobrinho mais velho. Ele foi morto aos vinte e um anos e eu estou aqui, com oitenta e três, e ainda bem viva, ao que parece.

Sentem-se. Receio que não vá se sentir muito confortável, rapaz. Essa sala não foi feita nem decorada para homens da sua altura.

Por que vieram?

Enquanto Caspar explicava, Francesca observava distraída uma tela que estava sobre um cavalete. Parecia que *lady Alice* estava pintando, quando chegaram.

— Eu precisaria levar os gatos — foi a reação imediata da tia, à pergunta de Caspar.

— Não há problema.

— Muito bem. Então, irei amanhã mesmo. Mas só por experiência, por enquanto. Você entende, não é? Se eu achar que Lanyon não me faz bem, terá que arranjar outra pessoa para ficar em meu lugar. Ou então, casar com a moça.

Francesca sentiu que o sangue lhe subia ao rosto.

— Ela ainda não aprendeu a voar. Seria uma maldade engaiolá-la, antes que tenha alguma liberdade — ele respondeu, seco.

— Na minha juventude, uma mulher dependia do pai ou do marido. Se eu não pintasse, não seria livre até hoje.

Ele não fez comentários. Apenas perguntou:

— A que horas a senhora quer que venha buscá-la?

— Não será necessário. Ainda tenho minha carteira, de motorista. Não vou oferecer chá a vocês agora, porque tenho muita coisa a fazer entre hoje e amanhã.

— Talvez possamos ajudar — ele sugeriu.

— Não, não. — Depois de uma pausa, — Fico feliz de ver que você não se parece nem com meu irmão nem com o seu pai. Pelo menos, na aparência. Meu irmão era um tirano egoísta e o seu pai, o contrário: era um fraco sem moral. Não cheguei a conhecer sua mãe, mas, pelo que sei, também não tinha um caráter forte. Mas você deve ter mais coragem e força. Vai precisar, para ter sucesso e colocar ordem naquele caos que encontrou.

Olhando-o de lado. Francesca não teve dúvida de que teria sucesso e conseguiria qualquer coisa de *lady Alice*.

— Estou imaginando por que ela estaria brigada com seu avô.

Deve ter sido coisa séria, para ele nem mencionar o nome da irmã

— comentou, assim que saíram da casa.

— Pergunte à sra. Bray. É provável que ela saiba. Fizeram o caminho de volta em silêncio, Muito quieta, Francesca admirava o rio que atravessava a região e a cidadezinha secular. -

— Toda a Inglaterra é assim?

— Nem toda. Essa parte do país, felizmente, não foi estragada pela construção de edifícios nem pela depredação das fazendas. Depois, voltaram a ficar em silêncio e Francesca começou a pensar na sugestão da tia-avo" dele: case com ela, E na resposta de Caspar. Ele não pareceu ultrajado. Ou surpreso, como se a idéia fosse um absurdo. Quem sabe, um dia, ele poderia vir a gostar dela, apesar de sua idade. Caspar surpreendeu-a, tirando a mão da direção e dando-lhe um tapinha amistoso na perna.

— Que suspiro profundo, *chiquita*. O que se passa nessa cabecinha?

— Eu... eu pensava como é lindo isto aqui... e como é seguro — respondeu, evasiva.

— Seguro?

-Sem cobras, sem insetos venenosos, sem piranhas,..

— É verdade, mas há outras coisas.

Não sabia o que ele tinha em mente ao dizer aquilo, mas, por algum motivo, pensou em Alethea Spencer. Como gostaria que ele a olhasse como tinha olhado para a outra, pensou, estudando seu perfil.

— Percebo uma certa inquietação. Uma espécie de febre de primavera. Na sua idade, essa época do ano costuma causar mesmo esse efeito.

— E não, na sua idade?

Ele sorriu, percebendo o tom de sarcasmo.

— Na minha idade, às vezes também provoca esse efeito. Mas este ano tenho outras preocupações.

Apesar da sugestão de Caspar, Francesca não teve coragem de perguntar à sra. Bray o motivo do desentendimento dos dois irmãos. Não se achava com direito de se intrometer nos segredos da família.

Quando *lady* Alice chegou, no dia seguinte, divertiram-se ao vê-la na direção de um Bentley, como os três gatos afundados em almofadas no assento de trás,

A velha contou a Caspar que os bichinhos estavam acostumados a sair de carro e não gostavam de ser transportados em cestas. Os gatos desceram do carro, arqueando as costas e esticando as pernas, todos dengosos.

— Eu estava pensando no caminho que devíamos trocar de carro, Lanyon. O meu é muito pesado e gasta gasolina demais. O seu carrinho é mais adequado para mim.

— Acontece que o meu carrinho não é meu — ele explicou, enquanto entravam na casa, seguidos pelos gatos e por Piper, que carregava a bagagem.

Foi depois do almoço, quando tomavam café no terraço da ala sul, que ela sugeriu:

— Seria melhor que pensassem que Francesca está mais sob a minha tutela do que sob a sua. Isso requer menos explicações, não acha, Lanyon?

— E verdade. Isso também me ocorreu.

— Você já encontrou algum dos vizinhos?

— Só a filha dos Spencer, e ela não ficou sabendo que a senhora não estava aqui desde o início.

— Os Spencer? Oh, sim... de Mallington. Ninguém mais?

— Ninguém mais. E Mallington agora tem um novo dono. Ouvi falar de um milionário chamado Cárter.

— Gostaria de conhecê-lo. Qualquer pessoa que faça fortuna hoje em dia deve ter muito talento e habilidade. Quer que eu o visite? Ou prefere não se misturar com os vizinhos, por enquanto? Eles provavelmente virão até aqui, se não formos visitá-los. Estou certa de que todos morrem de curiosidade de conhecer você.

Sua previsão provou estar correta antes do que esperavam.

Tomavam chá no terraço, às quatro e meia, quando Piper veio avisar que o sr. Cárter e a filha tinham chegado.

Ao conhecer Daphne Cárter, Francesca sentiu pena daquela moça desajeitada e sem um pinga de autoconfiança. O pai, pelo contrário, era um homem que ficava á vontade em qualquer lugar, alegre e descontraído.

Que diferença da filha... uma moça tímida de quase trinta anos, vestida como uma mulher de meia-idade, pequena e assustada.

Sentou-se na primeira cadeira que encontrou, por acaso, a mais exposta ao sol, e não abriu a boca, até Caspar notar que seu nariz e testa brilhavam. Inclinando-se para ela, perguntou:

— Posso mudar sua cadeira para a sombra, srta. Cárter? Não está acostumada ao sol, como nós estamos.

A moça ficou um tanto embaraçada, por ser, de repente, o centro das atenções,

— Está bem quente hoje, mesmo. Gostaria de ficar queimada como a srta. Hartley. Mas só me queimo na praia. Pessoas com o meu tom de pele não conseguem um bom bronzeado — apressou-se em explicar.

Caspar mudou sua cadeira para debaixo de um guarda-sol de jardim. Depois, também trocou de lugar, ficando entre ela e Francesca.

— Seu tom de pele é muito bonito e delicado — disse Francesca, que simpatizara com a moça. — Combina muito bem com o cabelo cor de cobre.

— Oh... acha? — Ela parecia encantada.

Agitou-se na cadeira, tão desajeitada, que acabou derrubando o guarda-sol.

— Oh... sinto muitíssimo, senhor. — Seu rosto estava rubro de vergonha.

— Não foi sua culpa. Tudo nesta casa parece prestes a cair aos pedaços — Caspar brincou, segurando-a pelo pulso - Quase levou um tombo também. Machucou-se?

— Não, obrigada. O senhor foi muito rápido.

Se na véspera Francesca tinha ficado espantada, e até um pouco alarmada com a semelhança entre ele e Alethea, agora não podia imaginar duas pessoas mais diferentes do que Caspar e Daphne.

O rapaz, alto e confiante; a moça, baixa, gordinha e desajeitada.

— Pegue a minha cadeira — ele ofereceu. — Essa parece firme e segura.

Naquele instante, Francesca percebeu nos olhos da outra o brilho do amor. Que ironia! Daphne era bem-educada, culta e milionária. No entanto, tinha tantas chances de ser correspondida quanto ela própria. Ou o dinheiro pesaria em seu favor?

A moça podia ser feiosa e insignificante, mas era uma rica herdeira que poderia comprar um título de nobreza... e o homem que o usava.

Ouviu Caspar lhe pedir que o chamasse pelo primeiro nome.

Depois disso, conversaram todo o tempo. Antes de sair, o sr. Cárter convidou-os para jantar em Mallington.

— Como pensei um homem interessante — disse *lady Alice*, quando se retiraram. — A filha precisa emagrecer e talvez usar umas lentes de contato. Tem olhos parecidos com os de um porco: opacos e sem vida.

Mas não era bem com a aparência da moça que Caspar estava, preocupado.

— Sobre sua sugestão de dizermos que Francesca esteve sobre sua tutela, tia Alice, há um pequeno senão.

— Qual?

— Será que você também não percebeu, Francesca?

Quando ela elogiou o seu bronzeado?

— Você quer dizer que é estranho estarmos os dois morenos, se eu estava com *lady Alice* e você, na América do Sul?

— Exatamente.

— Não tinha percebido antes. Mas acho que qualquer pessoa notaria a "coincidência".

— Podemos explicar que vocês dois viveram num clima quente, mas não juntos — interrompeu a velha. — Seu pai deixou-a aos cuidados de Caspar, que a trouxe para ficar comigo. Não há nada de extraordinário nisso. É o tempo que vocês ficaram juntos que pode prejudicar sua reputação aos olhos de algumas pessoas, minha criança. Pessoas de outra geração. As moças de hoje se sentem livres para fazer o que lhes agrada, as felizardas.

— Depois dos vinte anos, sim. Mas Francesca ainda é muito jovem. Prefiro que sua reputação permaneça sem manchas aos olhos de qualquer um — Caspar falou, autoritário.

— Vamos deixar esse assunto para depois, Lanyon. Acho que temos outra visita.

Viram Alethea aproximando-se pelo jardim, com aquele seu jeito decidido, como se estivesse em casa. Usava um conjunto de calça e blusa de algodão azul.

— Boa tarde. Vim entregar um convite de meus pais. Parou bruscamente, ao ver *lady* Alice.

Enquanto Caspar apresentava as duas, Francesca imaginou o que a velha teria para comentar sobre ela mais tarde. Mas, para sua surpresa, ela não disse nada.

Alguns dias depois, os três foram jantar na casa dos Cárter. Foi uma provação para Francesca estar entre mais de uma dúzia de pessoas bem mais velhas, com quem não tinha nenhuma afinidade. Desde que foi servido o aspargo de entrada até depois de comerem um delicioso suflê de limão, tentou desesperadamente manter uma conversa com os dois senhores idosos que estavam a seu lado na mesa. Acabou desistindo. Não pertencia àquele mundo, nem queria pertencer. Quando o café foi servido, em xícaras de porcelana finíssima, sentiu saudade das canecas de louça barata que ela e Caspar usavam a bordo do *Chuva*. Aqueles tinham sido os dias mais felizes de sua vida.

Uma senhora aproximou-se, salvando-a do desconforto de estar tão deslocada naquele ambiente.

— Notei seu interesse, quando admirava os quadros e objetos do hall. Gosta de obras de arte? Lanyon deve ter muitas...

Daquele momento em diante, a noite foi menos penosa para Francesca, que percebeu que nem todas as mulheres presentes só gostavam de montar e falar dos nobres que conheciam. Havia as que se interessavam por trabalhos manuais, pintura e jardinagem, e seria mais fácil conversar com elas.

No caminho de volta, ficou admirada quando *lady Alice*, que parecia ficar à vontade em qualquer lugar e com todo tipo de gente, confessou que não havia apreciado a festa.

— Política e reminiscências da época da guerra são os piores assuntos do mundo para o meu gosto — foi seu comentário. — O que você achou, Caspar?

— Uma noite um tanto cansativa e até pesada, em certos momentos. Mas ele não tinha achado *Alethea* nada cansativa. Francesca tinha percebido que, depois do jantar, os dois praticamente se isolaram num canto da sala de estar, e ouvira seus risos. Não, dos três, ele era o único que se divertira. Desde que entrou na biblioteca pela primeira vez, aquela ficou sendo

sua parte preferida da casa. Havia mais de vinte mil volumes, além de quadros de grandes mestres. Um mezanino dava acesso às prateleiras mais altas, que iam até o teto. Era mobiliada com escrivaninhas, mesas, sofás e arquivos especiais para pastas. Apesar de muito grande, a sala tinha um aspecto aconchegante. Certa tarde, Francesca estava sentada no mezanino cercada de livros, quando Caspar e a tia entraram.

Os dois discutiam o futuro de Lanyon, e a moça não viu necessidade de fazer notar sua presença, já que não se tratava de uma conversa particular. Além do mais, pareciam estar só de passagem. No entanto, Caspar parou, à procura de um livro, e foi então que ela ouviu a velha dizer:

— Do que você precisa, meu caro rapaz, é uma esposa para cuidar de tudo isso aqui. enquanto você trata dos negócios da fábrica e resolve os problemas do espólio.

— Tem razão: Lanyon está precisando de uma dona e eu, de uma esposa.

— E eu diria que não tem que procurar muito longe.

— Mas não na direção de Mallington.

— Não, não... eu não estava sugerindo isso. Senão, seria quase como repetir a loucura de seu pai. A fortuna da pobre Daphne

poderia ser útil, mas dinheiro não é tão importante como uma esposa inteligente e charmosa.

— Também acho.

Francesca percebeu que havia uma pontinha de sarcasmo na resposta dele.

— Bem, sendo assim, você vai concordar que só há uma escolha.

— Sim, apesar de que não estou muito certo de que a senhora concorde com a minha escolha.

— Claro que sim! De todo o coração. No seu lugar, eu cuidaria disso imediatamente.

— Não acho que seja hora. Preciso manter as rédeas curtas, por enquanto.

Francesca concluiu que Alethea Spencer seria a futura marquesa de Lanyon. Apesar de que Caspar ainda não se acostumara totalmente à idéia de abrir mão de sua liberdade. Mesmo que fosse para salvar Lanyon, não conseguia compreender como é que ele podia casar sem amor.

Alethea era charmosa, inteligente e tinha presença. Uma réplica perfeita da mãe, só que sabia esconder o temperamento autoritário sob a aparência fresca e encantadora de seus vinte e cinco anos.

No dia seguinte, logo depois do café, Caspar procurou Francesca, avisando que Harriet queria falar com ela no telefone.

— Por que será que ligou?

— Ela não disse. — Ele parecia preocupado como sempre, ultimamente.

Enquanto se dirigia para o telefone, não pôde deixar de pensar naqueles dias maravilhosos que tinham passado juntos, antes da carga de Lanyon cair sobre os ombros de Caspar.

Harriet foi logo dizendo que o telefonema era um pedido de socorro. A moça que trabalhava para ela saíra de repente, para tomar conta da mãe doente -e queria saber se Francesca podia ajudá-la, até achar alguém para substituí-la. Estava cheia de clientes e não podia cuidar da loja e das crianças ao mesmo tempo.

— Sei que é um grande atrevimento da minha parte, mas estou realmente no meu limite, Francesca.

— Vou ficar feliz em ajudar, não se preocupe.

Checou o horário dos ônibus e foi procurar Caspar para lhe dar a notícia. Será que ficaria aliviado, ou sentiria falta dela? Mas não podia esquecer que, de qualquer forma, devia ser uma carga para um homem que, até bem pouco tempo atrás, podia ser considerado um urso solitário.

Foi até o porão, onde Piper disse que ele estava. Encontrou-o entre móveis antigos cobertos de poeira.

— Há muita coisa boa por aqui, que estaria muito melhor lá em cima, nos nossos quartos.

Francesca contou-lhe o motivo do telefonema de Harriet.

Imediatamente, ele se ofereceu para levá-la, dizendo que também tinha muito que fazer em Londres.

Durante o resto da manhã, ela o ajudou a levar uma infinidade de mesas, cadeiras e objetos que tinham sido postos de lado. Caspar escolheu para o quarto de Francesca uma mesa finíssima, com espelhos, pequenos compartimentos e castiçais dourados nas laterais.

— É uma mesa francesa, do império. Você pode guardar nela suas bugigangas de costura.

— Como é que sabe dessas coisas? — perguntou, encantada.

— Quando a gente está sozinho num fim de mundo e os museus são grátis no inverno, calmos e aquecidos, é fácil ficar conhecendo muitas coisas desse tipo. Quando menino, eu passava muito tempo dentro deles.

Durante o almoço, mandou que estivesse pronta às quatro horas.

Assim, teria tempo de fazer as malas e ainda arrumar sua nova mesinha francesa. Os anos de abandono tinham desfruído a patina da peça, mas não perdera seu encanto. O melhor de tudo foi que, em um dos compartimentos, encontrou meadas de lã e tesouras de bordado com o cabo de madrepérola.

Numa tarde, quinze dias depois de ter deixado Lanyon, Caspar telefonou, avisando que iria até a casa dentro de dez minutos.

Francesca estava sozinha com as crianças, assistindo televisão, e correu até o quarto para se arrumar.

Depois ficou olhando pela janela, esperando por ele, com o coração acelerado. Os sentimentos adormecidos há quase duas semanas voltavam à tona, com toda violência.

Ele chegou de táxi e usava *smoking*. Naturalmente, ia a alguma festa depois. Ficou desapontada, ao pensar que o veria apenas por pouco tempo. Era pior que não vê-lo.

— Alo, Francesca, como vai?

— Estou muito bem, obrigada. E você me parece maravilhoso

— disse, num impulso de que logo se arrependeu.

— Fico contente que aprove. — Ele sorriu, divertido. — A camisa é minha, mas todo o resto é alugado.

— Pois parece feito sob medida.

— Sou um sujeito elegante. Qualquer coisa fica bem em mim — brincou, seguindo-a pela escada.

— E *lady* Alice? Está bem?

— Ótima. Mandou lhe dizer para furar as orelhas,

— Por que ela ia querer que eu fizesse isso?

— Acho que está pensando em lhe dar um par de brincos no seu aniversário. Não deve ser muito doloroso, pelo número de mulheres que fazem isso.

— Gostaria de um drinque? — ela perguntou, fazendo entrar na sala de estar.

— Um gim tônica. Mas pode deixar que eu me sirvo. E você o que quer? Um *sherry*?

— Sim, obrigada.

Viu-o abrir o bar de Sam. Apesar de não dever ter dito, continuava a achar que estava maravilhoso naquela camisa branca, e paletó preto que realçavam o bronzeado que ainda conservava. Francesca estava quase perguntando onde ele ia, quando Caspar virou-se, com os copos na mão e um sorriso nos lábios.

— Está feliz e confortável aqui, *chica*?

— Muito bem, sim.

— Mas não muito feliz, não é? — Entregou-lhe o *sherry*, examinando seu rosto.

— Não me sinto infeliz, mas sinto falta dos bosques e do parque.

— É principalmente de você, acrescentou para si mesma.

— É verdade. Mas aqui em Londres há muita coisa interessante para uma garota da sua idade. Estive conversando com tia Alice e achamos que talvez fosse conveniente você estudar. Quem sabe, taquigrafia e datilografia... Ou talvez costura. Você tem muito jeito para isso. O que acha?

Parecia que a estavam condenando à cadeira elétrica, mas tentou disfarçar.

— Harriet não pode ficar sem minha ajuda.

— Duvido. Se falar com ela, acho que vai concordar.

Fez com que se sentasse no sofá e depois sentou-se a seu lado, explicando que normalmente uma pessoa como ela era tratada como uma filha da casa, e não como uma empregada menor. Certamente, Harriet não esperava que fizesse todo o serviço e se contentaria em ter sua ajuda durante algumas horas do dia, em vez de em tempo integral.

— Muito bem: vou pedir a ela.. Sei que devo fazer o possível para me tornar independente. Já fiz você cuidar de mim por muito tempo. Eu... eu pensei que poderia ser útil de alguma forma em Lanyon.

— Pode ser que seja... mais tarde. Enquanto isso, é do seu interesse conseguir algum tipo de qualificação, principalmente porque não tem nada que prove seu grau de instrução, como diploma e essas coisas.

— Lady Alice vai ficar em Lanyon, agora que estou aqui?

— Vai. Ela gosta de lá e eu gosto de tê-la por perto. Não é nenhuma velha aborrecida, apesar da idade. Está em ótima forma e sempre ocupada com algum projeto. De qualquer forma, concordou em ficar enquanto eu estiver por lá. Quanto tempo isso vai durar, ainda não sei. Estou estudando os prós e os contras. As estatísticas da Associação das Casas Históricas não são nada encorajadoras. A única propriedade que parece não dar

prejuízo é o castelo de Warwick, que agora pertence à madame Tussauds. O problema crucial são os impostos...

Gaspar foi interrompido pelo telefone. Enquanto Francesca se levantava para atender, despediu-se, dizendo:

— Ligo para você amanhã, na hora do almoço, para me contar qual foi a reação de Harriet.

— Você tem mesmo que ir agora? Ele olhou para o relógio.

— É melhor. Não posso confiar em conseguir um táxi a essa hora da noite. Não fique decepcionada. Seu dia chegará, Cinderela.

Depois de atender o telefone, Francesca foi até a mesa, pegou o copo de Caspar e, instintivamente, levou-o aos lábios. Um gesto bobo de moça apaixonada. Quanto tempo ainda sentiria aquele amor sem esperanças?

Foi para a cama cedo, naquela noite, pensando que, se Caspar resolvesse não ficar em Lanyon, não precisaria casar com Alethea. Dormiu mais tranquila.

CAPÍTULO VIII

Nos meses seguintes. Francesca dedicou-se com afinco aos estudos. Certo dia, ouviu Harriet falando com uma amiga ao telefone:

— Oh, minha querida, que aborrecimento para você! Enquanto Francesca estiver conosco, todos esses problemas estarão resolvidos. As crianças a adoram e nós nunca a consideramos como uma estranha nesta casa. Para dizer a verdade, eu ficaria com ela para sempre, se pudesse. E como uma irmãzinha para mim. Mas, é claro, um dia vai querer voar.

Foi maravilhoso sentir-se querida e valorizada. Mas Francesca pensou que seria muito mais maravilhoso ainda se o lugar onde a considerassem tão necessária fosse Lanyon.

Costumava ir até lá de quinze em quinze dias, saindo de Londres no sábado de manhã e voltando domingo a noite. Mas essas visitas regulares aconteciam a pedido, aliás insistente, de *lady Alice*, não de quem ela queria.

Às vezes, encontrava em seu quarto um quadro que não estava lá antes. Ou algum móvel novo. Ou um vaso de opalina cheio de flores colhidas no jardim da marquesa.

— A senhora colheu essas flores para mim? — perguntou à sra. Bray.

— Foi, senhorita. São chamadas de amor-perfeito. Eram as favoritas de *lady* Lanyon. Foram trazidas para a Inglaterra de um convento da Alemanha, mas datam da época dos romanos.

— E o vaso? É do seu quarto?

— Não. Eu não me lembro de tê-lo visto antes. É um dos objetos que o senhor encontrou no porão. Ele achou que ficaria bem no seu quarto. Quer que o retire esta noite? Há pessoas que não gostam de dormir com flores no quarto.

— É mesmo? Prefiro que o deixe. As flores têm um perfume tão maravilhoso!

Naquele fim de semana, não viu Caspar até a hora do chá, ritual que *lady* Alice e o sobrinho ainda respeitavam. Ele chegou um pouco atrasado, quando a tia enchia o bule de prata georgiano. Só que não estava sozinho. Daphne estava com ele. Uma Daphne muito mais magra do que a que Francesca havia conhecido.

— Estive numa clínica de emagrecimento — ela confidenciou à Francesca. — Perdi oito quilos em duas semanas e mais seis, na segunda vez que me internei. Mas ainda falta muito para ficar elegante como você... e receio que nunca mais possa comer torradas amanteigadas ou bolos.

— Oh, espero que sim, quando chegar ao seu peso ideal. A família com quem moro em Londres está sempre tentando uma dieta nova. No momento, o oráculo de Harriet é Nathan Pritikin.

— Quem é esse? — Caspar perguntou, se intrometendo na conversa das duas.

— Um nutricionista que dirige um centro de emagrecimento na Califórnia. Escreveu um livro sobre dietas e exercícios que é *best-seller* nos Estados Unidos. Alguém mandou um exemplar para Harriet. Portanto, agora estamos

num regime de grãos e cereais, sem açúcar, com pouca carne e peixe.

— Bobagem! — falou *lady Alice*. — Eu atribuo minha boa forma e longevidade exatamente ao fato de comer de tudo, mas só refeições preparadas em minha cozinha e por uma boa cozinheira. Jamais comi nada dessas porcarias em latas.

— Deve ter um ótimo metabolismo, *lady Alice* — disse Daphne. A declaração surpreendeu Francesca. Até aquele momento, a outra nunca tinha emitido opinião sobre assunto algum ou puxado qualquer tipo de conversa. Sem dúvida, não era só sua silhueta que estava mudando para melhor,

— Experimente um pedaço desse bolo, criança — a velha ofereceu a Francesca, quando notou que ela não tinha comido quase nada.

— Melhor não, tia. Deve estar cheio de ingredientes proibidos de Harriet — Caspar comentou, com uma careta. — E você, Daphne, quer uma fatia?

— Não, obrigada.

Apesar de gostar de ser chamada de "criança" pela velha senhora, porque isso a fazia sentir-se amada e parte da família, daquela vez Francesca ficou irritada. Sempre que ia a Lanyon, tentava se mostrar mais adulta e sofisticada, mas parecia que todos os seus esforços de nada adiantavam. Se Caspar notava alguma diferença nela, era impossível dizer. Sua atitude e seu modo de tratá-la nunca se alteravam.

Quando desceu para o jantar, naquela noite, comentou com ele os novos enfeites que encontrara no quarto. Respondeu-lhe que ainda estava desenterrando muitas coisas bonitas que tinham sido postas de lado pelo avô e que levara algumas para o próprio quarto também.

— Você e tia Alice?

— Não. Alethea está me ajudando.

Francesca ficou pensando em quanto tempo a moça passaria ali na casa, com ele. Como gostaria de estar em Lanyon, ocupando novamente seu quarto. Sabia que sempre seria bem-vinda naquela

casa, mas, se ele se casasse, não seria a mesma coisa, com uma esposa por perto.

Ficou imaginando uma forma de expressar sua gratidão pelos cuidados que lhe dispensava. Foi o perfume das rosas que lhe deu a resposta. Contou seu plano à sra. Bray e pediu a ela o endereço do velho jardineiro do tempo da marquesa.

Francesca foi vê-lo. Apesar de quase cego, ele tinha boa memória e, com a ajuda da moça, foi capaz de lembrar de todas as espécies de flores do jardim das rosas.

Depois, ela pesquisou a história de cada uma e escreveu um trabalho sobre o jardim. Deu-o de presente a Caspar, no Natal, devidamente datilografado numa máquina elétrica e com uma capa que ela mesma desenhou e pintou. Ele tinha resolvido abrir Lanyon ao público e Francesca sugeriu que talvez pudesse incluir o trabalho no guia da propriedade.

Caspar leu algumas páginas e depois olhou para ela, admirado.

— Se você conseguiu fazer isso, talvez possa preparar o guia para mim. Eu pagarei, claro. Vou mandar imprimir este aqui como um folheto extra para os horticultores que nos visitarem.

— Não. Não é bastante bom para isso. Mas pensei que, gostando tanto de sua avó, você apreciaria a idéia de um histórico do jardim.

— Obrigado, Francesca. — inclinou-se e beijou-a de leve no rosto, deixando-a excitada durante o resto do dia.

Mas no almoço de Natal dos funcionários da propriedade, Francesca notou, com o coração apertado, que aquele beijo não tinha significado nada, além de gratidão mesmo. Foi Alethea quem o ajudou a distribuir os presentes dos empregados e ela teve o mau pressentimento de que a outra tinha seus motivos para estar ali e se comportar como se já fosse a senhora de Lanyon.

Não voltou a ver Caspar até o fim do ano, pois tinha prometido ficar em Londres e ajudar na festa dos Scott-leigh, e Caspar já aceitara outro convite.

Desde então, passou a viver na expectativa da notícia do noivado dele. Mas o inverno passou e, como nada aconteceu, chegou à conclusão de que não estava preparado para renunciar à sua liberdade.

Tentava não pensar muito no assunto e começou a aceitar convites de rapazes, Um deles era Robert, irmão de uma de suas colegas do curso de italiano.

Certa noite, voltaram de uma festa mais tarde do que de costume e os Scott-Leigh já tinham ido dormir. Despediram-se na porta, sem fazer barulho, e jogou-lhe um beijo, enquanto o rapaz se afastava.

Uma luz estava acesa no hall. Francesca trancou a porta e passou a corrente,

— Onde tem andando? — uma voz irada perguntou atrás dela.

Com um grito de susto, virou-se e deu com Caspar parado na porta que dava para a cozinha.

Ele estava na penumbra, mas ela o teria reconhecido imediatamente, mesmo que não falasse.

— Caspar! O que está fazendo aqui?

— Esperando por você.

Quando ele se aproximou, ficou chocada ao ver a raiva que havia em seu rosto.

— Perguntei onde você andou.

— Tivemos um problema no carro. Aliás, dois.

— Dois?

Umedeceu os lábios, nervosa diante de tal atitude. Nunca o tinha visto assim.

— Não é melhor irmos para a cozinha? Nossas vozes podem acordar os outros.

Entrando na cozinha, ela falou, num tom controlado.

— Que bom! Você andou fazendo café. Preciso mesmo de uma xícara, depois de uma noite tão complicada.

Ao se dirigir para a cafeteira para se servir, ouviu a porta se fechar. Caspar agarrou sua mão, quando foi pegar duas canecas penduradas no armário. Pela terceira vez, ele perguntou:

— Onde você esteve?
— Caspar, por favor.., está me machucando!
— Gostaria de colocar você nos joelhos e lhe dar uma lição de que nunca mais se esqueceria — ele falou entredentes. — Sabe que horas são? Quase três da manhã! Devia ter voltado antes da meia-noite.

— Eu sei, mas...

— Sem desculpas, menina. Se aquele sujeito com quem saiu tem um carro que quebra duas vezes na mesma noite, você não deve mais ir a lugar nenhum com ele!

Francesca sempre se admirara e até se ressentira da maneira distante como Caspar costumava se comportar, jamais alterando a voz e falando com ela como se falasse com uma freira. Mas naquele momento, ele simplesmente estava berrando. Assustada, não conseguia entender o motivo de tanta raiva.

— Se eu soubesse que você viria esta noite, não teria saído. Mas problemas com carros podem acontecer com qualquer um. Tentou soltar o braço daquela garra de ferro, mas foi inútil. Ele não devia perceber a dor que provocava e o orgulho a impediu de demonstrar.

— Claro que pode. Mas qualquer pessoa que tenha um pinga de consideração pelos outros telefona para avisar que vai se atrasar. É o mínimo que se espera.

— Tentei telefonar... várias vezes. Mas duas cabines que encontramos tinham sido danificadas e a terceira estava com defeito.

— Não é possível que só tenham encontrado três cabines telefônicas nas últimas quatro horas.

— Na verdade, não tentei mais depois das onze. Sam e Harriet disseram que iam dormir cedo porque estavam muito cansados e eu não quis incomodá-los. Como é que ia adivinhar que você estava aqui, esperando por mim feito um pai ansioso?

— Afinal, onde esteve esta noite? E com quem? — Apertava a mão dela cada vez com mais força.

- Fomos a uma festa em Hatfield. Eu estava com Robert... Robert Bailey.
- Quem deu a festa?
- Uma moça chamada Emma... amiga dele.
- Os pais dela estavam presentes? Você os conheceu?
- Não. Acho que estavam lá, mas em outra parte da casa. Era uma casa muito grande.
- Esse tal Bailey... como você o conheceu?
- É irmão de uma de minhas colegas do curso de italiano. Francamente, Caspar, você está parecendo um detetive interrogando um criminoso. O que é que está imaginando que eu fiz de errado, afinal de contas?
- Não desconfio de nada. Mas sei que você é virgem... ou era, até sair de Lanyon. Espero que Harriet e Sam a fiscalizem o suficiente para que continue assim. Londres é uma cidade cheia de armadilhas para garotas inocentes. Perigos bem parecidos com os que fizeram com que você se disfarçasse de menino na América do Sul.
- Talvez haja, mas não caí em nenhuma delas hoje a noite. Robert é um ótimo rapaz. Ele não parou de propósito. Foi...
- Rapaz? Que idade ele tem?
- Dois anos mais do que eu.
- É um homem, não é mais um rapazinho. Você não sabe que essa festa poderia se transformar numa orgia? Essas coisas às vezes acontecem, quando os pais não ficam vigilantes.
- Pode ser, mas não aconteceu hoje. Era uma festinha inofensiva. Você está fazendo muito barulho por nada.
- Estou fazendo muito barulho porque fiquei aqui, durante três horas inteiras, imaginando todas as coisas horríveis que podiam ter acontecido com você.
- Já lhe disse onde estive. Nada me aconteceu. Agora, estou cansada e quero ir para a cama. Não pretendo ficar aqui para ser insultada e intimidada.., — De repente, Francesca começou a chorar.

Durante tanto tempo tinha esperado por Caspar, desejado desesperadamente vê-lo, e agora que aparecia era para brigar com ela. Era demais. Não conseguiu se controlar.

Engolindo as lágrimas com dificuldade, disse:

— Ainda bem que moro aqui. Se estivesse em Lanyon, não teria nenhuma liberdade. Você age como se ainda eu fosse uma criança. Sou uma mulher, agora, e posso cuidar de mim mesma.

Antes de perceber o que ele fazia, Caspar largou sua mão, mas passou o braço em sua cintura e puxou a cabeça para trás.

— Se está tão confiante, mostre como agiria numa situação assim, se eu fosse um dos seus amigos e quisesse abusar de você.

— Nenhum deles teria se comportado dessa forma.

— Não seja boba. Isso é sua inexperiência falando. — Deu uma gargalhada, — Qualquer homem se comportaria dessa forma, mocinha. Se o tal Robert ainda não o fez, sorte sua. — Apertou-a mais junto ao corpo. — Você tem precisamente dez segundos para demonstrar como evitaria ser beijada.

Ele estava se divertindo com seu mal-estar. Dez segundos nunca pareceram tão longos para Francesca. Sentia-se presa numa armadilha, meio amedrontada, meio excitada. Será que Caspar tinha estado bebendo? Não, ele parecia tão sóbrio quanto ela. Aquele olhar estranho nada tinha a ver com bebida.

— Por favor, Caspar...

— ... três, dois, um... zero.

Sua cabeça inclinou-se e ela fechou os olhos, esperando um beijo, punitivo e brutal, mas sua boca foi gentil e macia. Francesca estremeceu, numa submissão imediata.

Como podia ter medo do homem que durante tantos meses a protegera? Como podia temer seu salvador? Há muito tempo sonhava com seus beijos. Agora era sua chance de mostrar-se mulher.

O segundo beijo não foi suave e delicado. Talvez porque ele tivesse percebido que estava sendo correspondido por uma mulher, e não por uma garotinha, e reagiu de uma maneira apaixonada. As poucas experiências de Francesca com rapazes

não a haviam preparado para a paixão de um homem de verdade. Os lábios de Caspar moviam-se tão insistentemente e estavam tão agarrados um ao outro, que nem em seus sonhos mais excitantes poderia imaginar sentir nada parecido com aquela ânsia e aquele abandono que tomavam conta dela. Perdeu as forças e toda a vontade própria. Queria ficar nos braços dele, inteiramente dominada pelo prazer. Queria que a apertasse até machucar. Queria sentir no rosto a aspereza da barba dele. Quando parou de beijá-la, não abriu logo os olhos: ficou muito quieta, com o rosto erguido e os lábios entreabertos, como se esperasse mais.

Em vez disso, ouviu que ele dizia:

— Está vendo só? Não há jeito de uma moça se defender, quando um homem quer.

Não estava zangado. Francesca abriu os olhos e viu que sua expressão também tinha mudado.

— Mas você é mais forte do que a maioria dos homens. Não foi uma demonstração justa. E depois, não acredito que isso tenha sido só uma demonstração. Você queria me beijar.

Percebendo que provocara novamente sua raiva, apressou-se em corrigir:

— Sinto muito. Foi estupidez minha dizer isso.

— Mas foi verdade — ele falou, com ar preocupado. — Está muito tarde, vamos falar disso amanhã. Você já deveria estar na cama há horas. Enquanto esteve fora, Harriet recebeu um telefonema da mãe: o pai dela está doente. Foram passar a noite lá e levaram Lucinda. Eu disse que ficaria com os gêmeos, até você voltar, mas não vou dirigir a essa hora. Ficarei no quarto de hóspedes.

— A cama não está feita. Você vai precisar...

— Já encontrei tudo o que é necessário. Vá dormir agora, por favor, Francesca.

Apesar do tom e do 'por favor'¹, era uma ordem.

Mas não conseguiu pegar no sono com facilidade. Não parava de pensar no fato de ele ter confessado que a beijara porque queria, e não para lhe dar uma lição.

De manhã, foi acordada por Anne, que, toda excitada, disse que tio Caspar ia levá-los para a escola e tinha pedido para tia Francesca ficar em casa, esperando algum recado de seus pais. Quando Caspar voltou, ela o recebeu toda arrumada, o cabelo nem penteado, o rosto levemente maquiado e usando um robe de veludo cor-de-rosa que Harriet lhe dera de presente de Natal.

— Nenhuma palavra de Sam até agora?

— Ainda não. Obrigada por ter cuidado dos gémeos. Você tomou café com eles?

Antes que ele respondesse, o telefone tocou. Era Harriet. Seu pai tinha sido internado na unidade de terapia intensiva e a mãe viria para casa com ela. Chegariam lá pela hora do almoço.

Contou as notícias para Caspar e tornou a perguntar:

— Você tomou café com as crianças?

— Tomei. *Você* não devia ter saído para suas aulas?

— Não. Essa é uma das minhas manhãs livres, quando costumo ajudar Harriet.

— Entendo. Então, vou andando.

— Mas ontem você falou que... conversaríamos hoje...

— Não há nada para ser conversado, Francesca. Mas, se insiste, fico só para mais uma xícara de café.

Foram até a cozinha. Ela lavou a louça do lanche das crianças, enquanto esperava o café esquentar. Sem se virar para ele, insistiu:

— Você disse "se insiste", como se eu tivesse provocado o que aconteceu. Não foi bem assim. E você não pode beijar uma moça assim, como se não fosse nada demais...

— Imagino que já tenha sido beijada antes.

— Algumas vezes. Poucas... e nunca daquela maneira. Se queria fazer o que fez, por que está com pressa de ir embora, como se quisesse fugir, em vez de me beijar novamente?

Enquanto falava, Francesca aproximou-se, apoiou as mãos no peito dele e levantou o rosto, com um sorriso tímido.

Caspar segurou as mãos dela, mas não as acariciou, como a moça esperava. Ao contrário; com um gesto brusco, afastou-as de seu corpo.

— Não costumo repetir meus erros, e beijá-la foi um erro. Eu estava cansado e preocupado. Você parecia mais adulta do que de costume e, por um instante, perdi o controle.

— Mas sou adulta, agora. Não sou mais aquela garota magricela de quando nos conhecemos. Olhe para mim... manequim quarenta e dois.

— É verdade: mudou muito e está com um corpo de mulher. Mas ainda não é bastante madura para mim. Não posso aceitar o que me oferece. Pensa que está apaixonada, mas pode ser puro encantamento. Viu muito pouco da vida até agora, para saber com certeza o que é melhor para seu futuro. As pessoas mudam.

Principalmente entre os dezoito e vinte e cinco anos; além disso, não sou livre. Assumi a responsabilidade por Lanyon e isso implica numa série de outras coisas. Estou pronto para me estabelecer, mas você ainda não está... pelo menos, não nos próximos anos.

Francesca queria protestar, mas sabia que não adiantava. O orgulho também a impedia de dizer que o amor que sentia por ele era a coisa de que mais tinha certeza na vida. Além disso, em nenhum momento Caspar havia falado que a amava.

— Nesse caso, talvez eu não deva voltar a Lanyon.

— Não seja tola. Onde mais iria? Você será sempre bem-vinda a Lanyon. O que aconteceu ontem não altera nada. Foi apenas um beijo, pelo amor de Deus!

Caspar tomou o café em pé. Engoliu-o rapidamente e depois disse:

— Ainda bem que estamos em terra agora. Se ainda estivéssemos no barco, essa situação seria uma tentação forte demais até para um santo. E nunca fui santo. Mesmo agora, não é fácil resistir a você, Francesca.

Ela sabia que ele estava tentando salvar seu orgulho ferido. Como não disse nada, ele continuou:

— Sou doze anos mais velho do que você. Envolvê-la em qualquer tipo de relacionamento fora do casamento seria imoral. E casamento está fora de cogitação. Estou empenhado num projeto que será uma carga pelo menos durante os próximos dez anos. Você é muito jovem para suportar esta carga comigo. Daqui a algum tempo, vai me agradecer por não ter permitido isso.

— Vou mesmo?

— Vai, sim. Agora, preciso ir. — Aproximou-se e segurou as mãos de Francesca. — Sabe que a acho atraente e espero que saiba também que dou muito valor à sua amizade. E a única pessoa que entende que eu preferia não ter herdado essa responsabilidade. Houve um tempo que seu senso de dever para com seu pai governava sua vida. Agora, Lanyon governa a minha.

Quando ele foi embora, ela correu para arrumar a cama para a mãe de Harriet e depois deitou-se entre os lençóis onde Caspar tinha dormido, abraçada ao travesseiro. Era o máximo que teria dele. Nunca mais a beijaria, e ela havia decidido que, apesar de bem-vinda a Lanyon, jamais voltaria por lá. Mas para onde iria? De repente, a resposta surgiu em sua mente. Assim que a saúde do pai de Harriet melhorasse, ou pelo menos que a amiga não precisasse mais dela, iria para a Itália e tentaria encontrar a família de sua mãe.

Tinha economizado quase todo o dinheiro que os Scott-Leigh insistiram em pagar, e estudantes podiam viajar pela Europa sem gastar muito.

Quando se levantou, sentia-se menos infeliz. Ao menos, tinha planos para o futuro. Não contaria a ninguém que pretendia viajar, pois podiam tentar impedi-la. Em vez disso, partiria, deixando cartas para todos.

CAPÍTULO IX

Francesca conheceu Jack Linslade numa festa em sua vila em Toscana. Ele também tinha uma casa na França, outra em Palm

Beach é um apartamento de cobertura em Londres. Diziam que era um milionário que tinha feito a própria fortuna.

Lembrou-se imediatamente do comentário de *lady* Alice sobre pessoas que ficavam ricas nos dias de hoje terem habilidades e talentos especiais. Aquele tipo de lembrança ainda a assaltava de vez em quando.

Já estava na Itália há um ano. Não tinha sido um ano feliz, apesar de interessante. Chegara resolvida a esquecer o passado-e isso era bem mais difícil do que imaginava.

Sua primeira providência foi entrar em contato com a família da mãe, descobrindo que eram gente de muito prestígio no país e moravam numa vila a poucos quilômetros de Florença.

Tinha escrito uma carta muito cautelosa para os avós, explicando que estava sozinha no mundo e que, não tendo nenhum outro teto, esperava ser recebida pelos únicos parentes que lhe restavam.

Durante um mês, não recebeu resposta e começou a se preocupar. Mas não se deu por vencida. Arranjou trabalho e um quarto numa pensão barata,

Um dia, voltando da pizzeria onde era garçonete, encontrou um Alfa-Romeo estacionado na porta, coisa muito fora do comum naquela vizinhança pobre.

— Um momento, por favor, *signorina*. É a srta. Hartley, não é? O motorista saltou do carro e aproximou-se. Era pouco mais alto do que ela, bem bonitão e devia ter a mesma idade de Caspar.

— Sim. sou eu mesma. Como soube? Quem é o senhor?

— Eu a reconheci. Há um retrato seu em minha casa. Sou seu primo Giovanni, o filho mais velho do irmão de sua mãe. Agora, sou também o chefe da família. Deve nos desculpar por ignorarmos sua carta por tanto tempo, prima Francesca.

Segurou a moça pelo braço e convidou:

— Não podemos conversar à vontade aqui. Posso levá-la a algum lugar para nos conhecermos melhor?

Francesca hesitou. Achava os homens italianos muito mais afoitos do que os ingleses, capazes de interpretar mal o menor sorriso.

No entanto, não podia haver dúvida. Ele era mesmo seu primo. Aceitou o convite e saíram dali.

No caminho, Giovanni explicou que não respondera à sua carta porque não estava em casa, quando chegou.

— Foi nossa avó que a recebeu. Ela está muito velha e nem sempre muito lúcida. As poucas cartas que recebe são lidas por Gabriela, minha esposa, ou por sua criada, que é quase tão velha como vovó. No caso, foi a criada quem leu e a pobrezinha, que sempre teve muito medo do marido, não disse nada a respeito. Esqueceu que vovô já morreu. Ela está assim: confunde muito as coisas e vive quase só do passado.

— Oh, meu Deus... Se eu soubesse que ia perturbá-la tanto, não teria escrito.

— Estou contente porque o fez. Não sou um tirano como nosso avó e não gosto de pensar que alguém do meu sangue foi deixado de lado e está em dificuldades... principalmente, se não cometeu nenhuma falta para merecer esse tratamento.

— É muito gentil da sua parte dizer isso, mas não tenho nenhuma intenção de me impor, primo Giovanni. Só queria matar uma velha curiosidade a respeito da única família que me restou... e talvez fazer amigos a quem pudesse recorrer em alguma emergência. Sou inteiramente capaz de cuidar de mim mesma, apesar de não estar exatamente bem de vida.

— Aprecio muito esse seu espírito de independência. Só que não posso acreditar que realmente goste do tipo de trabalho que está fazendo no momento.

De repente, havia um tom seco em sua voz que a fez lembrar de alguém. Lembranças dolorosas de uma pessoa da qual sentia uma terrível falta e que não esperava ver novamente.

— Como sabe onde trabalho?

— Mande um menino na pensão, saber se você estava. Sua senhoria veio me atender e não foi difícil descobrir tudo que queria a seu respeito. A princípio, ela desconfiou de minhas intenções. Finalmente, quando a convenci de que não estava interessado em você por nenhum motivo condenável, acabou me

confidenciando que a achava uma moça muito boazinha e bastante respeitável. Disse também que era um pouco triste. Ainda sente muito pela perda de seu pai?

— Eu não era muito apegada a ele. Seu avô tinha razão, ao não concordar com o casamento. Apesar que acho que cometeu uma grande injustiça, renegando minha mãe. Ela apenas seguiu o coração, pobrezinha. Não se comportou como uma leviana. Pelo menos, foi essa a versão que papai me contou sobre a briga dos dois.

— Você deve conversar com a mulher de meu tio. Ela era muito amiga de sua mãe e pode lhe contar o outro lado da história. Daquele dia em diante, a vida de Francesca mudou muito. Giovanni e Gabriela cuidaram dela, tentando compensar todas as privações por que havia passado. Por eles, viveria como uma princesa, ociosa e cercada de luxo. Mas a moça estava decidida a fazer carreira, e os primos prometeram ajudá-la, apresentando-a a pessoas influentes.

Quando conheceu Jack Línslade, Francesca já falava italiano como se sempre tivesse vivido na Itália. Sua aparência mudara muito; estava mais elegante e sofisticada; e trabalhava como primeira assistente de um dos mais famosos costureiros italianos. Foi um emprego criado especialmente para ela, pois Gabriela era sua cliente favorita.

Jack Linslade era um viúvo de mais ou menos quarenta anos, pai de dois adolescentes que estavam estudando na Suíça. Ele dizia ter amado muito a mulher e não sentir nenhuma pressa para se casar novamente. Francesca simpatizou imediatamente com aquele homem de olhos azuis, pele dourada e cabelos grisalhos, que irradiava energia e mostrou-se realmente interessado por sua vida e seu passado.

Uma tarde, saindo do trabalho, encontrou-o esperando por ela com um convite para jantar. Era inesperado, e a moça hesitou. Rindo, Jack disse que não havia motivo para fazer uma carinha tão desconfiada.

— Pode ser que, daqui a vinte anos, eu procure menininhas que tenham idade para ser minhas filhas. Mas, agora, quero apenas companhia feminina; de preferência, charmosa e inteligente. O problema é que a maioria das mulheres está mais interessada em minha fortuna do que em mim. Como sei que você não liga a mínima para dinheiro e é a única que realmente ouve as coisas que digo, pensei em convidá-la.

Então, começou uma amizade sólida, que os primos de Francesca pensavam que, logo, se transformaria em coisa mais séria.

Em parte, foi por causa da insistência deles em lhe arranjar um casamento, que Francesca acabou aceitando a oferta de Jack de financiar um negócio para ela. Significava voltar para a Inglaterra, ser realmente independente e continuar a vê-lo, já que Jack morava lá a maior parte do ano. Em troca, o amigo não faria qualquer exigência, a não ser ter sua companhia. Sabia que ele tinha uma mulher que saciava suas necessidades sexuais, mas desconfiava de que não era nenhuma inteligência brilhante.

Sua avó, bastante idosa, morrera pouco antes e Francesca, agradecida pela generosidade com que os primos a trataram, achou que já era tempo de deixá-los.

Chegou a Londres dividida por sentimentos contraditórios: a excitação de abrir sua própria boutique e o temor de voltar a se encontrar com Caspar.

Quando fez vinte e um anos, Jack ofereceu-lhe uma festa na casa de amigos. Todos tinham um presente para Franca, como a chamavam. Mas, apesar do carinho deles, não pôde deixar de lembrar, com o coração apertado, um outro aniversário, um vestido indiano verde, um vidro de perfume francês, um par de sandálias douradas...

Dias depois de sua festa, folheava o *The Times* quando encontrou a notícia do falecimento de lady Alice Barrington. Leu com lágrimas nos olhos, pois tinha aprendido a amar a excêntrica tia de Caspar e sentia não ter estado com ela nos dois últimos anos de sua vida.

Com o tempo, as feridas foram cicatrizando. Comemorou vinte e três anos já como uma estilista de sucesso, badalada pela imprensa e com um lugar assegurado no mundo influente da moda. Sua carreira chegava ao auge, mas sua vida pessoal continuava tão vazia como antes.

E depois?, era a pergunta que se fazia, nas intermináveis noites de insónia. A resposta mais lógica era... casamento. Mas o único homem com quem podia se imaginar casada era Jack e ele ainda falava muito da esposa falecida, além de tratar Francesca como uma filha.

Já fazia quase quatro anos que tinha voltado a Inglaterra, quando resolveu visitar os parentes na Itália. Jack tinha ido para os Estados Unidos na véspera, a negócios, e combinaram almoçar juntos, quando voltassem. Até lá. Francesca esperava ter vencido a depressão em que se encontrava.

Mas a paisagem italiana e o calor da casa dos primos não operaram o milagre. Ao regressar a Londres, descobriu que não estava tão ansiosa para voltar ao trabalho como deveria estar. Não se sentia inspirada nem descansada. Pela primeira vez, apenas telefonou para o *atelier*, para saber se tudo corria bem, em vez de ir verificar pessoalmente.

Quase sempre, depois de uma viagem, vinha cheia de idéias novas e esboços de modelos que queria executar imediatamente. Dessa vez, no entanto, não conseguia colocar a carreira em primeiro lugar.

O florista que costumava fazer os arranjos da loja tinha trazido lilases brancos para as janelas e junquinhos para a mesa onde as clientes assinavam os cheques. Aquele aroma trouxe-lhe a lembrança do dia em que tinha conhecido Alethea Spencer. Por mais que se esforçasse, não conseguia se recordar de sua vida com Caspar como realmente havia sido. Era quase como se fossem casados ou amantes, e não apenas amigos.

No dia seguinte à sua volta da Itália, encontrou-se com Jack para o almoço e tentou aparentar uma animação que não sentia.

Comeram um delicioso *haddock* e trocaram impressões de suas viagens.

Tomavam café, quando ele falou:

— Teria sido muito melhor se você estivesse comigo. Sempre fui contra casamentos de pessoas de gerações diferentes, mas acho que devíamos tentar. O que pensa da idéia?

— Me parece que você escolheu um lugar estranho para propor.

— Talvez sim. Desculpe. Talvez você nem tenha pensado nisso. É muito jovem ainda. Mas sempre me pareceu muito madura para sua idade.

— Na verdade, já me passou pela cabeça, Jack. Não sabia que também tinha passado pela sua. Mas agora que tocou no assunto, sei que, apesar de adorar você, um casamento nunca daria certo. Não por causa da diferença de idades, mas porque ainda amo alguém.

— Eu sabia disso, mas pensei que já tivesse esquecido esse homem.

— Você sabia?

— Adivinhei. O que houve de errado? Ou você prefere não falar no assunto?

— Com você, não me importo. Até gostaria de desabafar.

Resumindo a história, ela contou sua experiência na América do Sul e o motivo de ter ido para a Itália.

— Ele tinha razão, na época — disse Jack, depois de ouvir tudo em silêncio. — Quem sabe, se for procurá-lo agora, vai perceber que tudo não passou de um encantamento. Que vocês dois mudaram e ele não é, e talvez nunca tenha sido, o homem maravilhoso que você imaginava. Na idade em que o conheceu, é comum uma mocinha fazer esse tipo de fantasia.

— Sei disso. Mas não é o meu caso. Nunca fui de ter muitas ilusões. Por causa da vida que levei, sempre tive os pés no chão. Desde pequena...

Foi depois daquela conversa que Francesca atendeu *lady Cornwall*. Quando a cliente se retirou e ia subir para o *atelier* pensava tanto em Caspar, que pensou estar delirando, ao ver aquele

homem moreno entrar na loja. Mas não era sua imaginação: depois de cinco anos, estavam frente a frente outra vez.

CAPÍTULO X

— Como vai, Caspar? Está com ótima aparência.

— Pensei que tinha ido para a Itália. Há quanto tempo voltou?

— Passei só um ano na Itália. O resto do tempo, estive aqui. Eu...

Parou, pois a porta se abriu e uma mulher de mais ou menos trinta anos entrou.

— Desculpe o atraso, querido. Fiquei presa em Harvey Níchols.

Alô... — A saudação foi para Susie.

— Parece que sua estilista favorita e eu nos conhecemos, Judith. Seu nome verdadeiro é Francesca Hartley. Esta é Judith O'Connor.

— Quando é que vocês se conheceram? — perguntou, dirigindo-se a ela.

— Há muito tempo... na América do Sul. — Virou-se para a assistente. — Se quiser, pode ir embora, Susie. Eu atendo a sra. O'Connor.

A outra agradeceu, feliz, e subiu para pegar a bolsa.

Já controlada da emoção do reencontro, Francesca perguntou o que Judith gostaria de ver.

— Estou procurando uma blusa... alguma coisa muito especial... que combine com a saia que comprei aqui no outono. É de seda preta e parece a saia de uma dançarina espanhola.

— Oh. sim, já sei qual é. A senhora não levou a blusa que fazia conjunto? Aquela de mangas compridas bufantes.

Judith tirou o casaco, e Francesca teria ajudado, se Caspar não se antecipasse.

— E claro que levei. Mas o problema com as suas roupas, sra. Hartley, é que a gente não tem vontade de trocar nunca mais infelizmente; não se pode usar sempre a mesma roupa.

— Não sei por quê. Eu uso — Caspar disse, atrás dela.

Francesa não queria conversar. Estava fazendo o possível para se dominar. Mas a mulher não parecia disposta a parar de falar. Suas mãos tremiam, enquanto afastava os cabides, tentando se concentrar no que fazia. Procurou ignorar a terceira presença perturbadora.

— Tenho duas blusas que acho que ficariam perfeitas com aquela saia. Assim que Judith desapareceu no provador, Caspar disse, brusco:

— Eu a apresentei como Francesca Hartley, mas talvez um desses anéis seja uma aliança. — Apontou para a mão dela.

— Não, são todos apenas anéis. Não me casei. Mas você sim, imagino. Quem foi a felizarda? Alethea ou Daphne?

— Do que está falando?

— Pensei que casaria com uma delas. A menos que tenha encontrado uma terceira que tenha tudo... dinheiro, berço e beleza... para ser sua marquesa, lorde Lanyon.

Não podia evitar o tom venenoso na voz. Talvez estivesse sendo injusta com ele, mas estava magoada demais.

— Sua suposição foi errada. Alethea e Daphne estão casadas, mas não comigo. Ainda continuo solteiro e pretendo ficar.

— Por que isso?

— Duvido que minhas razões sejam da sua conta, srta. Hartley.

— Eu... senti muito a morte de *lady* Alice. Senti demais, mesmo. Eu a admirava e gostava muito dela.

— Não o suficiente para lhe escrever uma única carta.

— Você deve saber por que não escrevi. Não queria que soubesse do meu paradeiro e fosse me buscar para viver com Alethea ou Daphne. Eu ainda era tão jovem... uma criança, mesmo.

— Eu sabia onde você estava. Até seus vinte anos, sabia exatamente onde estava. Depois disso...

— Como podia saber? Não acredito.

— Primeiro, você morou numa pensão e trabalhou numa pizzeria. Então, foi para a casa de sua família.

— Como soube de tudo isso?

— Imaginei que iria para a Itália, Onde mais? A partir daí, foi fácil localizá-la e seguir todos os seus passos. No fim do ano, fui à Itália, verificar se estava mesmo gozando a vida, como meus informantes diziam. E como estava! Passei uma noite inteira observando-a dançar e flertar com Roberto Biagi, numa boate chamada La Bússola.

— Você estava lá? Você estava... perto de mim? Oh, Deus!
— murmurou.

— Era minha responsabilidade e queria me certificar.
Tia Alice também ficou mais aliviada, ao saber que você estava feliz.

Antes que ela pudesse negar, a sra. O'Connor saiu do provador, usando uma das blusas,

— Gosto dessa. O que acha querido?

Caspar levou algum tempo para responder e Francesca sentiu que a outra percebeu que a conversa que tiveram em sua ausência não tinha sido assim tão banal.

— Está muito bonita, Judith.

Judith usava dois anéis: um de topázio e outro de platina, que era evidentemente uma aliança.

— Talvez a senhora queira provar outros dois, para se decidir

— Francesca sugeriu.

— Não. Gostei mesmo dessa aqui, obrigada, srta. Hartley.

— As mangas estão um pouco compridas. Vai levar uns dois dias para ajustá-las.

— Não tem problema.

Francesca tomou as medidas e a outra voltou a cabine para se trocar.

— Tenho que levar Judith em casa, mas volto. Onde você mora?

— Caspar perguntou.

— Aqui... em cima da loja. No último andar.

— Volto às nove.

— Suas amigas gostam dessa sua maneira arbitrária de resolver as coisas, lorde Lanyon?

— Se você me chamar assim novamente, eu... —
Parou, controindo-se com um esforço evidente. — Tem algum compromisso inadiável para esta noite?

— Não. Estou livre.

— Vou aparecer às nove. Não pretendo ocupar muito do seu tempo, mas há umas certas respostas que quero ouvir.

Pelo jeito como falava, parecia disposto a cometer um crime, isso sim. Por que estaria tão feroz?

— Muito bem — respondeu, gelada. Em seguida, virou-se para fazer o recibo da blusa.

— Quando Susie desceu, encontrou Francesca sentada, com as mãos no rosto.

— Srta. da Rímini, está se sentindo bem?

— Sim... estou bem, obrigada. Foi apenas o choque de encontrar lorde Lanyon... assim... de repente, depois de tantos anos. Eu estava tentando esquecer que o tinha conhecido anos atrás, quando era muito jovem, me apaixonei por ele...

E ainda estou e sempre estarei apaixonada, pensou.

— Não pode ter sido há muito tempo. Ainda é bem moça.

Francesca sorriu.

— Em todo caso, não parece que ele escolheu a mulher certa. Da maneira como ela o chamava de "querido" daquele jeito meloso, devem ser apenas bons amigos, como dizem — Susie acrescentou.

— É... parece. Mas ele ainda continua solteiro, não sei por que.

— Pode ser porque ele descobriu que a senhorita é que era a pessoa certa.

Será que podia ser isso? Não, não devia alimentar falsas esperanças que só a fariam sofrer ainda mais.

— Acho que não, Susie. Ele sabia onde me encontrar e sabia o que eu sentia.

Depois disso, Francesca foi para o estúdio. Sabia que precisaria de muita força para enfrentar o encontro daquela noite. Para levantar o moral e ganhar confiança, resolveu que estaria mais bonita do que nunca. Marcou hora com o cabeleireiro para o fim da tarde. Depois, pensou na etapa seguinte. O que vestiria? O

teminho de seda branca ou o conjunto italiano que tinha trazido? Finalmente, pensou em seu último modelo. Aquele vestido ofuscante, azul-noite. Por que não? Por que não aparecer deslumbrante, para que ele percebesse o que tinha perdido? Estava pronta às oito horas e andava, nervosa, de um lado para o outro. Os homens costumavam dizer que ela era uma beleza, mas nunca acreditou inteiramente. Naquela noite, no entanto, seria excesso de falsa modéstia não reconhecer que estava linda.

Às oito e mais, o interfone tocou:

— Quem é?

— Caspar.

— Pode subir. Por favor, verifique se a porta ficou bem trancada. Ouviu seus passos na escada, mas, quando ele entrou, encontrou-a arrumando um vaso de flores, parecendo a pessoa mais calma do mundo.

— Você está adiantado. A sra. O'Connor mora em Londres?

Caspar ignorou a pergunta.

— Você costuma se vestir assim para ficar em casa?

— Você disse que não demoraria, e tenho uma festa mais tarde.

— Franceses parou de arrumar as flores e pegou um copo de vodca. — Você bebe algo?

— Uísque com soda, se você tiver.

Ele tirou o paletó e jogou-o em cima de uma cadeira. Enquanto ela servia a bebida, deu uma rápida olhada na sala.

— Mora aqui sozinha?

— É bastante espaçoso para uma pessoa. Eu lhe disse que não tinha casado.

— Muitas pessoas não são casadas e nem por isso moram sozinhas.

— Mas, no meu caso, sim. Estou casada com minha carreira.

— Que tem sido um grande sucesso. Mas não é uma perda de tempo dedicar tudo isso... — olhou-a de alto a baixo — ...só à sua carreira? E não acredito que vá a festa nenhuma. Acho que se vestiu assim para mim, só que não precisava de artifícios para mostrar como está madura e desejável. Já era adorável, na

última vez que a vi, naquela boate italiana. Não mudou nada, desde então. Estou certo de que sabe disso.

Caspar pousou o copo sobre a mesa e dirigiu-se para ela, o desejo brilhando em seus olhos cinzentos. Pegou o copo de Francesca e colocou-o na mesa também, segurando-a pelo pulsos.

Antes que pudesse evitar, ele a beijava para calar seus protestos. Foi o beijo mais longo e esmagador que já tinha recebido. Seus braços já não estavam presos, mas em volta do pescoço dele. Não podia resistir àquele homem de jeito nenhum. Ainda mais, com os lábios macios nos dela, seduzindo-a, fazendo-a vibrar de desejo.

— É melhor me mostrar como se abre essa coisa linda que está usando. Não quero estragar o vestido.

Mesmo quando ele murmurou essas palavras em seu ouvido, não conseguiu sentir raiva. Era dele, sempre tinha sido.

— Não, Caspar... espere...

— Tenho esperado... cinco anos intermináveis. Agora que encontrei, não vou recusar novamente o que me ofereceu uma vez. Desejo você e vou tê-la.

Beijou-a ardentemente, procurando por um zíper em suas costas. Francesca soltou-se sussurrando: — Querido, deixe que eu faça isso,

O abraço afrouxou e ela afastou-se um pouquinho, para soltar o vestido.

— O único problema é que é a primeira vez para mim, e seria um desastre, se eu... eu engravidasse.

Caspar beijava-a no pescoço e ela pensou que não tivesse ouvido. Mas depois, ficou tenso, endireitou-se e encarou-a.

— Você está tentando me dizer que continua virgem?

— É. Nunca quis ter apenas sexo. Queria amor também, e isso era impossível.

— É inacreditável. Linda como você está... Deve ter havido dezenas de homens que quiseram levá-la para a cama. E você não me parece fria. Por que disse que era impossível?

— Porque... porque sou mulher de um homem só e nunca deixei de amar você. Oh, droga! Eu tinha que falar...

Correu até o sofá e começou a soluçar, escondendo o rosto nas mãos. Sentiu-o sentar-se a seu lado e passar o braço em suas costas trémulas. Aquele momento de entrega total tinha passado. Agora se arrependia de sua fraqueza e loucura. Saber que ele queria apenas o seu corpo era um golpe terrível.

Só depois que os soluços tinham passado e que estava deitada no sofá, exausta, Caspar falou:

— Ouça, Francesca: não adianta fingir que sou homem de uma mulher só. Houve várias, antes de conhecer você, e algumas relações casuais nos últimos cinco anos. Esta tarde, você me perguntou por que eu queria continuar solteiro. A resposta era: porque a única mulher com quem quis me casar era muito jovem quando a encontrei e depois fugiu de mim. — Segurou-a pelos ombros, fazendo com que o encarasse. — Eu não sabia que a amava, até que partiu. Vim até aqui hoje à noite, pensando que você havia-se transformado numa mulher de negócios sofisticada, cheia de amantes. Achá-la intacta, a mesma, com a diferença de que agora está ainda mais bonita, foi um choque que ainda não tive tempo de aceitar. Acha que me ama o suficiente para casar comigo?

— Suficiente? Oh, Caspar! Se soubesse quanto eu o amo! Ser casada com você seria... o céu. — Seus olhos ficaram úmidos novamente.

Ele a atraiu para o peito, beijando sua testa.

— Não chore, minha menininha... meu amor. Acabou tudo, agora. Estamos juntos... tudo vai ficar bem.

Feliz como nunca na vida, Francesca ergueu o rosto para ser beijada, mas ele a afastou.

— Assim não. Foi difícil para mim resistir quando você tinha dezenove anos. Mas agora...

Levantou-se e atravessou a sala, observando os quadros. Ela o admirou ainda mais por saber que não devia consumir aquele amor tão sofrido na hora errada.

Mais tarde, depois de lavar o rosto e trocar um vestido de casa, Caspar levou-a até a cozinha, dizendo que ia preparar um jantar rápido para os dois.

— O que não entendo é você ter tido essa idéia louca de que eu devia estar casado com Daphne ou Alethea — disse, enquanto servia uma omelete de cogumelos com salada.

Francesca contou a conversa que ouvira entre ele e *lady Alice*, na biblioteca de Lanyon.

— Mas, minha querida, era sobre você que ela falava. Achava que, em poucos anos, seria uma moça de uma beleza rara, além de caráter e bondade. Só não sabia que era tão talentosa. E quanto à sua carreira, Francesca? Confesso que não quero ter uma esposa só nos fins de semana.

— Desisto da carreira. O pessoal que trabalha comigo é muito bom. Todos podem encontrar emprego com outros estilistas. Ninguém ficaria prejudicado. — Depois de uma pausa continuou:

— Judíth O'Connor... é ela que...

— Não, não é — Caspar respondeu, com firmeza.

— Ela o chamou de "querido" e eu imaginei...

— Judith chama todo mundo de querido. O marido inválido, os filhos, os amigos... Faz muito tempo que não há ninguém na minha vida, a não ser o fantasma de uma menina chamada Francesca.

Daí, meu descontrole, ainda há pouco.

— Você pode ficar aqui esta noite... se quiser — ofereceu, timidamente.

— Não. É claro que quero, mas, depois de esperar tantos anos, posso esperar mais um pouco e fazer as coisas como devem ser. Vou passar a noite no meu clube. Amanhã, nos encontraremos no Hotel Hyde Park, para tomar café, como eu fazia com minha avó, quando era criança. Depois, iremos ao banco e você verá às jóias da família. Quero que escolha a que lhe agrada como anel de noivado. — Parou e beijou as mãos dela. — Então, anunciaremos ao mundo o casamento do felizardo marquês de Lanyon com a adorável srta. Francesca Hartley.

Casaram na capela de St. Mary e a cerimónia foi celebrada pelo vigário de Lanyon numa manhã ensolarada, com todos os empregados da propriedade presentes.

Francesca não teve tempo de desenhar seu vestido de noiva e acabou escolhendo um modelo branco de um estilista menos famoso do que ela e que não era nem mesmo uma roupa de casamento. Mesmo assim, quando primo Giovanni a viu, com o cabelo enfeitado de junquinhos colhidos do jardim, jurou que era a noiva mais bonita que já tinha encontrado.

— Estive admirando os retratos das marquesas anteriores, Francesca. Algumas eram muito bonitas, mas você é a primeira verdadeira beleza da família.

— Não sou realmente bonita, Giovanni. Mas não sabia que a felicidade faz milagres. Pois é esse o caso. Estou nas nuvens, desde que soube que Caspar me ama.

— Gabriela me contou que pretende desistir da carreira por ele. Como os primos tinham chegado pouco antes da festa, quase não tiveram tempo de conversar em particular.

— É verdade. Não poderia ser Franca da Rímini e a esposa de Caspar. Ele precisa de minha ajuda aqui. Terei muito o que fazer, para sentir falta da loja. Além do mais, acho que não vou demorar muito para estar desenhando roupas de criança. Sou do tipo doméstico e quero ter muitos filhos. Foi um amor não correspondido que me fez entrar de corpo e alma nos negócios. Uma espécie de compensação. Não preciso mais dela, graças a Deus.

Quando entrou na capela, pelo braço do primo, estava quebrando uma antiga tradição. Todas as noivas da família haviam casado em grandes catedrais, com centenas de convidados presentes, mas Caspar não se importava com o que as pessoas pensassem. Já tinha esperado por ela tempo demais.

Com Sam a seu lado como padrinho, ele a observou aproximar-se, radiante como nunca. Não faria diferença se ali fosse uma igreja imponente, com milhares de convidados à sua volta: só

conseguiram pensar um no outro. Era como se os outros deixassem de existir.

Francesca caminhou pela nave, os olhos fixos no homem elegante e sorridente que a esperava no altar, e não pôde compreender como conseguira suportar tantos anos de separação.

Horas depois, que pareceram intermináveis para os dois, estavam na porta de Lanyon, muito abraçados, acenando para os últimos convidados que partiam.

— Logo que voltarmos de nossa lua-de-mel, tenho que mandar pintar a casa para minha adorável esposa — disse Caspar, beijando-a na testa.

— Quanto tempo vamos ficar fora?

Tudo que sabia sobre a lua-de-mel era que passariam aquela noite na propriedade e viajariam no dia seguinte. Ele fez questão de que a viagem fosse uma surpresa e Francesca não se importava realmente em para onde iriam, desde que estivessem juntos.

— Um mês, no mínimo. Talvez mais.

— Você pode se ausentar todo esse tempo?

Naquela semana febril e agitada de noivado, tinha descoberto como Caspar era ocupado e quantas obrigações precisava cumprir em relação a Lanyon. Sua agenda mostrava nada menos de sessenta horas de compromissos como "a nova plantação", "ver o gerente da fazenda", "conferência com os contadores", "escolha das tapeçarias com os fornecedores".

— Dei cinco anos de minha vida para este lugar e ele não irá à falência, se me ausentar por um mês. Não está curiosa para saber onde vou levá-la, querida?

— Claro que estou.

— Vamos voltar a Antigua e navegar de lá para Granada. Que tal?

— Caspar! É perfeito, amor! Mas não no *Ckuva*, não é? Ou você ainda tem o barco?

— Tenho. Nunca poderia vendê-lo... porque sempre esperei que voltássemos juntos, um dia.. Aliás, isso me

lembra... Tenho outra surpresa para você. Está lá em cima, no nosso quarto.

— Qual é o nosso quarto? — ela perguntou, enquanto subiam a escada correndo, como duas crianças felizes.

— Hoje, vamos dormir no quarto que foi do duque de Kent. É o melhor de todos. Custou milhões, quando foi construído, no século dezoito.

Na última vez que tinha visto aquele quarto, todo forrado de veludo azul, Francesca tinha achado úmido e bolorento. E a cama caía aos pedaços.

Subir a escada correndo deixou-a sem fôlego para fazer qualquer comentário ou duvidar da boa escolha de Caspar. Antes que tivesse tempo de se recuperar, ele lançou-lhe um olhar malicioso e disse:

— Não precisa se preocupar, *chica*: não vamos usar o colchão original. Fiz umas pequenas mudanças por lá que espero que aprove. Temos agora colchões modernos e cobertores elétricos. O que era ótimo para príncipes e duques não serviria para milionários americanos. E é esse tipo de gente que vai se hospedar em Lanyon a partir de agora.

— Você deixaria que dormissem nas camas originais?

— Porque não, se esse é o único jeito que temos de conservá-las? Abriu a porta do quarto, que agora cheirava a flores frescas. Francesca entrou, encantada. As cortinas tinham recuperado o aspecto brilhante e as molduras douradas dos espelhos estavam novamente impecáveis.

Parou junto da cama e admirou o desenho do dossel. Caspar aproximou-se e abraçou-a por trás.

— Um conhecedor de antiguidades que veio fazer um levantamento das obras de arte da propriedade descreveu-a para mim como "possivelmente, a cama mais sublime que jamais foi desenhada". — Riu, feliz. — Não sei se alguém já passou alguma noite sublime nela, mas eu espero passar... esta noite.

Francesca virou-se para ele, com os olhos brilhantes.

— Eu também, meu amor.

Abraçaram-se e os lábios dele percorreram o rosto dela, descendo pelo pescoço, enquanto desabotoava o vestido branco. Estava escuro quando Francesca acordou, ainda com a cabeça apoiada no ombro do marido. Uma fresta de luar entrava pelas janelas.

Caspar não eslava dormindo, e sentiu que brincava com uma mecha de seu cabelo perfumado pelos junquinhos.

— Que horas são, querido?

— Dez ou onze, não tenho certeza.

— Será que os empregados não vão achar estranho termos desaparecido?

— Não. A menos que tenham esquecido como foi a noite de seu casamento. Pedi que deixassem o jantar pronto para nós. Você deve estar com fome agora, não está? Não comeu nada, desde o café da manhã.

Acariciou as costas nuas de Francesca.

— Vi você hoje de manhã, colhendo flores no jardim. Eu a teria seguido, mas algumas mulheres acham que dá azar o noivo ver a noiva antes do casamento.

— Não sou supersticiosa. E acho que nada poderá impedir a nossa felicidade.

Ouviu que ele suspirava. Depois, disse, animado:

— Amanha, a essa hora, estaremos de volta onde tudo começou: a bordo do *Chuva*.

— Você disse que tinha outra surpresa para mim? Não vai me contar?

— Falei, sim. — Afastou-a com delicadeza e levantou-se.

Francesca o viu pegar alguma coisa em cima de uma mesinha, mas não estava realmente curiosa. Não queria mais nada, além de ficar com ele pelo resto da vida. Seu marido. Seu amante. Seu amigo. Agora, achava que tinha valido a pena esperar tanto tempo.

— Venha aqui perto da janela — Caspar pediu.

Ela obedeceu. Ele lhe mostrou uma caixinha de veludo e, quando a abriu, o brilho do que havia dentro a fez piscar. Caspar moveu a

caixa, de modo que o luar incidisse sobre as pedras e Francesca teve a impressão de ver gotas que brilhavam, como...

— Uma chuva de brilhantes! Oh, Caspar, que maravilha!

— Não é exatamente como eu disse? Espere que vou acender a luz para você ver os detalhes.

Ela já tinha visto jóias lindas nas vitrines de joalherias famosas de Londres, Paris e Roma, mas nenhuma igual àquela. De um delicado buque de flores (cada pétala e cada flor formada por brilhantes de vários tamanhos), pendiam cinco fileiras de pedras.

— Quase não consegui achar — Caspar disse. — Há muito tempo, antes de pensar que você já tinha superado seu amor infantil por mim, pedi à Sotheby e à Christie que me avisassem, quando tivessem uma jóia catalogada. Eles me disseram que a espera podia ser demorada porque a maioria das jóias antigas de diamantes foi desmontada e modernizada. Essa esteve à venda dois meses atrás. Por pouco, não desisti de comprar. Era insensato e inútil, quando a única mulher para quem eu a daria tinha saído da minha vida e talvez já estivesse casada com outro. Francesca ergueu a caixa de veludo contra a luz do abajur e as pedras faiscaram. Cada fileira, habilmente montada, parecia solta no espaço: o efeito era de gotas de chuva agitadas pela brisa através das folhas.

Foi até o espelho e, pegando um buque com cuidado, colocou-o sobre a pele nua, junto do pescoço.

— Se tiver uma corrente fina, você pode usá-la como colar, além de broche.

Ela não respondeu. Aproximando-se mais, ele vi, pelo espelho, que tinha lágrimas nos olhos e seus lábios tremiam.

Colocando a jóia de lado, o marido abraçou-a e começou a beijar seus olhos umidos.

— Eu quis fazer isso, na primeira vez que você chorou por causa de um presente que lhe dei. Mas você era incrivelmente jovem naquela época. Não teria dado certo.

— Talvez não.

Tinha certeza que seu amor por ele não dependia de idade. Mas, pensando na garota que era naquela ocasião, duvidou de que pudesse dar a ele tudo que merecia.

Caspar tornou a pegar a jóia. Agora, com a chuva de brilhantes presa ao robe de gase cor de pêssego, Francesca sentia-se bastante mulher.

Foram jantar na biblioteca e falar sobre o *Chuva* e as ilhas que visitariam.

Bem mais tarde, ele a tomou nos braços e carregou de volta para o quarto, onde ficaram fazendo amor, recuperando cinco anos de felicidade perdida.

F I M